

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado

Dissertação



**Entre orgasmos ou a falta deles: a construção da sexualidade feminina nas
obras de William Master & Virginia Johnson e Shere Hite**

CAROLINA ABELAIRA SILVEIRA

Pelotas, 2019

CAROLINA ABELAIRA SILVEIRA

Entre orgasmos ou a falta deles: a construção da sexualidade feminina nas obras de William Master & Virginia Johnson e Shere Hite

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Daniele Gallindo Gonçalves Silva

Pelotas, 2019

CAROLINA ABELAIRA SILVEIRA

Entre orgasmos ou a falta deles: a construção da sexualidade feminina nas obras de William Master & Virginia Johnson e Shere Hite

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em História no Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 24 de Abril de 2019

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Daniele Gallindo Gonçalves Silva (**Orientador**)

Doutora em Germanistik/Ältere Deutsche Literatur pela Otto-Friedrich-Universität Bamberg.

Prof. Dr. Fernando da Silva Camargo

Doutor em História pela Universidade Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

D^a. Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Prof^a. D^a. Rosangela Marione Schulz Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Agradecimentos

Inicialmente, devo agradecer a oportunidade de ter realizado esta dissertação à CAPES que, através de sua bolsa, me proporcionou os recursos para que pudesse desenvolver o trabalho de forma plena e dedicada. Agradeço também ao governo Dilma pelo acesso gratuito a Universidade na graduação, mas principalmente na pós graduação. Fator de tamanha importância por conta do momento delicado em que a ciência brasileira se encontra, poder realizar uma pesquisa dentro da área das ciências humanas, passa a ser um meio de resistência frente à estas adversidades.

Agradeço com tamanho carinho à minha amiga e psicóloga Iara Botelho que me ensinou a perceber o grande potencial que carrego. Além das longas conversas, que me deram força para ficar sã, mesmo quando as coisas estavam complicadas. Ao meu marido Tiago Lapuente, meu pilar emocional e maior incentivador desta pesquisa, que estava ao meu lado todas as vezes que pensei que não conseguiria, lembrando-me que eu tinha força.

Quero agradecer ao meu quadrado lindo, minha mãe, minhas irmãs Adriana e Yasmin e minha sobrinha/afilhada, Fernanda. Todas as mulheres e meninas, fortes e grandes, minhas raízes nesta vida. Elas me mostram que o amor e amizade que temos é incondicional e que independente de qualquer coisa, nossa união é para sempre.

Não esquecida nunca, agradeço a minha amiga/orientadora, Prof^a. Dr^a. Daniele Gallindo Gonçalves Silva, que abraçou minhas ideias com tamanho entusiasmo e carinho, como nunca alguém havia feito. Ajudou-me a construir um caminho e um trabalho tão bonito e rico, com o qual espero poder ajudar muitas pessoas ainda. Meu muito obrigada!

Agradeço ainda minhas amigas de infância que, por felicidade, pude reencontrar e tornar parte da minha vida novamente, Luiza da Gama Osório e Mônica Faria. Também agradeço aos queridos Mauricio e Pan, que se tornaram amigos tão próximos, meus presentes do mestrado. Agradeço minhas amigas queridas, companheiras e feministas Carol Atencio, Carol Matosso, Dr^a Rejane Barreto Jardim, Dr^a. Mônica Karawejczyk, Camila Braga, Fabíola e demais mulheres lindas que, guerreiramente, fazem pesquisa nesse país.

Aos demais amigos, familiares e principalmente aos colegas da banca e professores, Dr. Fernando Camargo, Dr^a. Michele Vasconcelos e a Dr^a. Rosângela Schulz. Muito obrigada!

“Quem não sente no corpo a alma expandir-se até desabrochar em puro grito de orgasmo, num instante infinito?”

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A regulação do corpo é um dos principais meios de normatizar a sexualidade. Ela normatiza, além da sexualidade, o seu lugar como sujeito no mundo. Baseada nos discursos de Foucault sobre o conceito de biopolítica, vamos discorrer sobre como a regulação corpórea, principalmente a feminina, atuou na normatização da sexualidade nos Estados Unidos pós obras de Masters e Johnson. Iniciamos apresentando um breve histórico de como a sexualidade foi tratada e compreendida, ao longo dos tempos, chegando ao objeto principal deste trabalho que é a sexualidade através dos trabalhos de Masters, Johnson e Hite. Os trabalhos de Masters e Johnson são importantes para o século XX, pois empoderaram as mulheres com um saber realista, permitindo que escolhas sejam feitas a partir de informações médicas. E abriram espaço para uma nova categoria médica: os sexólogos. Permitindo a abertura de diálogos sobre sexo, importantes para o desenvolvimento da pesquisa de Shere Hite. Onde a mesma, através de questionários, pergunta diretamente as mulheres o que elas sentem com relação ao sexo. Por isso, esta dissertação apresenta a análise das obras *A Conduta Sexual Humana* (1966), *O Vínculo do Prazer* (1975), ambas de autoria de Masters e Johnson, e *O Relatório Hite da Sexualidade Feminina* (1980), de autoria de Shere Hite. E traça a representação da sexualidade feminina presente em cada uma das obras, compreendendo assim, como o sujeito mulher foi percebido nos Estados Unidos no período de 1950–1976.

Palavras-Chave: Sexualidade; Gênero; Estados Unidos; Corpo

Resumé

La régularisation du corps s'agit d'un des principaux moyens de normalisation de la sexualité. Celle-ci normalise, outre la sexualité, son lieu en tant que sujet au monde. Basé sur les discours de Foucault à l'égard du concept de biopolitique, on discute la façon dont la régularisation du corps, particulièrement du corps féminin, a contribué pour la normalisation du corps aux Etat-Unis suite à les apportes de Masters et Johnson. Au début, on présente un bref état de l'art sur comment la sexualité fut traitée et comprise à travers l'histoire pour enfin atteindre l'objet principal de ce travail, la sexualité dans les études de Masters, Johnson et Hite. Les travaux de Master et Johnson sont importants au XXème siècle puisqu'ils soulèvent l'émancipation féminine à partir d'un savoir réel, ce qui en fait une permission aux choix prises d'après les informations médicales. Par ailleurs, ces débats soulignèrent une nouvelle catégorie médicale aux sexologues permettant l'ouverture aux dialogues concernant le sexe. Tout ce contexte déclenche la recherche de Shere Hite dans laquelle l'auteure questionne aux femme ce qu'elles sentent par rapport au sexe. Ce mémoire analyse les ouvrages *A Condição Sexual Humana* (1966), *O Vínculo do Prazer* (1975), les deux par Masters et Johnson, ainsi que *O Relatório Hite da Sexualidade* (1980) afin d'explorer la représentation de la sexualité féminine présente dans chacune de ses ouvrages pour ensuite comprendre comment le sujet « femme » est perçu aux Etat-Unis entre 1950-1976.

Mots-Clé: Sexualité. Genre. États-Unis. Corps.

Lista de Figuras

Figura 1. Ciclo de Resposta Sexual Masculina.....	80
Figura 2. Ciclo de Resposta Sexual Feminina.....	81
Figura 3. Distribuição por idade de indivíduos femininos e masculinos.....	83
Figura 4. Os órgãos genitais femininos.....	85

Lista de Tabelas

Tabela 1. Grupo de Mulheres do Simpósio nº1.....	89
Tabela 2. Grupo de Mulheres do Simpósio nº 2.....	89
Tabela 3. Grupo de Mulheres do Simpósio nº3.....	90
Tabela 4. Estado Civil.....	92
Tabela 5. Idade.....	93
Tabela 6. Religiões.....	93
Tabela 7. Educação.....	94
Tabela 8. Ocupação de acordo com o que as leitoras escreveram.....	94

Sumário

Introdução	12
1 De colônia a potência mundial.....	24
1.1 Consumo e Desejo: as obras e seus contextos.....	33
1.2 Como Napalm	39
2 (Des) construindo Gênero, Corpo e Sexualidade	51
2.1 Sexo, gênero e corpo	51
2.2 Sexualidade.....	57
2.2.1 Os discursos médicos: medicina, psicanálise e sexologia	59
2.2.2 Entre orgasmos e desejos: a sexologia em Masters e Johnson.....	67
2.2.3 O Relatório Shere Hite.....	74
3 Entre orgasmos ou a falta deles: construções de sexualidade em Master & Johnson e Hite.....	78
3.1 Master of Sex	78
3.2 Do Vínculo ao Relatório: o que nós mulheres achamos, gostamos e queremos	88
Considerações Finais	113
Referências Bibliográficas.....	118
ANEXOS	124

Introdução

*I don't want anybody else
When I think about you I touch myself*
(Divinyls, 1991)¹

Iniciamos esta dissertação referenciando esta canção que expõe em sua letra o ato da masturbação. Começaremos esse percurso pelo ano de 1991, para depois regressarmos ao período do pós Segunda Guerra (pós 1945), nos Estados Unidos, quando a representação da sexualidade feminina é normatizada por discursos médicos e políticos. A escolha desta música para abrir o trabalho deu-se pelos seguintes fatores: por ser uma canção de um grupo no qual a líder é uma mulher, mas que tem sua imagem hipersexualizada que, ao mesmo tempo em que permite ela assumir sua sensualidade, faz com que ela carregue uma imagem colegial, quase infantil. O tema de cunho sexual da música, que aponta para um tema não recorrente em uma sociedade conservadora, mas que, ao mesmo tempo em que libera o “sentir prazer”, o prende dentro de uma relação amorosa, romantizada no momento em que “ela não pensa em mais ninguém apenas nele, e isso a faz se tocar”. Mostrando que, mesmo sob a perspectiva de liberdade sexual, a letra e a postura do grupo remontam o comportamento pré estabelecidos no pós guerra.

Mesmo que o pós Segunda Guerra tenha iniciado uma propagação dos discursos sobre sexualidade, principalmente com os estudos de Alfred Kinsey, falar

¹ No ano de 1991, vários lugares do mundo tocavam repetidamente na rádio a música *I Touch Myself* do grupo Divinyls. Com um refrão que dizia “Eu não quero nenhum outro. Quando penso sobre você eu me masturbo”, a música adentrou a casa das pessoas, foi cantada por jovens e adultos. A banda australiana ficou conhecida pelo hit e pelas performances de sua vocalista Christina Amphlett, que sempre usava um uniforme de escola, cinta-liga e um pedestal de microfone em néon. Em janeiro de 2016, nas comemorações de 25 anos da canção, o repórter Drew Mackie escreveu ao site da People Celebrity que “Em um mundo onde a sexualidade feminina e a masturbação ainda são amplamente temidas e demonizadas, precisamos pagar um grande respeito pelas valentes mulheres que nos capacitam. 'I Touch Myself' não é apenas uma música de festa, mas também um encorajado call-to-action. A Amphlett nos lembrou de que temos o controle de nossos próprios corpos e prazer, e não há vergonha nesse jogo”. No ano de 2013, a vocalista Christina Amphlett veio a falecer vítima do câncer de mama, detectado por ela enquanto fazia o autotoque. O legado de 'I Touch Myself' foi mais além do que a libertação da sexualidade feminina, ele alcançou o patamar de incentivo ao autoexame das mamas, servindo como chamada para o projeto *I Touch Myself* criado por sobreviventes de câncer de mama. No link abaixo, podemos ver uma das performances de Christina amphlett <https://www.youtube.com/watch?v=r71xajhDFUo> (PEOPLE STAFF, Disponível em: <http://people.com/celebrity/i-touch-myself-25-years-later-5-things-you-didnt-know/> Acessado em 01/03/2018).

de sexualidade feminina era determinar qual sua posição no casamento. Discursos midiáticos e estatais determinavam que o lugar da mulher era na reprodução e no consumo. Foram construídos conceitos para justificar tal posição. Desta forma, teremos que inicialmente desconstruir conceito como sujeito, identidade, gênero e relações de poder — conceitos que são construídos através de discursos e que exercem controle sobre o corpo, atuando, então, sobre os indivíduos e sobre a sociedade.

O objetivo deste trabalho é traçar as representações do feminino através das narrativas *A Conduta Sexual Humana* (1966) e *O Vínculo do Prazer* (1970), respectivamente, de William Masters e Virgínia Johnson, bem como o *Relatório Hite da Sexualidade Feminina* (1976), de Shere Hite. E, desta forma, compreender como a construção da sexualidade através dessas narrativas é refletida no casamento e como é representado o sujeito homem no período de 1950, 1960 e 1970 nos Estados Unidos.

Nossa busca em analisar *A conduta Sexual Humana* (1966), *O Vínculo do Prazer* (1975) e o *Relatório Hite da Sexualidade Feminina* (1980) era para entender que tipo de representação da sexualidade feminina estava sendo estampada e vendida através destas obras. Em ambas as obras analisadas é perceptível que muitas das mulheres tiveram acesso à obra *A Conduta Sexual Humana* (1966), porém, elas muitas vezes dentro de sua realidade social não compreenderam exatamente o que era proposto, ou não possuíam bases em sua educação para colocar em prática.

É representada no *A Conduta Sexual Humana* (1966), uma sexualidade feminina um tanto liberal. As voluntárias estavam dispostas a participar de um laboratório de atos masturbatórios e sexo com outros voluntários. A naturalidade para lidar com a situação de maneira aberta demonstra que estas mulheres participantes eram diferenciadas das demais. E diremos o porquê mais a seguir.

Em *O Vínculo do Prazer* e o *Relatório Hite* tivemos acesso a mulheres comuns e seus anseios. Diferindo da obra anteriormente citada, aqui foi possível ver que atos como a masturbação, e o próprio coito, traziam vergonha. Muito foi dito por elas que não gostavam que o parceiro soubesse que estavam sentindo um orgasmo, isso as deixava envergonhadas. Entrando em conflito com os relatos da obra de

1966, em que tanto o coito como a masturbação eram filmados e analisados por um grupo de médicos.

Podemos dizer que a sexualidade representada é frágil, carregada de tabus e conceitos ruins sobre o sexo. Elas cresceram ouvindo que a masturbação era um ato pecaminoso e sujo, que o sexo, se não fosse dentro do casamento, era desaprovado. Fazia-se sexo, às vezes se conhecia como os bebês eram criados e como funcionava a menstruação, mas não se discutia os temores e os tabus. Elas aprendiam ou desaprendiam sobre sua sexualidade muitas vezes diretamente no casamento, com ou sem o apoio do amante/companheiro que estava tão introduzido dessa perspectiva social que acabava mais fazendo mal do que o bem.

Para que se possa ter um olhar mais amplo do que essas narrativas representaram para seu período, devemos traçar um pequeno contexto histórico. Ambos os autores são estadunidenses, desenvolveram seus estudos nos períodos que compreendem as décadas de 1950 e 1970. Da década de 1950 até a década de 1970, temos a introdução do modelo do *American Way of Life*. Esse modo de vida injetou uma onda de consumo surpreendente nos EUA, assim como uma explosão demográfica (Baby Boom), a migração dos grandes centros urbanos para os subúrbios, e o principal, uma nova posição da mulher nessa sociedade. Este modelo conservador tirou a mulher do ambiente público onde trabalhava no período da guerra e a levou de volta ao âmbito privado do Lar.

Esse movimento conservador vendido pelos programas de televisão, revistas e estrelas de cinema só fez com que houvesse a criação de uma massa descontente, desprovida de direitos básicos e empobrecidas pela manutenção desse estilo de vida. Temos, nesse período, a restauração de diversos movimentos sociais, principalmente o movimento de mulheres que culminou na segunda onda do feminismo². Essa nova onda é importante para nós, já que a luta do movimento tem por objetivo a busca pela liberalização da contracepção e do aborto. Ampliando a legislação no que tange este assunto.

² Há três momentos importantes para o movimento feminista, nos quais são denominadas ondas. A primeira onda, com início no século XIX até o século XX, ocorreu na Europa e Estados Unidos e teve como foco principal o direito ao voto. A segunda onda feminista importante para este trabalho tem início na década de 1960 e vai até 1980, cuja maior preocupação estava ligadas a questões igualdade e discriminação. O terceiro momento importante se daria a partir de 1990: um momento para discutir e colocar em pauta os paradigmas criados nos outros dois momentos e trazer uma significação para eles.

Fechando essa contextualização, não podemos deixar de falar sobre como se dá a representação da sexualidade. Ela é construída através de discursos, cujos objetivos estão em imprimir normas e disciplinas no corpo, a fim de docilizá-lo, conhecê-lo e controlá-lo. Dada nossa problemática de pesquisa, o referencial teórico se vincula às teorias de gênero, ao conceito de biopolítica (relação Estado/Poder), representação e identidade e sexualidade, coordenadas com a metodologia de análise própria.

Os estudos das relações de gênero é um campo interdisciplinar que procura compreender as relações entre os gêneros — masculino e feminino — na cultura e na sociedade humana. Teorizado a partir da década de 1980, com teóricas como Joan Scott, Judith Butler, Teresa de Laurentis, entre outras, no Brasil, só receberam maior visibilidade na década de 1990 com a tradução e publicação de um texto de Joan Scott. Em nosso país, encontrou um campo fértil na história das mulheres e tem como marco a formação do grupo de estudos de gênero, iniciado por pesquisadoras da UNICAMP, entre elas: Margareth Rago; Adriana Piscitelli. Elisabeth Lobo e Mariza Corrêa. Atualmente é um campo que cresce dentro das pesquisas de diferentes áreas do conhecimento, dentro das ciências humanas, com grande desenvolvimento de pesquisas realizadas por mulheres (SOIHET; COSTA, 2015, p.347–351). No Brasil, um exemplo de trabalho que integra gênero e sexualidade, principalmente utilizando os autores aqui analisados, é Tito Sena³.

Quando pensamos nas teorias de gênero, teorizamos a partir dos escritos de Judith Butler (2016). Para a autora, gênero seria caracterizado como uma estrutura na qual, através dela, o *sujeito* é moldado. Mas o que seria esse *sujeito*? Para Butler, seria uma estrutura linguística em construção, que só poderia ser descrita e constituída através de uma discussão dialética. Assim, poderemos pensar em Identidade de Gênero como uma consequência de atos preexistentes e sua escolha será sempre limitada por normas existentes; essas normas seriam, então, pré-

³ Doutor em Ciências Humanas, título obtido em 2007 pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1994), graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Catarina (1982) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Atualmente é professor Adjunto da Universidade do Estado de Santa Catarina. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: relações humanas, saúde, sexualidade, desenvolvimento e aprendizagem, trabalho. Possui título de Especialista em Psicologia Educacional e Escolar concedido pelo CFP em 2001 e Especialista em Educação Sexual pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1998). Na UDESC, atua como pesquisador do LABGEF - Laboratório de Gênero e Família e do NES - Núcleo de Estudos da Sexualidade. Professor do Programa de Pós-graduação em Gestão da Informação - PPGInfo/UDESC. Membro do IEG - Instituto de Estudos de Gênero da UFSC. Tito Sena faleceu no ano de 2015.

determinadas por uma matriz cultural, na qual tornaria inteligível certos tipos de identidade de existir ou não. Dessa maneira, é muito difícil separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais, visto que é através delas que serão visíveis novas especificidades identitárias (BUTLER, 2016, p. 21).

A autora discute a existência de uma especificidade do feminino.

[...] a noção binária de masculino/ feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade (BUTLER, 2016, p. 22).

Para Butler, tal fato acontece porque a identidade nasce do interior dos discursos, que incutirão na sociedade uma construção de ideal do eu interior, levando a internalização de determinadas identidades de gênero, em sua maior parte através de tabus e sanções reguladoras e determinadoras das identificações masculinas e femininas.

Para podermos analisar as obras citadas, basear-nos-emos na ideia de Stuart Hall, que diz que devemos entender as identidades como posições em que o sujeito é obrigado a se enquadrar dentro da sociedade, embora sabendo sempre que estas identidades são representações (BUTLER, 2014, p. 112). A representação nada mais seria do que um processo no qual os membros de uma cultura usam a linguagem para produzir sentido, esse sempre em estado de mudança de uma cultura para outra ou de um período para outro (HALL, 2017, p. 109).

No caso da pesquisa, para compreender a condição feminina, entendemos que essa “condição” é o que determina uma identidade comum para as mulheres com base na biologia, vinculada ao seu nascimento; logo, será legitimada pelos discursos que determinam o que seria normal biologicamente.

Antes de nomear o que é normal ou anormal quando tratamos de sexualidade, precisamos compreender como determinados discursos, normas e leis passaram a serem reguladores principais dos atos sociais, ou seja, como nasceu o conceito “Biopolítica”.

A Biopolítica foi, e ainda é, o controle dos corpos de maneira a torná-los mais dóceis e assertivos a aceitarem discursos e normas reguladores de uma determinada instituição, entendendo para isso que o corpo é, segundo Woodward,

“[...] um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem somos servindo de fundamento para a identidade” (WOODWARD, 2014, p. 15), no nosso caso, a identidade sexual. O controle do corpo foi indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, pois, somente através dele foi possível a inserção controlada dos corpos no aparelho de produção. Para conseguir essa inserção, foram desenvolvidas diversas técnicas como a criação de escolas e colégios disciplinares, disseminando normas reguladoras e discursos; nas práticas políticas, como a criação de normas e leis de saúde pública, de habitação e controle de natalidade (FOUCAULT, 2017, p. 151).

Mas como a Biopolítica determinou o que é normal em sexualidade? Quando tratamos da sexualidade feminina, percebemos o quanto os discursos anteriores ao século XVII não se dedicavam a esse tema: vimos apenas o discurso com relação à reprodução da espécie, enquanto a sexualidade masculina era trabalhada e passava por normas reguladoras de conduta. Com a chegada do século XIX e o nascimento da Ginecologia Moderna, o saber médico passa a definir a mulher como ser biológico incapaz de participar ativamente da esfera pública, sendo inteiramente ligada à esfera privada. Para Michel Foucault, “[o] corpo da mulher foi analisado, — qualificado e desqualificado — como corpo integralmente saturado de sexualidade [...], integrado sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas” (FOUCAULT, 1988, p. 99). Essa preocupação com o corpo feminino e sua sexualidade é importante para as relações de poder, porque o corpo é uma estrutura imaginada e pensada como passível de sofrer com as práticas sociais e discursivas. A toda hora, o corpo é deparado com discursos e práticas que lhe são investidas, que lhe incitam desejo, produzem o imaginário movimentando assujeitamentos e resistências. Como diz Butler, “[o]s corpos carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (BUTLER, 2002, p. 163).

Todas as pessoas estão a mercê da influência do poder disciplinar e a Biopolítica, invisivelmente se alastrando por todo o cotidiano social. Com esse princípio, vemos que as identidades sexuadas são assumidas através de rejeição e exclusão das identidades fora do contexto da heterossexualidade. Então, percebendo que gênero e sexo são culturais e construídos discursivamente, compreendemos que o sexo em si, impõe uma unidade artificial sobre um conjunto de atributos, gerando práticas que penetrarão na sexualidade, abrindo caminho para

intervenções de normalizações. Dessa forma a Medicina adentrou a vida dos casais, utilizando-se dos discursos médicos. O sexo é uma das formas pela qual o poder irá disciplinar os corpos.

Mas como o poder consegue ser reproduzido? Foucault faz proposições sobre o poder, tais como: que seria por conta de condições internas que os efeitos das relações de poder agiriam de maneira imediata sobre o sujeito; que ele atua nas famílias, instituições, atravessando o conjunto do corpo social. Ele exerce uma série de intuítos e objetivos, mas não resultam de uma escolha de um sujeito individual. As correlações de poder só existem por conta da multiplicidade de pontos de resistência (lembrando que a identidade é compreendida a partir das diferenças) com o poder ocorre da mesma forma (FOUCAULT, 2017, p. 101–106).

Não podemos analisar o que é dito sobre sexo como um discurso dividido entre o dominante e o dominado, mas como uma multiplicidade de discursos. Michel Foucault descreve quatro dispositivos históricos, de saber e poder, a respeito do sexo: 1. A histerização do corpo da mulher, 2. Pedagogização do sexo das crianças, 3. Uma socialização das condutas de procriação e 4. Isolamento do instinto sexual como instinto biológico (FOUCAULT, 2017, p. 112–113). Então, nada melhor que usar a sexualidade como um dispositivo que penetra nos corpos de maneira detalhada e que consegue disciplinar a população.

Para a análise das obras, foi necessária à criação de um método que unisse a questão discursiva e histórica, sem entrar em determinada corrente teórica como a análise do discurso. Partimos da ideia foucaultiana de que os discursos são “[...] práticas que sistematicamente formam os objetos sobre os quais falam” (FOUCAULT, 2008, p. 55). Baseando-nos na historiadora Andréia Cristina Lopes Frazão Silva, que coloca o desenvolvimento de uma técnica própria de análise.

[...] evitar que o pesquisador use a sua fonte como prova ou mera ilustração; faça somente uma análise literária dos documentos; produza paráfrases; imprima anacronismos e juízos de valor à sua análise. O que propomos aqui, portanto, é uma técnica que permita desconstruir as enunciações chegando, assim, a reconstruir um dado discurso (SILVA, 2002, p. 7).

Pensando desta forma, o método construído por mim parte inicialmente de uma leitura inicial integral das obras selecionadas, para compreender a obra de maneira integral. Após a primeira leitura foram selecionados aqueles capítulos que

estavam mais próximos de uma resposta acerca da sexualidade feminina. Baseando-me na importância social que o orgasmo desenvolve ao longo das décadas, especialmente as décadas de 1950–1970, compreender como esses atores sociais percebiam o mesmo, foi de tamanha importância. Já que a discussão sobre ter ou não orgasmos foi importante nas discussões psicanalíticas, principalmente pelos estudos de Freud, onde os excessos podiam ser considerados doenças psíquicas, com o pós guerra trazendo a importância do orgasmo na relação dos casais, até o ponto de nossos autores, onde a importância do orgasmo passa a ser individual. E estes fatores aqui discutidos, apesar de cunho sexual, moldaram a visão social e comportamental das relações entre homens e mulheres.

Para esta análise foram escolhidas três obras, duas delas de Williams Masters e Virgínia Johnson e uma terceira escrita por Shere Hite. Partindo de um sistema de pirâmide, no qual a obra *A Conduta Sexual Humana* (1966), de Masters e Johnson, estaria no topo e na base estariam *O Vínculo do Prazer* (1975) dos mesmos autores e o *Relatório Hite da Sexualidade Feminina* (1980) de Shere Hite. O sistema foi pensado com *A Conduta Sexual Humana* (1966) no topo, como uma obra de referência para as demais, por trazer em seu interior um conteúdo de cunho anato fisiológico tanto da sexualidade feminina quanto masculina.

A escolha desta fonte deu-se por ser de cunho médico e trazer a anatomia e a fisiologia da conduta sexual, através de pesquisa em laboratório, e por ter sua utilização na área da ginecologia e urologia, mas principalmente por ter dado abertura para discussões sobre sexualidade fora dos consultórios médicos e oportunizar a escrita de outras obras que discutiam sexualidade, dentre elas nossas duas obras da base do triângulo.

O Vínculo do Prazer (1975) e o *Relatório Hite da Sexualidade Feminina* (1980) vieram posteriormente ao lançamento de *A Conduta Sexual Humana* (1966), e surgiram após a necessidade de abrir espaço para que as pessoas pudessem tirar suas dúvidas sobre sexualidade e também para retórica a essas descobertas, abrindo um espaço para que, principalmente mulheres, pudessem dizer o que sentiam, o que gostavam e o que estava errado, no que tangia sua sexualidade.

Desta forma, pensei na análise das obras como uma pirâmide onde *A Conduta sexual humana* (1966) estaria no topo e *O vínculo do prazer* (1975) e o *Relatório Hite* (1980) estaria na base. A obra do topo, por ser de cunho anato

fisiológico, serviria para relacionar as respostas pessoais das entrevistadas aos conceitos e saberes médicos em vigor, na década de seus lançamentos.

Após a leitura da primeira obra *A Conduta Sexual Humana* (1966), foram selecionados para análise: o prefácio contendo 4 páginas. O primeiro capítulo, “A Resposta Sexual Humana”, no qual há uma explicação sobre o ciclo de resposta sexual e o grupo de pesquisa contendo onze páginas. E por fim o capítulo “A Resposta Sexual Feminina”: Resposta extragenital feminina, genitália externa feminina, o clitóris, a vagina, a vagina artificial, o útero, o orgasmo feminino, gravidez e resposta sexual, totalizando 150 páginas. Após a seleção, passei para a segunda obra de Masters e Johnson *O Vínculo do Prazer* (1975), da qual escolhi o capítulo um, sobre o tema Casamento, selecionando sessenta e três frases, proferidas pelas mulheres participantes dos simpósios. E ainda o capítulo Variações do tema casamento, onde foram selecionadas 20 diálogos.

Em Hite, foram selecionados os capítulos: Masturbação (com trezentas e vinte e uma frases), orgasmo (seiscentas e sete frases), coito (duzentos e cinquenta e quatro frases), estímulo clitoral (quinhentas e quarenta e nove frases) e lesbianismo (setenta e seis frases), totalizando 1807 frases, maneira a qual elas foram enumeradas para facilitar a análise. Em seguida, foi criado um esquema de três eixos principais, através do qual as frases selecionadas seriam distribuídas de acordo com seu conteúdo pré analisado. A ideia dos três eixos foi importante pela quantidade de conteúdo analisado, 1890 frases, mais 165 página da primeira obra, que ao serem analisadas e redistribuídas totalizaram 174 frases.

O eixo A traria como tema central o orgasmo: abrangendo sua importância, os sentimentos quanto a ele, a pressão social para atingi-lo, a pressão de performance e como elas respondiam as mesmas. No eixo B, tema central era a relação orgasmos indivíduo: aqui analisamos respostas relacionadas ao orgasmo, através do coito, com estimulação clitoral e penetração, orgasmo provocado por masturbação sendo este solo, em dupla e pós-coito, e a ausência de orgasmo tanto pelo coito, como pela masturbação.

E por fim, o eixo C, chamado conversas íntimas, no qual é discutida a masturbação - desejo e culpa - pela educação, criação e parceiros, a importância da masturbação, a estimulação clitoral e as emoções a ela ligadas, quais as categorias de estimulação que as mulheres preferem, a questão do sexo oral, orgasmos

fingidos, o sexo e parceiros, quando o parceiro deixa a desejar e encerra com as relações lésbicas.

Com o esquema determinado, realizamos uma nova seleção de respostas, agora buscando diminuir o corpus de modo a limitar o número de respostas parecidas e trazer diversidade. Aquelas cujas respostas eram parecidas, selecionava duas apenas dentre as tantas que surgiam e então elas eram distribuídas dentro do esquema ao qual elas estavam relacionadas. Quando a estrutura e as frases estavam por fim alocadas em cada uma das opções, é que passei a analisar cada uma dentro de seus respectivos períodos históricos e culturais. Somente dessa forma consegui realizar a seleção e análise das obras de maneira adequada, visto que dois anos de pesquisa para analisar três obras não seriam suficientes se a análise fosse realizada tendo como corpus as 1890 frases.

Como discutido anteriormente, analisar os discursos sobre sexualidade são importantes, pois, muitos deles foram importantes para a manutenção de uma “heterossexualidade dita como normal”, mantendo padrões hegemônicos de controle destes corpos. Foucault vai nos dizer que os discursos são saberes e compreensões produzidas pelas sociedades sobre as relações humanas, assim sendo,

Um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 1960, p. 43).

essa ligação dos discursos com o social vai ser crucial para desenvolver uma resposta às análises feitas. Iniciando com *A Conduta Sexual Humana* (1966), lançada no Brasil pela editora Civilização Brasileira S.A, com tradução do Dr. Dante Costa. Nela vamos expor os dados dos participantes do estudo, compreender sobre o ciclo de resposta sexual feminina e masculina e entrar no que o autor chamou de *Resposta Sexual Feminina*, onde estão as características anato fisiológicas do aparelho sexual feminino antes, durante e após a estimulação e coito. Entender a visão dos autores, nesta questão médica, é determinante para compreender o contexto dos discursos das outras obras. Já que *A Conduta Sexual Humana* (1966) serviu como guia de autoconhecimento da sexualidade, sendo distribuído nas livrarias e com a participação dos autores em programas de rádio, TV e jornais, tirando dúvidas da população sobre seus corpos e sua sexualidade.

Após o debate em cima de *A Conduta Sexual Humana* (1966), nosso trabalho vai ser dividido em duas frentes: a primeira com a análise da fonte *O Vínculo do Prazer*, utilizaremos a edição brasileira de 1975, lançado pela editora Círculo do Livro e a versão em língua inglesa do ano de 1975, da editora Bantam Books, em que foram selecionados os capítulos um e dois, o primeiro sobre o tema casamento e o segundo variações do tema casamento. Dentro destes capítulos, leremos criticamente as perguntas e, principalmente, as respostas dadas pelas mulheres selecionadas pelos autores da obra. A segunda fonte será *Relatório Hite da Sexualidade Feminina*, utilizando a 9.^a edição de 1980, em língua portuguesa da editora Difel e a edição em língua inglesa 8.^a, de 1976 pela editora Dell, onde será realizado o mesmo roteiro, análise crítica das perguntas e respostas, agora selecionando os capítulos sobre masturbação, orgasmo, coito e estímulo clitoral. Em ambas as obras, serão apresentadas os dados sobre as pessoas entrevistadas, sua idade, estado civil, religião, educação e ocupação. Assim como em anexo as perguntas realizadas tanto no *Vínculo do Prazer*, como no *Relatório Hite da Sexualidade Feminina*.

A primeira hipótese é que há três representações distintas para mulheres, em três fases do contexto do pós-guerra: a sexualidade feminina e a representação da mulher que vivenciou a segunda grande guerra, uma sexualidade feminina e a representação da mulher pós 1945 e uma terceira sexualidade feminina e a representação da mulher pós-revolução sexual de 1969. Em cada uma dessas fases, há uma percepção do sujeito mulher na sociedade, sem esquecer de que nenhuma delas possui uma data de início e de término. Outra hipótese é que, mesmo com a segunda onda do feminismo, foram os discursos médicos e políticos que tiveram mais força na manutenção do lugar da mulher na sociedade. Embora tenham ocorrido mudanças sociais no período, as quais poderiam levar a uma modificação dessa condição feminina, percebemos que os discursos médicos geraram uma falsa sensação de liberdade sexual. Perceptível quando lemos os relatos existentes no *Relatório Hite da Sexualidade Feminina* (1976), no qual as mulheres falam que se sentem mais aprisionadas do que antes, por exemplo, na questão referente ao orgasmo, como se o fato de senti-lo fosse obrigatório a todas as mulheres, criando uma divisão entre mulheres que seriam saudáveis por tê-lo e mulheres com algum problema sexual por não conseguirem atingí-lo.

No primeiro capítulo A Sociedade Estadunidense e a (Re) construção da Sexualidade: Johnson e Masters e Hite. Apresentaremos o contexto estadunidense que permitiu com que as obras fossem realizadas e que ganhassem a simpatia dos leitores assim como a relação de seu lançamento e o contexto.

O segundo capítulo intitulado (Des) construindo Gênero, Corpo e Sexualidade. Trazemos uma discussão sobre a construção e a desconstrução ao longo dos tempos dos conceitos de corpo, gênero e sexualidade. Também traz um breve histórico dos autores Masters e Johnson e como foram realizados seus estudos, e o histórico da autora Shere Hite.

Já no último capítulo Masters of Sex, trazemos detalhadamente a análise das três obras selecionadas. Iniciando com *A Conduta Sexual Humana* (1966), entendendo como funcionava a anatomofisiologia do aparelho reprodutor feminino. Após esta análise, entramos nas obras *O Vínculo do Prazer* (1975) e *O Relatório Hite de Sexualidade Feminina* (1976). Vamos conhecer as participantes, explorar suas respostas e relacioná-las com os conceitos já discutidos no primeiro capítulo.

1 De colônia a potência mundial

A história estadunidense, conseqüentemente a história de suas mulheres, passou por diferentes transformações econômicas, sociais e, principalmente, em sua sexualidade. A mulher americana e sua sexualidade transformam-se a partir da variedade de costumes sexuais do início de suas colônias, passando pelas repressões do século XIX, até a sensação de libertação, trazida pelo século XX. Sua formação cultural diversificada, as influências médicas e o impacto da expectativa e interpretação da sexualidade feminina permitiram as transformações. De qualquer maneira, não pode deixar de atribuir uma parte das mudanças às próprias mulheres, suas escolhas e interesses, principalmente a partir do século XIX. O grupo das mulheres estadunidenses, no início de suas colônias, era tamanho diversificado de indígenas, as escravas africanas e colonas de diferentes nações europeias, todas foram importantes para moldar a sexualidade feminina estadunidense.

Dentro das novas colônias inglesas de origem puritana, o sexo marital era visto como o mal necessário, tolerado para fins de reprodução e contenção das tentações sexuais não maritais. As chamadas colônias do meio, particularmente Nova York e Pensilvânia, havia um padrão sexual mais relaxado, o sexo antes do casamento era um costume social, aceito entre grupos como os holandeses e a única prática sexual fora do casamento que recebera severa punição era a miscigenação.

Nas colônias do Sul, a influência religiosa predominante fora da Igreja Anglicana e a sexualidade feminina fora muito influenciada pela escravidão. O adultério para homens era socialmente aceitável, em comparação, à mulheres brancas de classe média se era esperado fidelidade e pureza para com seus maridos. Era abertamente aceitável homens terem relações com escravas e servas, as quais eles controlavam. A grande motivação desse padrão entre homens e mulheres fora evitar “confusão de progênie”, de modo a conservar a herança (LEWIS, 1980, p.19–21).

O final do século XVIII trouxe consigo uma expansão da classe média acompanhada de uma preocupação com a propriedade, assim como a busca pela aceitabilidade social. Passou se a ter uma preocupação constante com o que “outros” pensariam e como julgariam o comportamento de alguém, e esta preocupação refletiu diretamente no comportamento sexual. O prazer sexual

feminino era considerado perigoso em termos teológicos, começa a ser inaceitável socialmente, mesmo no casamento (LEWIS, 1980, p.22).

Outro fator importante para a mudança nas atitudes sociais estava relacionado ao trabalho, agora não havia maior necessidade do trabalho feminino, como era antes. A família de sucesso estava na esposa cuidando da casa, imitando o comportamento da classe alta europeia. A relação entre homens e mulheres nesta crescente classe média tornou-se rigidamente formal e adequada para que os dois sexos se apoiassem em papéis separados. Outro fator de contenção sexual muito comum no século XVIII fora a diminuição e controle no número de gestações, em comparação com o período colonial, em que as taxas de natalidade possuíam taxas surpreendentes. A sociedade agora influenciada por Thomas Malthus⁴, passou a ser adepta do movimento moderno de controle de natalidade. E a abstinência era a única certeza de controle de natalidade (LEWIS, 1980, p.22–25).

O advento da chegada do século XIX trouxe consigo a primeira discussão pública sobre sexualidade feminina por volta de 1830, quando livros sobre fisiologia sexual e higiene começaram a surgir. Escritos em grande parte para a classe média, clérigos protestantes e médicos. Traziam em suas páginas que a fêmea americana do século XIX era “incapaz de sentir satisfação sexual completa e eram sujeitas particularmente à anestesia sexual” (ELLIS, 1903). Além da literatura, outro fator teve um efeito profundo no comportamento sexual das mulheres estadunidenses: as doenças venéreas. O número de pessoas infectadas com gonorreia e sífilis cresceu bastante na segunda metade do século XIX.

Estimando que 30% dos homens e mulheres havia contraído uma infecção venérea. Muitas mulheres acabaram infectadas dentro do casamento, através dos casos extraconjugais dos maridos, afetando até mesmo os filhos dos casais. O uso de nitrato de prata, para prevenir a cegueira em bebês, só estaria disponível em 1884, e o progresso em qualquer tratamento contra a sífilis demorou até 1945, com a introdução da penicilina no controle de doenças.

Assim como o sexo, a masturbação também fora desaconselhada na maioria das vezes, relacionando-a as diferentes doenças, sofrendo repreensões e contenções físicas àquelas que a praticavam. A técnica mais comum nos Estados

⁴Thomas Malthus fora um economista inglês do século XVIII que desenvolveu em sua obra *Principio da População*, a teoria de que a população crescería tanto que seria impossível produzir alimento suficiente para alimentá-la. Propondo uma política de controle de natalidade para tentar conter a explosão demográfica.

Unidos para conter a masturbação feminina fora a clitoridectomia, (remoção do clitóris). Muito da dificuldade sexual de mulheres vitorianas está ligada a estas práticas. Porém, um fator interessante é que as mulheres estadunidenses, por conta de sua pluralidade cultural, não eram tão fáceis de serem controladas. A ética sexual puritana foi confrontada por uma população feminina geograficamente espalhada por uma longa costa, com uma variedade cultural extensa e, principalmente, por sua participação ativa na colonização (LEWIS, 1980, p. 27).

Mesmo com um grande número de mulheres estabelecendo-se em papéis femininos, movimentos como: o de controle de natalidade, do amor livre, a campanha do sufrágio feminino e, principalmente, a necessidade de mão de obra feminina, permitiram novos arranjos a estas mulheres. O século XX trouxe consigo novos pensamentos acerca da sexualidade, assim como mudanças políticas e econômicas aos Estados Unidos. Na questão da sexualidade humana, a partir de 1890, os escritos de Havelock Ellis e Sigmund Freud trazem mudanças no pensamento público sobre sexualidade feminina. Ellis na obra *Estudos em Psicologia do Sexo* (7 volumes, 1897 – 1928) introduz a ideia de que as mulheres estavam tão interessadas em sexo, quanto os homens, e, em sua opinião, tinha até mesmo uma sexualidade mais complexa e abrangente. Elas seriam psicologicamente mais interessadas em sexo, devido a sua maior resposta fisiológica, porém, seguindo o pensamento vitoriano, elas seriam passivas, exigindo do homem o tomar de iniciativa (LEWIS, 1980, p28). Já Freud, muito discutido ao longo deste trabalho, vai abrir terreno para a ideia do orgasmo vaginal como a única forma sonora de expressão sexual feminina.

Não era apenas na questão de sexualidade que as coisas estavam mudando. O mundo adentrava no primeiro conflito armado que envolveu diversos países, a Primeira Guerra Mundial. Os Estados Unidos são um caso de exceção no que se refere ao ingresso das mulheres no mercado de trabalho. A entrada tardia na guerra (1917) e sua heterogeneidade, mas, principalmente, a introdução de novos métodos de produção, a guerra europeia pondo fim a imigração e o aumento as exportações vão provocar uma escassez de mão de obra, abrindo espaço favorável ao emprego feminino, mesmo antes do alistamento masculino. De qualquer forma, a Primeira Guerra não teve um aumento significativo no crescimento da mão de obra feminina, quando muito um deslocamento de empregos, respeitando uma hierarquia sexual e

racial, acompanhada de uma mobilidade geográfica de sul para norte e das cidades pequenas para as grandes. Tanto nos Estados Unidos, como na Europa é visível a força de resistência à modificação de papéis, confinando as mulheres às funções substitutas, mesmo com os diversos movimentos femininos tentando criar condições e meios de fazer as instituições oferecerem serviços à elas (THÉBAUD, 1991, p.54–55).

Com o fim do conflito em 1918, os países apostam na rápida reintegração dos veteranos na família e no trabalho, buscando reafirmar uma identidade masculina, abalada por quatro anos de combate e o profundo desejo de restaurar o antigo mundo. A desmobilização das mulheres é acompanhada, principalmente, por uma crítica à mulher emancipada e ao feminismo, retomando os discursos sobre a maternidade (THÉBAUD, 1991, P.80). Apoiados nos textos de Havelock e Freud, inicia-se uma tradição na qual os maridos eram colocados na tarefa de aprender a despertar o desejo sexual, e assim, agradar sua esposa. A sociedade americana, que estava em crescimento econômico após a guerra, retoma um período conservador na sociedade, nas políticas e na cultura. Na economia, a produção industrial aumentou cerca de 60%, a renda per capita aumentou um terço, o desemprego e a inflação caíram. Houve um avanço tecnológico na produção de eletrônicos, automóveis, plástico e comunicações.

Circulavam agora produtos que antes eram restritos aos mais ricos com o ‘slogan’ do “American way of life” (O jeito americano de viver). O papel de consumir era visto com o principal direito a cidadania, mesmo sendo plenamente realizada apenas na Segunda Guerra. Retirando as aspirações por reformas econômicas e sociais, o governo aderiu fortemente seu apoio as grandes corporações. Para isso, fora criado o Plano Americano, um programa do governo para esmagar o poder dos sindicatos, através de intimidação e demissões de ativistas sindicais. O conservadorismo instaurado afetou mulheres, negros e imigrantes trabalhadores, que passaram a sofrer discriminações e violências. Estas reações apoiadas na defesa de valores tradicionais, criaram terreno para religiões evangélicas, insistindo na leitura fundamentalista da bíblia, o movimento antialcoólico e o ressurgimento da KuKluxKan culminaram para o aumento na violência contra minorias. Este caldeirão teve seu ápice em 24 de outubro de 1924, quando os estados Unidos entraram na maior crise econômica do capitalismo mundial (PURDY, 2011, p.197-205).

A vida nas cidades se tornou miserável, com alto número de desempregados muitas cidades paralisaram. A Grande Depressão de 1929 só é contornada após a criação de programas econômicos e sociais, como o New Deal. Melandri (2000) demonstra a intenção do presidente Franklin D. Roosevelt de ganhar a confiança dos eleitores e da classe industrial, criando pacotes econômicos de apoio à indústria e pacotes sociais. Durante a Segunda Guerra, ocorre um apogeu industrial, principalmente das indústrias bélicas, que produziam bens e enviavam aos países aliados.

A guerra, como coloca Tota (2013)

[...] congregou os americanos em torno de uma causa comum, ela também abalou as bases do americanismo, em especial com a mudança radical dos padrões de trabalho e de comportamento. A maioria esmagadora das mulheres foi obrigada a deixar o lar para trabalhar nas indústrias. A imagem da mulher/ esposa, mãe de família/ housewife (dona de casa), que esperava o marido no portão da bela casa com os filhinhos, foi se desvanecendo. Isso atingiu o orgulho masculino do americano. O tradicionalismo, um dos pilares do americanismo, que representava o homem forte e vigoroso que havia conquistado o Oeste, construído estradas e fazendas, derrotado índios, o *tough guy*, estava no fim (TOTA, 2013, p. 167).

Enquanto uma porção de homens americanos está na guerra, as mulheres assumem os postos antes ocupados por eles, buscando apoiar e seguir o desenvolvimento econômico. Essa situação ocorreu tanto durante a Primeira Guerra Mundial, como durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Hobsbawm,

[...] Mesmo em sociedades industriais, uma tão grande mobilização de mão-de-obra impõem enormes tensões à força de trabalho, motivo pelo qual as guerras de massa fortaleceram o poder do trabalhismo organizado e produziram uma revolução no emprego de mulheres fora do lar: temporariamente na Primeira Guerra Mundial, permanentemente na Segunda (HOBSBAWM, 1995, p. 51).

Para as mulheres, ambas as guerras se constituíram como uma experiência de liberdade e responsabilidade para com a pátria. Dando-lhes uma visibilidade no espaço público, elas estavam presentes nos cafés, nas administrações, nos bancos, no comércio e também na indústria (THÉBOUD, 1991, p. 49-50). Para Hobsbawm,

A partir do fim do século XIX, o trabalho em escritórios, lojas e em certos tipos de serviço, por exemplo em centrais telefônicas e profissões assistenciais, estava fortemente feminizado, e essas ocupações terciárias se expandiram e incharam à custa (relativamente e por fim absolutamente) dos setores primários e secundários, quer dizer, agricultura e indústria (HOBSBAWM, 1995, p. 304).

Purdy diz que

Apesar de durar pouco e não desafiar fundamentalmente as noções discriminatórias de gênero existentes, a guerra aumentou o número de mulheres trabalhando em 60 %, dando em alguma medida independência econômica a essas “combatentes sem armas”, nas palavras de um cartaz de propaganda do governo (PURDY, 2001, p. 224)

O fato de as mulheres trabalharem, mesmo que em grande número, não desafiou os estereótipos de gênero da época. As mulheres ingressam no mercado de trabalho em um espaço determinado pelo poder político, advindo da necessidade de manter a economia: não é um espaço conquistado, não há uma transgressão do padrão normativo.

Théboud vai dizer que as operárias, durante a Primeira Guerra Mundial, “[n]a fábrica, recrutada por necessidade, as operárias estão expostas a uma desconfiança operária e patronal pouco favorável a uma tomada de consciência pessoal” (THÉBOUD, 1991, p. 56). Este reflexo desfavorável à tomada de consciência das mulheres deve-se principalmente à ausência dos homens durante as guerras, pois, o Estado torna-se um Estado-Pai para estas mulheres, atuando de maneira repressiva e alimentadora, garantindo a prerrogativa de chefe de família e, assim, integrando-as na sociedade (THÉBOUD, 1991, p. 61).

Essa “integração feminina demonstra o quanto os discursos utilizados pelo governo estatal” estavam apenas se aproveitando da mão de obra feminina disponível para suprir a carência deixada pelos homens, durante o período da guerra. E, mesmo assim, os trabalhos disponíveis para elas não alteravam a hierarquia já existente. Logo no momento em que não havia mais essa necessidade, há uma desmobilização feminina e um desligamento dessas trabalhadoras de seus empregos: as operárias são as que sofrem as primeiras demissões (THÉBOUD, 1991, p. 78).

Théboud expõe que o Estado estava apostando então

[...] numa rápida reintegração dos veteranos na família e no trabalho, esta violência que é feita às mulheres parece ter uma função tanto psicológica como econômica: por um lado, reafirmar um a identidade masculina abalada por quatro anos de combates anônimos, por outro lado apagar a guerra e responder, num período de febre social e reação política, ao profundo desejo dos combatentes de restaurar o antigo mundo (THÉBOUD, 1991, p. 79).

Com o auxílio de seus cidadãos, a Segunda Guerra traz o fim da crise gerada na grande depressão de 1929 e do desemprego. Há uma grande melhoria na vida de mulheres, negros e imigrantes que, durante a guerra, ganham espaços sociais e políticos. A guerra gera um espírito de unidade nacional, é preciso a união de todos os americanos contra os inimigos, principalmente na defesa das quatro liberdades: expressão, segurança, econômica e democracia (PURDY, 2011, p. 223).

Durante a guerra, há uma grande inclusão dos imigrantes da Europa do Sul e Leste, imigrantes latinos, mulheres e negros, já que o preconceito étnico é visto como uma ameaça à unidade requerida. Essa identificação - de que todos são americanos - é muitas vezes forçada pelo governo, indústrias são obrigadas a ter uma cota étnica, e isso gera atritos raciais que, ao longo dos anos, culminam em tensões violentas (PURDY, 2011). Stuart Hall coloca que

[a]s identidades nacionais funcionam, em grande parte, por meio daquilo que Benedict Anderson chamou de “comunidades imaginadas”. Na medida em que não existe nenhuma “comunidade natural” em torno da qual se possam reunir as pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada. É necessário criar laços imaginários que permitam “ligar” pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum “sentimento” de terem qualquer coisa em comum (HALL, 2014, p. 85).

Não há mais um inimigo em comum, e logo os laços que ligam mulheres, imigrantes e negros a homens brancos, durante a guerra, torna os laços isolados e sem sentimentos, como Hall coloca. Para os negros, os anos de 1940 são de esperança e melhorias, mas apesar de uma melhora econômica com a chegada dos 1950, ainda existe uma barreira a ser ultrapassada: a discriminação social, mais exatamente a segregação legal que eles sofrem (MELANDRI, 2000, p. 188). E para as mulheres, há o deslocamento do público, (indústrias, empresas) para o privado.

Ainda que uma boa parte das trabalhadoras tenha, no fim da Segunda Guerra, tomado uma consciência de suas capacidades perceberam que o fator mais apreciado é a independência financeira (THÉBOUD, 1991). Por mais que as mulheres apreciem a independência que o salário de seu trabalho lhes dá, segundo Hobsbawm, não é suficiente para mantê-las nos empregos. Aquelas cujos maridos conseguem sustentar a casa sem o acréscimo do salário feminino, largavam em seguida o emprego. Apenas aquelas que necessitam de complementação de renda, são as mulheres que seguem empregadas (HOBSBAWN, 1995, p. 312). Baseadas

nos discursos de que não há necessidade de trabalho, já que seus maridos desempenham o papel de total provedor da família, muitas mulheres acabam por assumir o papel da dona de casa perfeita das revistas (HOBBSWAN, 1995, p. 312).

Pensando neste período da Primeira e Segunda Guerra Mundial, situamos agora como esses discursos aparecem na vida pessoal dos autores analisados nessa dissertação. Começamos por Virginia Johnson, nascida no interior do Missouri, no ano de 1925, e proveniente de uma família cujo pai democrata era casado com uma republicana, fator bem atuante na educação dela. Ela, ainda nova, por influência de sua mãe, começa a trabalhar como secretária em um comitê republicano em sua cidade; o pensamento, todavia, não era o de seguir carreira, mas sim de mostrar-se à sociedade local como uma mulher atuante socialmente e, dessa maneira, conseguir um bom casamento. Seguindo as normas convencionais da época, a jovem Virgínia chega a cursar a faculdade de sociologia, mas por conta de seu primeiro casamento, não conclui o curso.

Quebrando os padrões sociais da pequena cidade, aos 23 anos, acaba divorciando-se e começa a trabalhar como cantora nos acampamentos de soldados. Devido ao trabalho como cantora, conhece seu segundo marido: o músico George Johnson, em 1950. Com o nascimento dos filhos e a dificuldade de aliar o trabalho noturno ao trabalho diurno em casa, acaba divorciando-se novamente. Apesar da rígida educação, os pais vão ao seu auxílio, provendo à filha o dinheiro necessário para a sobrevivência dela e de seus filhos. Para não viver presa ao dinheiro dos pais, Johnson procura ingressar novamente na universidade e, através dela, conseguir um emprego de meio período para, então, ganhar a independência financeira (MAIER, 2009).

O caso de Virginia, para o período citado, é atípico, visto os seus dois divórcios, sendo um deles já com dois filhos, o trabalho como cantora e o apoio econômico dos pais. O que a identifica com as outras mulheres do período é o fato de ter toda sua educação voltada a conseguir um bom casamento, trabalhos vistos apenas como um envolvimento momentâneo. E, principalmente, a visão que ela tem de que a independência financeira dos pais seria a única forma de ganhar liberdade e viver da forma que ela gostaria, e não como seus pais esperariam.

Olhando o lado masculino da tríade de autores, temos William Masters, nascido no estado de Ohio, em 1915, e oriundo de um lar rígido, de um pai violento

e uma mãe passiva das agressões. Muito novo, tem a oportunidade de estudar em um internato, fator que lhe proporciona conhecer pessoas importantes que lhe incentivam a seguir, futuramente, a carreira médica. Durante sua juventude, William envolve-se em alguns relacionamentos amorosos, mas seu foco principal são os estudos, motivo de sua dispensa no serviço militar.

Sem muito contato com membros de sua própria família, William é apadrinhado por George Corner⁵, motivo pelo qual escolhe a especialidade de Ginecologista e Obstetra, conhecido mundialmente por seu trabalho com a fertilidade humana (MAIER, 2013, p. 63-65).

Vemos aqui, neste pequeno resumo, que para o homem há liberdade para relacionar-se com quem quiser, mas espera-se que, ao casar, seja com uma ótima dona de casa, mãe dedicada e uma bela companhia ao marido em jantares e reuniões; não foge, portanto, das convenções injetadas pela sociedade. De qualquer maneira, o foco masculino é a realização profissional, provendo, dessa maneira, o melhor à sua família. Não é aceitável socialmente que este homem público e sério não tenha uma esposa exemplar ao seu lado.

Já nossa terceira autora, Shirley Diana Gregory, mais conhecida como Shere Hite, é a mais nova dos três, tendo nascido em 1942, quase ao fim da Segunda Guerra. Após o divórcio de seus pais, ela acaba sendo criada pelos avós, em uma fazenda, no estado do Missouri. Influenciada pelo avô, segue os estudos na área de História, até chegar ao doutoramento em História do Pensamento Ocidental, pela Universidade de Columbia. Hite tem uma educação diferenciada da de Virginia Johnson, visto que seu foco é a carreira acadêmica, não o casamento. Durante seus estudos, ela também atua como modelo, saindo em várias edições da *Vogue* e *Cosmopolitan*⁶. Ela só se percebe como feminista, quando ao ler o slogan de uma propaganda ao qual atuaria que dizia “[t]ão bonita que nem precisava saber datilografar...”. Com esta frase, ela percebe a urgência de lutar pela valorização feminina (HITE, 2002).

⁵ George Washington Corner foi um grande pesquisador da histologia e fisiologia do sistema reprodutivo, pioneiro no desenvolvimento de métodos contraceptivos com progesterona. Foi o terceiro diretor do Carnegie Institution of Washington's Department of Embryology e, por sua posição no departamento, conheceu Alfred Kinsey, tornando-se por voz científica dos *Relatórios Kinsey* frente ao comitê da Fundação Rockefeller (GOSDEN, 2013).

⁶ A revista *Vogue* é publicada nos Estados Unidos desde 1892, e é voltado as mulheres com dicas de beleza e relacionamento. Já a revista *Cosmopolitan* é também americana e segue o mesmo formato da *Vogue*. Ambas ainda são publicadas atualmente.

Hite, diferente de Virginia Johnson, usufrui da mudança de discursos ao longo de sua jornada, tomando uma posição diferente sobre o ser mulher, já que sua juventude se passa nos anos de 1960. Mesmo assim, precisa sentir na pele e colocar-se em uma nova posição para compreender como a sociedade vê as mulheres, compreendendo, assim, a maneira como o papel da mulher tem sido determinado ao longo de duas guerras e de seus pós. A facilidade para com qual a mulher é empurrada do público para o privado, de acordo com a necessidade desta cultura de massas, demonstra o quanto as mulheres estavam vulneráveis a acreditar nos discursos realizados pelo governo, mídia e outros. Com o pós-guerra, as mulheres voltam ao lar como donas de casa: não apenas como cuidadora da casa, mas da família, principalmente com a função de trazer carinho ao soldado regresso. Ela também passa a ser o foco da cultura de massas, disseminada através de uma cultura da mídia, e esta, torna-se o veículo pelo qual o discurso público adentra as casas, infundindo-se discurso privado.

1.1 Consumo e Desejo: as obras e seus contextos

O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe a necessidade de manter o crescimento econômico, estimulado pela indústria bélica e apoiada no ideal do “american way of life” é, então, lançado um pacote econômico de recuperação industrial, assistencial e de obras públicas, este pacote ficou conhecido como New Deal.

A recuperação econômica deu-se, principalmente, na indústria de bens de consumo como: de geladeiras, aspiradores de pó, televisores e automóveis. Seguindo o mesmo padrão utilizado depois da Primeira Guerra Mundial, agora retomado com força total e apoiado em uma cultura de massas altamente difundida nos meios de comunicação como o rádio, o cinema e, principalmente, a televisão. Este bem de consumo era o mais consumido e estava presente na maioria das residências.

Junto a essa produção em massa de bens, através dos meios de comunicação, eram vendidos pontos de vista, ideologias, padrões sociais entre outros (BARBOSA, 2004, p. 9). A sociedade de consumo, ao longo das décadas tem sido um dos principais meios na construção e desconstrução de identidades. As representações transcodificam discursos políticos e mobilizam sentimentos e

percepções à determinadas posições políticas, podemos compreender como estas atuam diretamente na sociedade. Segundo Stuart Hall, “a mídia produz efeitos na sociedade, relacionados a um determinado tipo de poder que exerce no processo da administração da visibilidade pública midiático-imagética” (HALL, 2001, p. 11). A ideia de liberdade estaria intimamente ligada à capacidade de consumo que determinada sociedade possuiria e que acreditaria ser um direito do cidadão.

Tota nos diz que “em meados da década de 1950, os Estados Unidos produziram e consumiram mais de um terço dos bens e serviços do mundo” (TOTA, 2013, p. 190), visto que o restante do mundo nesse momento está em recuperação econômica sem poder direcionar recursos a novas tecnologias no momento. Essa política de consumo foca-se, sobretudo, nas empregadas do comércio e donas de casa. A estabilidade familiar é o fator mais importante nos anos de 1950, visto que está ligada diretamente à prosperidade econômica no período. As políticas do estado de bem-estar, educação e serviços públicos baseiam-se nos ideais sobre a família e têm como foco principal a mulher (KARNAL, 2011). Justiça, casamento e família são alinhados como base da integridade americana, atendendo ao projeto de unidade nacional sustentado por uma massificação dos gostos e pelo custo pessoal de alguns indivíduos (TOTA, 2013, p. 193).

O principal consumidor de toda a produção cultural e ideológica dessa cultura vai ser a figura da mulher. A “cultura de massas” coloca, então, todas as suas forças na figura da mulher, utilizando-se, para isso, tanto de sugestões provenientes dos estímulos libertadores políticos e sociais, quanto de tradições e permanências de velhos estereótipos sobre as mulheres no seio da cultura ocidental (PASSERINE, 1992, p. 381).

Vemos, então, uma enxurrada de propagandas, matérias de revistas, filmes e outros, reafirmando o papel da mulher como dona de casa. Atuando com um discurso pseudo-libertador, a mídia joga com o papel do lar, operando na manutenção do lugar da mulher no ambiente doméstico, ao mesmo tempo em que a coloca como administradora da casa e responsável pelo controle do consumo da família (PASSERINE, 1992, p. 987). Esse jogo difunde uma ideia de controle da família por parte feminina, o que na realidade acaba por ser uma forma de resistência feminina, afinal, o homem é tido como o chefe da família. O pós-guerra, além dos avanços tecnológicos e dos novos discursos, traz consigo novas

perspectivas dentro do casamento, no que tange as regras se tratando de sexualidade. Mas quais inovações são trazidas à vida conjugal e à sociedade?

Para entender, devemos retornar as primeiras pesquisas sobre sexualidade feminina, no século XX, nos Estados Unidos. Outra técnica além da psicanálise desponta nas pesquisas, a das entrevistas. A primeira entrevista sobre sexualidade feminina foi conduzida de 1890 até 1920, pela médica Clelia Mosher da Universidade de Stanford. No seu estudo, ela coletou informações de um pequeno grupo de mulheres nascidas antes da Guerra Civil estadunidense ou pouco depois. Apesar da importância do trabalho, este nunca fora publicado, mas abriu espaço para que outros pesquisadores usassem a técnica para desenvolver outras pesquisas dentro deste campo. Como as pesquisas de Katherine B. Davis em 1929, onde realizou uma pesquisa com 222 mulheres sobre sexualidade; Mil casamentos: um estudo médico do ajuste sexual (1931) de Robert Dickinson e Laura Beam e Fatores Psicológicos da Felicidade Conjugal (1938) de Lewis M. Terman et al (LEWIS,1980,p.30).

Com as pesquisas sobre sexualidade, há uma explosão nas vendas de manuais de aconselhamento, muito populares na manutenção dos ideários do casamento vitoriano. O mais popular, data de 1930, foi escrito por Theodor van de Velde, intitulado O Casamento Ideal, vendia que o maior prêmio para um casamento feliz é o orgasmo simultâneo onde marido e esposas atingem o orgasmo no mesmo instante. No mesmo período, é lançado o manual mais incomum, idealizado pela médica inglesa Dra. Helena Wright, trazia em suas páginas o passo a passo de como as mulheres poderiam atingir o orgasmo vaginal, durante a relação sexual, assim como os ensinando a masturbação. Tratar destes manuais é importante por determinar a importância do orgasmo no casamento, principal foco deste trabalho. Ao elevar um fator fisiológico como os orgasmos ao patamar de prêmio, ou de necessidade, para uma relação saudável, podem apontar estes manuais como um dos diferentes métodos com o qual o biopoder obtém a sujeição dos corpos e o controle da população, promovendo e determinando o aceitável para a sociedade.

Kinsey inicia seu estudo na década de 1940, tendo seu primeiro trabalho Comportamento Sexual Masculino, publicado em 1948 e o Comportamento Sexual Feminino, em 1953. Ele descobre em sua pesquisa que grande parte das atividades sexuais, como relações antes do casamento, masturbação e homossexualidade,

eram mais comuns do que se pensou anteriormente. Constatou que as gerações mais jovens de mulheres eram mais ativas sexualmente do que suas mães e avós, descobrindo que as mulheres atingiam seu pico sexual aos 16 – 17 anos e que fora assumido como diferença fisiológica entre os sexos. Estudos mais recentes evidenciaram que essa diferença era apenas uma medida de repressão cultural da sexualidade em mulheres adultas e adolescentes (LEWIS; 1980 p.30).

A maior contribuição do trabalho de Kinsey à sexualidade feminina foi a de que a falha ao atingir o orgasmo através do coito foi porque o clitóris não havia sido devidamente estimulado, o que acontecia quando ocorria a masturbação. Se colocando em oposição a Freud, ele acredita que o clitóris era o principal local de resposta para a fêmea e que a sexualidade feminina era fisiologicamente semelhante à masculina na excitação e no orgasmo (LEWIS, 1980, p.31.). Se a segunda metade da década de 1960 foi de efervescência política e, principalmente, social, a década de 1950 foi o germe para essas transformações. No campo da sexualidade, os estudos Kinsey vieram mostrar que mesmo existindo um grande controle sobre a vida sexual dos jovens, os mesmos estavam mais ativos do que antes. A grande reação aos estudos vai se dar pela distância entre o “aberto” e o “secreto”, e o choque de perceber que as pessoas faziam secretamente tudo aquilo que era controlado, proibido. Ao mesmo tempo em que a década trazia novas percepções sobre sexualidade e relações sociais entre os sexos, em 1955 os Estados Unidos enviam tropas a Guerra do Vietnã.

A Guerra do Vietnã foi a primeira guerra totalmente televisionada, consagrando os meios de comunicação de massa como canal de crítica e espaço de discurso (PURDY,2011, p.188). As famílias recebiam notícias do conflito, diretamente em suas casas, através da televisão. Tota afirma que o fenômeno de conformismo que era verificado, entre o fim da Segunda Guerra Mundial e a metade da década de 1960, foi abalado por conta desse crescente movimento de autocritica, que fora agravada pela Guerra do Vietnã. Vai se fortalecer uma cultura de oposição à moral conservadora, ganhando força principalmente entre os jovens nascidos no pós-segunda guerra. Homens e mulheres se unem e criam o Movimento Antiguerra (MAW), lutando contra o envio de jovens a uma guerra considerada desumana, grande comícios ganham as ruas. O movimento revelou muito mais do que o

descontentamento da população com a guerra, trouxe a tona outros conflitos que estavam adormecidos.

Após terem seus microfones cortados, durante um comício do MAW, as líderes de duas vertentes do movimento percebem que estavam sendo reprimidas por serem mulheres, abrindo um precedente para que elas se articulassem para entender o que realmente estava acontecendo. Marilyn Salzman Webb, veterana do Students for a Democratic Society (SDS) e Shulamith Firestone, do Movimento Feminista Radical, de Nova York. Webb e Firestone viam o movimento, que dentro do movimento dos homens, as mulheres eram vistas como auxiliares, fora do trabalho político sério. Utilizando as mulheres como cartões de voto nos comícios (GITLIN, 1993, p.349-350).

Entre a Guerra do Vietnã e os movimentos antiguerra, William Master inicia seu estudo sobre sexualidade humana. O trabalho desenvolvido por Masters, em conjunto com Johnson, no final da década de 1950 e início de 1960, vai esclarecer uma série de perguntas sobre fisiologia sexual que, até então, eram apenas teorias. As observações laboratoriais e fotográficas das reações fisiológicas das mulheres e dos homens, durante atividades sexuais, resultaram na publicação de dois livros *Human Response Sexual* (1966), objeto desta dissertação, e *Inadequação Sexual* (1970). Determinando que o ciclo de resposta sexual humana era semelhante em ambos os sexos, corroboraram com a hipótese de Kinsey com relação ao clitóris. Eles concluíram que a estimulação clitoriana era central para a resposta sexual feminina e demonstraram que todas as mulheres podem alcançar o orgasmo, seja por masturbação ou através da relação sexual, e são fisiologicamente semelhantes. E a mulher, diferente do homem, podia ter diversos orgasmos em sucessão (orgasmos múltiplos), enquanto o homem estava limitado a um período de recuperação após cada orgasmo (LEWIS, 1980, p.31).

A obra *A conduta Sexual Humana* (1966) foi publicada pela divisão médica da editora Litle, Brown e Company, tendo inicialmente uma tiragem de 15,000 cópias vendidas, antes mesmo do lançamento oficial. Em 1968 passou a 300,000 cópias vendidas ao preço de 10 dólares, sendo vendida uma média de 2,000 a 3,000 cópias ao mês (BRECHER, 1970, p.280). Fora permitida a discussão sobre o sexo fora das quatro paredes do casal. Se Kinsey, nos anos de 1940, abalou as estruturas, trazendo a realidade dos casais americanos, Masters e Johnson conseguem abrir

espaço para a criação de uma classe de terapeutas cujo foco era a sexualidade: os sexólogos. A terapia sexual desenvolvida pelos dois buscou, através da terapêutica, o sucesso na vida conjugal e a restauração da função erótica, firmando o direito à sexualidade a todos e a todas. O sexo ganhava espaço nas livrarias, jornais e ganhava os programas de entrevista, na televisão. Friedan na *Mística Feminina* (1971) vai dizer:

Em janeiro de 1950 e também em janeiro de 1960, um psicólogo estudou todas as alusões ao sexo encontradas em jornais, revistas, televisão, rádio, teatro, canções populares, best-sellers e livros de não ficção, descobrindo um extraordinário aumento de referências explícitas a desejos e expressões sexuais (nudes, órgãos genitais, escatologia, obscenidade, lascívia e relações sexuais). Estas constituíam 50% das referências à sexualidade humana, vindo em segundo lugar o «coito extraconjugal» («fornicação, adultério, promiscuidade sexual, prostituição e doenças venéreas»). Em 1960, os 200 veículos de comunicação estudados acusaram, em relação a 1950, mais do dobro de alusões ao sexo e um aumento de 509 para 1.341 referências «libertinas» (FIREMAN, 1971, p. 225).

O sexo estava presente, mesmo quando certos atos eram censurados nos programas, como o exemplo de Elvis, que ao se apresentar no programa Ed Sullivan teve seus movimentos de pélvis não televisionados, enquanto seu olhar sensual e suas letras instigantes mantinham-se presentes. A audiência pública podia ver a ausência e ouvir o silêncio, mas o germe das mudanças se faziam presentes. Estamos falando aqui da revolução sexual, que crescia e se espalhava (BAILEY, 1994, p. 179).

Apesar da revolução sexual não ser considerada um movimento, mas sim um conjunto de movimentos que estavam ligados, mas que eram frequentemente companheiros inquietos, os estudos levantam três correntes de pensamento sobre seu surgimento. A primeira vertente levanta a questão de uma transcendência de uma juventude, que passa por uma sexualização da cultura, por volta da década de 1940 – 1960, que se desenvolveu gradualmente ao longo das décadas. Uma segunda vertente coloca seu surgimento no fim da década de 1960 e início da década de 1970, onde o hábito dos jovens de morarem juntos, sem haver matrimônio, desafiando com autoconsciência ou não, o que ainda restava do sistema epistemológico e ideológico do relacionamento vitoriano. Sistema que ainda estruturava os costumes sexuais públicos da classe média americana. E, por fim, a terceira vertente considerada mais conscientemente revolucionária, já que o sexo teria sido ativamente reivindicado por jovens e usados, não só para o prazer, mas

também para o poder em uma nova forma de política que a abalou a nação, representados pelos movimentos de contracultura (BAYLEY, 1994, p. 181).

A revolução sexual não se limitou apenas a população jovem, mas a diversos setores da sociedade, principalmente na segunda metade da década de 1960. Temos, então, movimentos em prol de uma revolução sexual, movimentos de contra cultura, pelos direitos civis, antiguerra, de liberação das mulheres, todos inflando o país e lutando por mudanças.

1.2 Como Napalm

NAPALM, s.m. Gasolina gelatinizada, empregada em bombas incendiárias. Napalm

Assim como Napalm, o ideal do “sonho” americano, gelatinoso e inflamável, impregna-se em todas as camadas sociais durante os anos 50 e 60, chegando ao seu apogeu nos anos 60, com fatores como: o crescimento moderado das taxas de natalidade, dificuldades sociais, dificuldades do balanço de pagamentos, uma ameaça da sedução comunista, no terceiro Mundo (MELANDRI, 2006).

O mundo está bipolarizado em duas grandes potências: de um lado a União Soviética e, de outro, os Estados Unidos, ambos exercendo influência sobre o mundo em uma corrida pela conquista de aliados. Há gastos de milhões de dólares em tecnologia, buscando a superioridade americana em relação aos soviéticos, servindo como fator importante para a melhora da economia americana. Investe-se em fábricas, mineradoras, petrolíferas, estimulando a economia e aumentando o PIB. Há a criação de políticas, estimulando a ideia do “americano perfeito”, feitas através da ameaça de uma invasão comunista. Com o senador McCarthy, populariza-se a ideia de inimigos comunistas dentro da nação americana. Aqueles que não exaltassem o ser americano, poderiam ser taxados de espiões e de trabalhar contra o bem de seus irmãos de nação (PURDY, 2011, p. 229 – 230).

Segundo Tota, “[f]oram esses americanos - comuns, simples, que lotaram os subúrbios -, que representavam a uniformidade da sociedade conformista. Em uma

década, cresceram mais de 50% (TOTA, 2013, p. 200). Em 1960, um quinto das famílias americanas vive abaixo do nível oficial de pobreza, estabelecido pelo governo, mesmo que, em 1950, o número de pessoas beneficiadas pela seguridade social tenha aumentado, não foi suficiente (PURDY, 2011, p. 227). Purdy acrescenta que “as regiões suburbanas se beneficiaram, desproporcionalmente, do crescimento econômico e da política federal, os bairros dos centros das cidades sofreram várias revitalizações” (PURDY, 2011, p. 238).

Os negros, principalmente, são os menos beneficiados com a “maravilha da vida urbana”. Por conta, seja da discriminação pela cor, seja pela falta de dinheiro, eles acabam empurrados aos centros das cidades, onde empregos, comércio e serviços públicos tornam-se cada vez menos acessíveis. Há a criação de políticas públicas de revitalização dos centros, em indústrias e comércios “[o]s antigos residentes foram enviados à habitação pública segregada, construída com o mínimo de qualidade e instalações, e frequentemente longe de empregos e serviços” (PURDY, 2011, p. 238). São os negros do Sul e do Norte, que constroem um dos mais importantes movimentos sociais do período: os pelos direitos civis.

De certa forma, o Movimento pelos Direitos Civis, levado a cabo pela administração de John Kennedy em diante, era apenas uma face das várias tensões que perturbavam cada vez mais o povo americano. O Fenômeno do conformismo que se verificou entre o fim da segunda Guerra até meados de 1960 foi dando espaço cada vez maior para a autocrítica. Agravada pela guerra no Vietnã, uma cultura de oposição à moral conservadora ganhava mais e mais força, especialmente entre os jovens (TOTA, 2013, p. 194).

Mesmo o movimento de direitos civis não sendo unificado, possuindo diversas frentes, entre elas a que se utilizava da desobediência civil e a de uma forma de resistência pacífica. Eram lideradas pelo pastor Dr. Martin Luther King Junior e por Malcom X, que buscando um fortalecimento de um nacionalismo negro, argumentava em favor da autodefesa contra a violência racista. Ainda temos o movimento Black Power, combinando nacionalismo cultural (valorizando as tradições africanas) e luta militante contra a discriminação racial. A expressão “black power” foi criada pelo Stockley Carmichael, militante radical do Partido dos Panteras Negras (PURDY, 2011, p. 243 – 248).

Com o Movimento pelos Direitos Civis, ocorre um Movimento Feminino desencadeado por diversos fatores, entre eles uma ideologia sexual dominante centrada nos homens (PURDY, 2011, p. 231). Betty Friedan, já em 1960, trata de

“um problema sem nome”, aquilo que afeta as donas de casa da época: o sentimento de falta, de ser incompleta. Friedan acredita que

o problema sem nome, que fervilha hoje no íntimo de tantas mulheres, não é uma questão de perda de feminilidade, excesso de cultura, ou exigência doméstica. É muito mais importante do que parece à primeira vista. É a solução daqueles novos e velhos problemas que vêm há anos torturando esposas, maridos e filhos, intrigando médicos e educadores. Pode muito bem ser a chave de nosso futuro como nação e como cultura. Não podemos continuar a ignorar essa voz íntima da cultura, que diz: “Quero algo mais que meu marido, meus filhos e minha casa” (FRIEDAN, 1971, p. 31).

Ela acredita que o âmago do problema feminino não é de ordem sexual, e sim de identidade.

[...] “Ela não tem identidade, exceto como esposa e mãe. Não sabe quem é. Espera o dia inteiro que o marido volte para casa, a fim de se sentir viva. E agora é o marido quem se mostra desinteressado. É terrível para a mulher estar deitada ao seu lado, noite após noite, esperando que ele lhe dê a impressão de estar viva” (FRIEDAN, 1971, p. 29).

Esta busca de uma nova identidade é o que lança a mulher, há um século nessa impetuosa, criticada e mal interpretada jornada, para fora do lar, segundo Friedan (1971). Se pensarmos através do questionamento de Butler, vemos que

Os domínios da “representação” política e linguística estabeleceram *a priori* o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito. Em outras palavras, as qualificações do ser sujeito têm que ser atendidas para que a representação possa ser expandida. [...] Assim, o sujeito feminista se revela discursivamente constituído, e pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação, o que tornaria politicamente problemático, se fosse possível demonstrar que esse sistema produz sujeitos com traços de gênero determinados em conformidade com um eixo diferencial de dominação, ou os produz presumivelmente masculinos (BUTLER, 2016, p. 18-19).

Kessler-Harris vai apontar que “carros e casas, geladeiras e máquinas de lavar, telefones e televisores múltiplos” exigiam rendas mais altas. Assim, como fornecer uma educação universitária as crianças. Padrões de consumo que se tornaram básicos para a classe média crescente, levando a família de apenas um provedor, o pai, a ter agora participação do trabalho da esposa, que procurava complementar a renda e, assim, manter o padrão de consumo (1972, p.45). As mulheres de classes menos favorecidas buscavam melhores empregos, para manter o sustento da família, porém, para ambas as classes, o trabalho feminino não era bem remunerado. Ao mesmo tempo em que as mulheres buscavam mais espaço no

ambiente profissional, elas ganhavam frente nos movimentos e ampliavam a gama de reivindicações.

Iniciado ainda na década de 1950, o movimento de liberação das mulheres ganha força no fim da década de 1960 e início da década de 1970. Lutavam contra contradições fortemente divulgadas na sociedade e que as mantinham fixas em determinada posição social. Começou ainda no período do movimento antiguerra, junto aos homens, quando elas serviam apenas para fazer volume nas votações e comícios, impedidas de atuarem politicamente dentro dos mesmos. A percepção da venda do ideal de companheirismo de cama, mas não de poder, mantinha um clima de desigualdade. As líderes dessa ideologia da nova direita estavam partindo da incitação de uma revolta interna, que culminaria para o acontecimento de 7 de setembro de 1968.

Quando um grande grupo de mulheres marchou em direção ao teatro, onde estava sendo gravado o concurso de Miss América. Concurso o qual, para elas, as mulheres eram vendidas por sua beleza, sendo avaliadas e julgadas como se fossem gado. As mulheres traziam os considerados “instrumentos de tortura” modernos: sapatos de salto alto, cílios postiços, cópias de revistas como *Cosmopolitan*, *Playboy* e *Ladie’s Home Journal*. Onde fogueiras simbólicas eram representadas, assim como a queima desses instrumentos. Diferente do que foi divulgado, ao longo das décadas, não houve queima de sutiãs. Dentro do teatro, quatro ativistas levantaram cartazes com os dizeres “Não mais Miss América” e “Liberação Feminina”. A audiência televisiva não divulgou a manifestação, mas os jornais descreveram os protestos em detalhes. O Movimento de Libertação Feminina estava firmado e ganhando cada vez mais adeptas (ECHOES, 1994, p. 113).

Mesmo contendo um grande número de mulheres pertencentes a outros movimentos sociais, houve o ingresso de mulheres que não estavam ligadas à movimentos. O mesmo, foi considerado o maior movimento de protesto contra dominação masculina. Ele defendia temas como revitalização do processo democrático, reformulação de políticas, repensando a organização social fundamental em que estavam inseridas (ECHOES, 1994, p. 114). Na lista de leituras do grupo estava a francesa Simone de Beauvoir, com a obra *O Segundo Sexo* (1952). A obra forneceu muito da inspiração inicial, para a nova onda de feminismo, que ressurgia nos Estados Unidos. Com a máxima “não se nasce mulher, torna-se”

Beauvoir já trazia, em sua obra, a ideia de que o sexo não garantia a constituição de uma pessoa em correspondência do seu gênero. Amparada na psicanálise de Freud, ela recoloca que

O “destino anatômico” do homem é, pois, profundamente diferente do da mulher. Não menos diferente a situação moral e social. A civilização patriarcal destinou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito de satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento: para ela o ato carnal, não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se “cede”, se “cai”, suscita o desprezo; ao passo que até na censura que se inflige ao seu há admiração (BEAUVOIR, 2016, p. 126).

O texto de 1952 exemplificava o que estas mulheres pensavam sobre a dominação feminina. Aproveitando as reuniões dos movimentos, textos eram escritos e distribuídos entre as participantes, principalmente, dentro do grupo Redstockings. É nele que o slogan “O pessoal é político” é pensado, pela jornalista Carol Hanich, fundadora das Mulheres Radicais de Nova York. Como Hanich, outro texto amplamente distribuído era Política Sexual (1970), de Kate Millet, a escritora mais influente dentro desse movimento de mulheres que, dentre as diferentes denominações, ficaram conhecidos como “Segunda onda feminista”. No livro, Millet demonstra como a política patriarcal de controle da sexualidade feminina se desenvolveu ao longo do século XIX e XX (MOTTIER, 2006, p. 521).

O movimento feminista, que adentrou a década de 1970, partia da luta por um reconhecimento das mulheres como: especificadas e sistematicamente oprimidas, na certeza de que as relações entre homens e mulheres não estavam inscritas na natureza, mas sim, nas relações sociais ao longo dos tempos, e que por isso haveria a possibilidade de sua transformação. Para isso, a reivindicação da individualização do sujeito democrático e econômico, da cidadã e da trabalhadora, enfatizando, principalmente, a autonomia da sexualidade feminina. A busca de identidade era política, com o ideário da sororidade (SCHWEBEL, 2009, p. 144-145).

Movimentos, como o das mulheres, tiveram apoio nos demais movimentos de contra cultura. Mas o que é esse movimento de contracultura? Entendo cultura como um domínio ideológico do comportamento humano que inclui normas, valores, padrões de comportamento, conceitos de “significado” e sua incorporação em artefatos (KROEBER; KLUCKHOHN, 1952). A cultura incluiria a linguagem, religião

e formas de pensamento. Em sociedades capitalistas, consideradas mais complexas, ocorre a existência de uma cultura dominante, associada geralmente a elite política e econômica, e esta cultura se divide em subculturas, em variação a esta dominante, na classe social, étnica, idade, orientação sexual, entre outras. A contracultura vai descrever subculturas desviantes, com valores e normas que contradizem as dominantes na qual o grupo faz parte (LARKIN, 2015, p. 73).

O movimento de mulheres, de direitos civis, antiguerra, todos podem ser enquadrados dentro de um movimento de contracultura, porém, o grupo mais representativo dentro dessa cultura seria a Hippie. Yablonsky (1968) coloca que “Se a cultura americana era sexualmente repressiva, ‘hippies’ eram envolvidos em uma variedade de comportamentos sexuais tabus, incluindo promiscuidade, sexo grupal, relações públicas, homossexualidade, acoplamento e nudez pública”. A contracultura surge na década de 1960, entre os jovens da classe média do movimento estudantil, movimento de ordem política que se funde com questões culturais. Em certo momento do movimento estudantil surge um novo tipo social, autodesignado como o “radical anormal” cuja oposição às instituições dominantes era tanto cultural, como política. Oposições ao regime das universidades quanto ao comprimento do cabelo, gosto musical, as proibições impostas às jovens mulheres, entre outros (LARKIN, 2015, p. 74).

Foi percebido, pelos adeptos da contracultura, que a sociedade havia chegado a um ponto em que a produção de bens materiais não era mais um problema, mas sim, a sua distribuição injusta. O tempo despendido pelas pessoas nos trabalhos para poderem consumir estes bens consumiam sua vida. Para eles, a vida deveria ser vivida em comunidades sustentáveis, liberando-os de um sistema injusto que exigia a participação total da pessoa, era ecologicamente destrutivo, exigia repressão social. Princípios básicos da cultura ‘hippie’ que adentrava a segunda metade da década de 1960, baseados na livre expressão de sua sexualidade, sustentabilidade e amor, tendo em 1969 o evento que melhor representou toda essa cultura, o festival de Woodstock, com o slogan “Três dias de paz e música”, com a presença de 32 artistas - e mais de meio milhão de pessoas – que dividiram espaço em uma fazenda e celebraram a paz, o amor e a música. O festival se tornou principal ícone da contracultura (LARKIN, 2015, p. 75). Nesse

ponto com a celebração do festival, temos o início do Movimento de Liberação Feminino, com a passeata ao Miss América.

A contracultura revolucionou a cultura contemporânea de cinco formas: demonstrando a profunda desconfiança das instituições sociais e do estado - como vimos no movimento estudantil, no movimento antiguerra e no de direitos humanos -, com o aumento da sociedade de consumo na revolução sexual, com o surgimento de novas formas de pensamento e com o surgimento do computador pessoal. A década de 1970 vai ser rotulada como “década do eu”, onde o americano podia entrar em terapia em massa, sexo, drogas, estados mais elevados de consciência e consumo desenfreado de mercadorias sem culpa, mas sempre com um preço. Mas o fator mais importante de impacto da contracultura foi nos papéis de gênero, iniciado pela flexão do amor livre dos hippies, problematizou os papéis. Principalmente a perspectiva do papel masculino (LARKIN, 2015, p. 76).

A década de 1970 é vista a partir da quantidade de comunidades terapêuticas que surgem ao longo dos anos. Assim como as terapias individuais crescem o número de sexólogos, especialistas em comportamento sexual, indicados para tratar de inadequações sexuais e auxiliar casais em sua vida sexual. A especialidade nasce após o lançamento do estudo de Masters e Johnson, sendo os dois pesquisadores pioneiros neste tipo de abordagem. Masters e Johnson inauguram seu instituto, lá eram realizados os estudos de sexualidade, atendimento médico especializado, assim como sessões de discussão sobre o assunto. Abordando de forma disciplinar a questão da sexualidade, Masters e Johnson realizam, ao longo dos anos, palestras e sessões de terapia em grupo, onde discutiam diretamente as dúvidas de diferentes casais. Além das sessões os autores ganharam colunas em revistas. Uma delas foi a revista Playboy. A revista Playboy (apesar de gerar diferentes dúvidas e questões sobre seu posicionamento) deve ser incorporada nas mudanças que nasceram com os movimentos da revolução sexual. Iniciada por Hugh Hefner, em 1953, a revista oferecia conselhos, notícias e trouxe imagens de mulheres nuas. Para Hefner, as mulheres nuas em sua revista eram um símbolo de desobediência, um triunfo da sexualidade e um fim ao puritanismo (BAILEY, 1994, p. 187).

Enquanto trazia um “triunfo da sexualidade” para Betty Bailey o sexo na *Playboy* estava localizado no centro do reino de consumo, onde a mercadoria

principal era estas mulheres, objetos, intercambiáveis, mudas, sem exigências, com beleza retocada, que seria trocado pela próxima edição. A historiadora Barbara Ehrenreich argumenta que a Playboy foi parte integrante de uma revolução iniciada pelo sexo masculino, pois defendia que os homens rejeitassem sua responsabilidade onerosa (principalmente na forma de esposas) pela vida de prazer através do consumo, onde o sexo fazia parte desse universo prazeroso (Hearts of Men,p.45). Mas não era somente para os homens que a liberdade sexual fora ofertada nas páginas de uma revista, o mesmo ocorreu nas páginas da revista feminina Cosmopolitan. A revista trazia a coluna “Mulher Sozinha” onde a colunista insistia que “o casamento não deveria ser um objetivo imediato, que durante seus melhores anos você não precisa de um marido, deixe para os piores” (BAILEY, 1994, p.188).

Masters e Johnson transitavam entre as revistas e as conferências, chegando a dar várias entrevistas a revista Playboy, desde 1963, assim como participaram do programa televisivo de Hefner discutindo seus estudos e tirando dúvidas dos telespectadores. No ano de 1973 aproveitando o reconhecimento nacional e internacional, com a ajuda de Robert Levin, compilam em uma única obra uma seleção de perguntas e respostas que os pesquisadores obtiveram em diferentes seminários, onde o tema central era o casamento. *O Vínculo do Prazer* é lançado em 1973, e buscava sanar as dúvidas que preocupam diferentes casais como a forma de conservar viva a atração física entre eles (PLAYBOY, 2013).

Ao mesmo tempo, em que Masters e Johnson estavam presentes nas revistas como a Playboy, suas obras adentravam as reuniões dos grupos femininos. O movimento feminista de segunda onda surge de fato de 1969 a década de 1970, decorrente do movimento de libertação feminina e as diferentes correntes que faziam parte: grupos feministas radicais, feministas socialistas, feministas lésbicas, lésbicas radicais, feministas liberais entre outras. O movimento é bastante heterogêneo e ganhou força mundialmente com a explosão estudantil ocorrida em maio de 1968 na França, que ampliou terreno para sua propagação e nos Estados Unidos em 1970 (SCHWEBEL, 2009, p. 146).

O ápice do movimento feminista norte americano é quando Betty Friedan convoca uma assembléia convidando estudantes, mulheres da elite e representantes do governo para debater uma inclusão dos direitos das mulheres

numa lista de reivindicações a várias instituições políticas. Deste encontro nasce a The National Organization for Women — NOW (Organização Nacional para as Mulheres). Com o voto de cerca de 300 mulheres e homens, Betty Friedan é eleita a primeira Presidente do NOW (FARBER, 1994). A criação da NOW, a tomada de consciência e a luta por igualdade são os passos iniciais dessa nova onda feminista, que toma as cidades norte-americanas. O pensamento feminista desenvolvido nos anos sessenta participa de correntes que evocam a psicanálise, estruturalismo, pós-modernismo. Para as feministas, para poder liberar a sexualidade feminina das garras da dominação masculina, é necessário que as mulheres tenham controle de seu corpo através da luta pela liberação da contracepção e do aborto (ERGAS 1991, p. 601). Porém, como vimos anteriormente, o NOW buscava a liberação do aborto e controle sobre os meios contraceptivos, mas não possuía grupos de discussões sobre sexualidade. Como essas mulheres tomariam liberdade sobre seus corpos se não conheciam os mesmos? Hite iniciou sua pesquisa por que,

Nunca se perguntou às mulheres como elas se sentem em relação ao sexo. Os pesquisadores, ao buscar “normas” estatísticas, fazem as perguntas erradas – e via de regra acabam por dizer às mulheres como elas devem se sentir em vez de PERGUNTAR-LHES como se sentem. [...] O que estes questionários tentam fazer é perguntar às próprias mulheres como elas se sentem, o que mais gostam, e o que pensam sobre sexo [...] a relação de uma mulher com o sexo reflete a sua relação com o resto da sociedade (HITE, 1980, p. XI).

Fora por conta desses fatos que Shere Hite cria um grupo de discussão sobre sexualidade e começa a distribuição dos formulários. A quantidade de participantes dos questionários, cerca de mil oitocentas e quarenta e quatro mulheres, demonstram em números a necessidade que a maioria das mulheres tinha de dar voz aos seus quereres. Mostrar quem eram o que gostavam e o que esperavam. Tivemos mulheres de diferentes idades, religiões, profissões deixando em papel suas impressões sobre sexualidade. Permitindo que outras mulheres se reconhecessem como indivíduos através das respostas, elas agora podiam dizer que não havia problemas com elas, porque outras mulheres sentiam o mesmo.

Os anos de 1970 reestruturaram a teoria do orgasmo, da parte médica as mudanças trazidas por Masters e Johnson, novos estudos psicanalíticos como a necessidade de discussão sobre frigidez feminina de Helene Deutsch e Therese Benedek. Passou-se a questionar grande parte das ideias aceitas sobre sexualidade

feminina. Lewis lista, estudos como de Singer (1973) e da revista *Redbook* (1974) como estudos otimistas em contraste com *O Relatório Hite* (1976). Para ela o homem descrito no relatório era visto como ignorante e desinteressado no que resulta em um relacionamento sexual bem-sucedido com uma mulher. Em um momento em que as mulheres estão mais ativas e mais responsivas do que anteriormente (LEWIS, 1980, p.33).

O Relatório Hite, segundo Mottier vem a contribuir no movimento feminista com a politização da sexualidade. Politização já apontada por Millet (1970) e Firestone (1972), que falava sobre o controle masculino da sexualidade das mulheres, rejeitando desta forma a pornografia, principalmente a pornografia vendida pela revista Playboy.

A perspectiva de Hite segundo a autora para a questão da sexualidade seria o reflexo das relações de poder entre homens e mulheres com seus corpos localizados dentro dos escritos feministas sobre sexualidade. Ainda estaria incorporada numa tradição que surge na década de 1970 de redefinição desta sexualidade, iniciada com estudos de Kinsey e Masters e Johnson culminando em autores como Shere Hite (MOTTIER, 2006, p.521).

O Relatório Hite da Sexualidade Feminina (1980) chegou às livrarias em meados dos anos de 1970. E fora importante na troca de experiências, conscientização, permitindo uma compreensão e controle do corpo e da sexualidade. A sexualidade feminina irrompe não somente através da prevenção da gravidez, mas também nas questões como adultério e frigidez.

Quando Shere Hite lança o livro em 1976, na página XXIX, que relata quem respondeu ao questionário, encontramos a pergunta “*Por que você respondeu este questionário? O que você achou dele?*”, a resposta de uma anônima é

Me sinto agradecida porque finalmente eu tenho de dizer como eu encaro REALMENTE o sexo e a minha vida sexual. Não há ninguém capaz de entender tudo que tenho a dizer; me sinto realmente bem, como se tivesse me livrado de um fardo. Eu vinha me sentindo assim por tanto tempo que estava prestes a estourar (HITE, 1980, p. XXIX).

“Me sinto agradecida, porque finalmente eu tenho de dizer como eu encaro realmente o sexo e a minha vida sexual”: podemos pensar que Kinsey já havia feito isto antes ou que Masters e Johnson haviam trabalhado com a sexualidade feminina dando espaço para as mulheres. Mottier salienta o Relatório Hite como detentor de

um discurso de resistência das mulheres participantes, na luta e o rompimento de um discurso de sexualidade proveniente da dominação masculina (MOTTIER, 2006, p. 522).

Um traço perceptível dentro da obra de Hite é concentrar em forma de dados uma realidade de mudança que advêm desde pós guerra. Os dados como estado civil, idade, religião, educação e profissão das participantes nos abre um leque para diferentes interpretações e afirmações. Com relação ao estado civil, 620 entrevistas se declararam casadas e 487 solteiras. A idade da maior parte das entrevistadas estava na faixa de 21–30 anos, destas 500 mulheres. As religiões católica, protestante e judia têm uma faixa de 200 mulheres cada uma. Com relação à educação, o maior número estava com aquelas que possuíam nível de escolaridade da graduação. Por fim, profissionalmente, a maior parte estava em profissões que exigiam determinado grau de instrução (HITE, 1980).

A interpretação destes dados nos mostram um grande número de mulheres que nasceram no pós guerra e tiveram grande acesso à educação, provavelmente de classe média, que tiveram contato com movimentos como o de libertação feminina. Com livros como os de Masters e Johnson, de Shere Hite, de Firestone, Millet, Beauvoir, entre tantos outros teóricos, vai haver a necessidade de entender e teorizar sobre a história das mulheres, e da sexualidade feminina. Da segunda metade da década de 1970 vamos ter surgindo no campo da história com Michelle Perrot a História das Mulheres, tamanha a necessidade de trazer a luz aquela que por tanto tempo fora silenciada da história. No campo da sociologia, nascem os estudos sobre sexualidade, tamanha a produção neste campo e devido às mudanças sociais acarretadas por elas. Dando desenvolvimento para que na década de 1980, novas obras dos autores aqui analisados, Master e Johnson e Hite, ganhem melhorias e acrescentem essas mudanças sociais. Entre elas o ressurgimento do movimento feminista, agora como uma terceira onda, estudos sobre a masculinidade e principalmente o surgimento dos estudos de gênero com Joan Scott na escola americana.

As mulheres passaram ao longo dos tempos por posições determinadas pela sociedade, ora como trabalhadoras, ora como donas de casa, ora como ativistas. Estas posições assumidas por elas atuaram diretamente em sua vida conjugal e

consequentemente em sua sexualidade. Visto que a posição social assumida por ela estava diretamente ligada ao seu sexo biológico.

2 (Des) construindo Gênero, Corpo e Sexualidade

Gênero, corpo e sexualidade são conceitos que, ao longo dos séculos, foram inventados e reinventados de acordo com a ordem política e cultural de determinados momentos históricos. Ao procurarmos no dicionário o significado de cada um deles, teremos respostas curtas e diretas. Descrições simples para nomear processos complexos envolvidos na conceituação de cada um destes termos.

Iniciamos discorrendo sobre sexo e gênero, com um breve histórico de como ambos os conceitos foram construídos da antiguidade clássica até o século XX. Com foco em como se deu a diferenciação sexual, a criação das categorias, masculino e feminino, o conceito de indivíduo, nascido na Revolução Francesa, chegando ao conceito de sujeito e gênero de Judith Butler. Somente com a compreensão destes termos poderemos definir a categoria corpo, e como se deu sua construção ao longo dos séculos, seus usos e desusos, seu espaço social, cultural e político. E como o mesmo foi o instrumento na construção da sexualidade. Para concluir, falaremos da sexualidade. Conceitos discutidos anteriormente exemplificarão a construção da sexualidade da antiguidade até o século XX: como a medicina e a psicanálise atuaram na determinação de sexualidades normais e anormais. Desta forma, chegaremos, do século XIX, ao século XX com os sexólogos e a busca do sucesso conjugal e a restauração da função erótica. Após esse percurso, abordaremos, então, o conceito de sexualidade por nossos autores, William Master, Virginia Johnson e Shere Hite.

2.1 Sexo, gênero e corpo

Ao procurarmos o significado da palavra sexo no dicionário, vamos encontrar como uma diferença física que distingue macho e fêmea, assim como seus órgãos sexuais externos e relação sexual, compreendendo todas as formas de atividade sexual proveniente dessa prática. A palavra gênero seria usada para determinar uma diferença biológica binária como homens pertencendo ao gênero masculino e mulheres ao gênero feminino (AURÉLIO, 2018). Mas aqui, estamos apenas falando do vocábulo e não entramos no conceito em si.

O conceito Gênero, no sentido político, vai surgir a partir da segunda metade da década de 1980, construído coletivamente por diferentes teóricas feministas. Buscando dar conta das relações socialmente constituídas, em oposição dos convencionados gênero feminino e masculino, suas variações e hierarquias. Antes desta configuração, as primeiras formulações baseavam-se justamente na fixidez biológica que definiria identidades, não nas configurações de poder histórico e culturalmente estabelecidos. Em retorno no tempo, chegamos a Simone de Beauvoir (1949) e a publicação de sua obra *O Segundo Sexo*. A autora afirma que “não se nasce mulher, torna-se”, embora ela não usasse a categoria gênero já apontava que sexo não garantia a constituição de uma pessoa em correspondência com o gênero. Os anos 1960 trouxeram a necessidade de uma retomada do termo gênero, com as formulações de Robert Stoller (1968). Stoller propunha “a utilização de uma categoria que diferenciase a pertinência anatômica (o sexo) da pertinência a uma identidade social ou psíquica (gênero). Em 1975, Gayle Rubin lança *O Tráfico das Mulheres*: notas sobre a economia política do sexo, explorando questões sobre um sistema que ela chamou de “sistema sexo-gênero”, estimulando a ruptura teórica que viria nas décadas posteriores. O debate toma sequência em 1986, quando Joan Scott elabora uma reflexão sobre gênero ser uma categoria de análise, destacando sua utilidade na historiografia. Scott é considerada a precursora das formulações nascidas na década de 1980. Para ela, gênero seria o primeiro modo de dar significado às relações de poder, dentro de uma disputa política (VEIGA; PEDRO, 2015, p. 305).

Mas é somente na década de 1990 que o termo ganha uma definição mais decisiva para o debate, com a publicação de *Gender Trouble* (1989) de Judith Butler. A obra abre um debate entre outros autores como Teresa de Lauretis e Thomas Laqueur. Para Butler, gênero seria um meio discursivo, um conjunto de atos reiterados no sentido de regular a sexualidade, seguindo padrões heterossexuais construídos para simularem uma aparência de natureza. Na sequência, Teresa de Lauretis (1994) situa gênero no centro da crítica da representação e Thomas Laqueur (1992) o sexo seria situacional e explicável “apenas dentro do contexto de luta sobre gênero e poder” (VEIGA; PEDRO, 2015, p.305).

Gênero vai acarretar também problemáticas, como no caso da definição anglo-americana que não condizia com tendência teórica francesa. Karen Offen

(2011) percebe que na língua francesa há uma distinção terminológica entre “sexo” e “gênero” masculino/feminino — utilizados na construção social. Scott analisando o contexto francês observou esta controvérsia, lembrando que as palavras têm histórias e múltiplos usos. O importante é que o conceito Gênero deu base para outras categorias de pesquisa histórica que fogem do campo feminista, mas, ao mesmo tempo, complementam. Estas pesquisas podem ser exemplificadas com os estudos das masculinidades, sobre gays, lésbicas, transexuais e outros. Nos anos 2000, pesquisadoras, como Cláudia de Lima Costa, propõem uma recriação do sujeito e do conceito mulher, sob uma perspectiva política, com base nas reivindicações do feminismo como movimento social (VEIGA; PEDRO, 2015, p. 306-307). Compreendemos um pouco das formulações acerca do conceito, mas como sexo passou a gênero? Laqueur referencia que desde a antiguidade clássica, até o final do século XVIII, perpetua-se o ideário de um sexo único (LAQUEUR, 2001, p.19). Este nos apresenta a existência de um corpo canônico macho, responsável pela transmissão da humanidade, visto que este seria o portador do princípio divino, uma figura de atividade. O corpo fêmea seria, portanto, um corpo macho que ao invés de se apresentar externamente, se apresentaria internamente, como um corpo inverso, passivo e inferior. Construindo-se, assim, uma relação hierárquica entre a figura do homem e da mulher (LAQUEUR, 2001, p. 89).

Até o início do século XVIII, o sexo homem e o sexo mulher, biologicamente falando, eram importantes na manutenção da ordem das coisas. Neste mundo de sexo único, a determinação do mesmo definiria uma posição social e, assumiria um determinado papel cultural (LAQUEUR, 2001, P.18-19). Laqueur volta a reafirmar que

[o] sexo, como o ser humano, é contextual. As tentativas de isolá-lo de seu meio discursivo e determinado socialmente são tão fadadas ao erro como a busca do *philosophe* por uma criança verdadeiramente selvagem ou os esforços do antropólogo moderno para filtrar o cultural e deixar um resíduo de humanidade essencial. E acrescentaria ainda que o corpo privado, incluso, estável, que parece existir na base das noções moderna de diferença sexual, é também produto de momentos específicos, históricos e culturais. Ele também, como os sexos opostos, entra e sai de foco (LAQUEUR, 2001, p. 27).

O final do século XVII e início do século XVIII, foi o período em que a ciência aceitou a nova epistemologia, nascendo assim às categorias feminina e masculina como sexos biológicos distintos. Grande parte desta aceitação decorre do

surgimento do anato-fisiologia como ciências (LAQUEUR, 2001, p. 193). Apesar do ideário de igualdade de direitos entre os sexos trazidos pela Revolução Francesa, criou-se uma nova base social que distribuía as demandas sociais de acordo com o sexo, cabendo ao homem o papel social de produção. Seu corpo é considerado mais forte e deve se construir e afirmar socialmente no âmbito público, enquanto à mulher cabia o papel reprodutivo, logo alocado no espaço privado (BIRMAN, 2016, p. 56-57). Ainda segundo Birman

Acreditava-se, de fato, que não se estava retirando poder social das mulheres em relação ao poder masculino, mas tão somente repartindo socialmente os diversos sexos segundo as virtualidades irrefutáveis de sua justa distribuição social de acordo com as disposições naturais diferentes (BIRMAN, 2016, p. 57).

Mas quando ocorre a mudança no conceito Gênero? Quando o mesmo passa a deixar de significar exclusivamente o conceito biológico? O ideário de igualdade da Revolução Francesa trouxe consigo o nascimento da ideia de indivíduo, por isso a necessidade dessa distinção específica entre os sexos (LAQUEUR, 2001, p. 242). Logo, existiria um sujeito homem e um sujeito mulher. Essa construção absoluta do sujeito mulher entra em discussão nos anos de 1960 com o levante feminista por direitos reprodutivos, pois, as mesmas rompem com padrão tradicional da condição feminina no Ocidente (BIRMAN, 2016, p. 48). Que sujeito “mulher” o movimento feminista do período está tentando representar? Havia uma grande pluralidade de mulheres, mulheres negras, brancas, de classe média, pobres, indígenas, etc. Como rotular tamanha pluralidade designando um sujeito único? Para responder tais indagações, recorreremos a Butler que explica que

É impossível pensar em termos de um indivíduo coerente e idêntico-a-si-mesmo, já que o sujeito é constituído por desejos que ele, possivelmente não pode conhecer nem mesmo expressar, mas que determinam sua identidade (BUTLER, 2016, p.11).

Assim, o sujeito não é um indivíduo, mas sim uma estrutura linguística em formação. Butler acrescenta, ainda, que, como estrutura linguística, os discursos e as práticas que nos circundam socialmente vão criar ou causar a determinação de nosso sexo, sexualidade e principalmente nosso gênero. Gênero será compreendido dentro dessa perspectiva como independente de sexo; um ato ou uma sequência de atos que está sempre acontecendo dentro de um quadro regulatório rígido que se

cristaliza ao longo do tempo produzindo a aparência de uma forma material de ser. Dessa maneira ele não configura uma identidade estável (BUTLER, 2016, p. 69).

A distinção de gênero faz parte da “humanização” dos indivíduos, de forma que aquele que não efetua sua distinção de gênero de modo adequado é regularmente punido. Estas punições são consequências do caráter performativo do gênero e regidas por convenções sociais, isto é, são parte de um sistema de heterossexualidade compulsória⁷ desenvolvida no cultivo da distinção dos sexos biológicos tratados como “naturais”. Quando se abre a possibilidade de questionar o caráter performativo da identidade de gênero é que se percebe como as normas de gênero são instituídas e mantidas de forma a manter uma estrutura binária. A reprodução destas identidades generificadas vai dar-se através das diferentes formas de atuações dos corpos em relação à expectativa de sua exigência generificada (BUTLER, 2018, p. 06–13). Para Butler, o corpo é “uma situação histórica”, uma maneira de fazer, dramatizar e reproduzir, corporificar possibilidades culturais e históricas (BUTLER, 2018, p. 05).

Se o corpo atua corporificando possibilidades, é preciso dizer que, primeiramente, a sua aparição no mundo não é determinada por nenhum tipo de essência interior, logo, ele surge no mundo por atos externos a ele. E por segundo, sua expressão concreta no mundo assume e torna específico um conjunto de possibilidades históricas. Para Butler, o corpo

[...] não é uma materialidade idêntica a si mesma ou meramente factual: o corpo é uma materialidade que assume significado, e que assume significado de maneira fundamentalmente dramática. Por dramática, quero dizer apenas que o corpo não é meramente matéria, mas uma *materialização* contínua e incessante de possibilidades. Não se é simplesmente um corpo, mas, em um sentido absolutamente fundamental, faz-se o próprio corpo e, é claro, cada um faz seu corpo de modo diferente de seus contemporâneos, e também de seus antecessores e sucessores corporificados (BUTLER, 2018, p. 5).

A autora vai dizer ainda que a corporização vai manifestar um conjunto de estratégias. Dessa forma, Butler cita a frase de Simone de Beauvoir “Não se nasce

⁷ O termo **Heterossexualidade Compulsória** refere-se à concepção social de que a heterossexualidade é a inclinação natural dos seres humanos e que, por tanto, pode ser adotada de maneira independente das possíveis preferências sexuais da cada pessoa. Consequentemente, qualquer que diverja desta orientação é considerado desviado e depravado. É uma ideia assumida e reforçada pela sociedade patriarcal; O termo foi criado e desenvolvido pela ativista feminista americana Adrienne Rich em seu trabalho *Heterossexualidade compulsória e existência lesbiana* (2012).

mulher, torna-se” e exemplifica o fato de que ser mulher não é uma ocorrência sem significado, agora ser mulher é ter se tornado, mulher, ou,

[...] compêlir o corpo a se conformar a uma noção histórica de “mulher”, induzir o corpo a se tornar um signo cultural, a se materializar obedecendo a uma possibilidade historicamente delimitada, e a levar adiante esse projeto corporal de modo contínuo e reiterado (BUTLER, 2018, p. 5-6).

Essa materialização de uma significação sobre este corpo, segundo Butler, vai ser possível através da criação de normas através das quais o poder irá ser exercido. Essas normas vão agir nos corpos, gerando mecanismos reguladores de sexualidades, que enquadrarão os corpos e vão gerar subjetividades. Foucault vai falar que este poder que atua sobre os corpos pode ser chamado de biopoder, e que virão atuar através de biopolíticas, mecanismos estatais de intervenção sobre o corpo. Seja a criação de políticas de controle de natalidade e a criação de instituições de cuidado da população.

O biopoder procura, através de técnicas diversas e numerosas, obter a sujeição dos corpos, e assim, o controle dessa população que cresce. Ele foi indispensável para o desenvolvimento do capitalismo, já que controlou a inserção dos corpos no aparelho de produção. Como já colocado antes, vai ser através de um “saber” do corpo que este poder vai ser exercido. Com a criação deste saber do corpo, foi possível criar as bases para o discurso da distribuição das demandas sociais entre os sexos (FOUCAULT, 2014, p. 31). Com este saber, nascem as disciplinas que através de métodos de controle das operações do corpo vão realizar sujeição constante de forças, impondo uma relação de docilidade-utilidade. Segundo Foucault estas disciplinas vão formar

[...] uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (FOUCAULT, 2014, p.135-136).

Para Foucault é a partir do século XVII que o poder sobre a vida irá desenvolver-se e atuará sob dois polos: a anatomia política do corpo, caracterizada

pelas disciplinas, e o segundo que vai ser formado um pouco mais tarde na metade do século XVIII, a mecânica do ser vivo que será onde as intervenções e os controles da biopolítica irão atuar. Ambos os polos atuarão através de dispositivos de controle, sendo o principal e mais importante para esta pesquisa o dispositivo de sexualidade (FOUCAULT, 2017, p.150-151). A regulação da sexualidade como parte da disciplina do corpo deu-se principalmente pela articulação destes dois polos. Isto é a necessidade de uma regulação das populações no âmbito de uma explosão demográfica e o adestramento, intensificação e distribuição das forças produtivas. Do século XVIII até o fim do século XIX podemos elencar quatro formas estratégicas pelas quais o biopoder utilizou-se para obter efeitos no nível da disciplina, são eles: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso (FOUCAULT, 2017, p. 112-114).

Antes de seguirmos com o dispositivo de sexualidade, vamos compreender o que seria esta sexualidade, nos baseando nas ideias de sexo e gênero de Judith Butler. Mas o que é sexualidade afinal?

2.2 Sexualidade

Pensar sexualidade é compreender seus três aspectos: o biológico ligado ao prazer físico e a reprodução, o social que vai tratar das relações, regras, normas sexuais e formas com os quais o sexo biológico é expresso, e, por fim, o subjetivo que vai ser a porção da consciência individual e coletiva da sexualidade. Anthony Giddens coloca que a sexualidade não deve ser compreendida somente como um impulso sob o qual as formas sociais devem conter-se, mas pensá-las como um ponto de transferência para as relações de poder, algo que pode ser subordinado como um foco de controle social pela própria energia, impregnada de poder (GIDDENS, 1993, p. 28). Foucault (2017) relata que inicialmente os dispositivos de sexualidade foram introduzidos nas famílias burguesas e enquanto nas camadas populares foram introduzidos lentamente, pois, as mesmas estavam submetidas ao que o autor chama de dispositivo de aliança. Isto é um sistema baseado no sistema de matrimônio e a transmissão de bens e nomes. Ambos dispositivos atuaram juntos na sociedade do século XVIII até o século XX.

Os mecanismos de sexualização penetraram de forma lenta e gradativa por todas as camadas, através de três etapas sucessivas: nos problemas de natalidade, quando é percebido que a contracepção não era apenas privilégio das camadas populares, mas pertencente a todos; em seguida, a questão da organização da família “canônica” como controle político e de regulação econômica, a célula família passa a ter dois eixos: eixo marido-mulher e eixo pais-filhos; e, por fim, o controle judiciário e médico das perversões em nome da proteção da sociedade e da raça (FOUCAULT, 2017, p.132-133). Retomemos, então, às quatro estratégias utilizadas pelo biopoder como efeito da disciplina, a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. Estes só serão possíveis por conta da nova família nuclear, celular, que vai ser atravessada e subordinada a relações de saber-poder externas, advindas dos médicos, dos juizes, pedagogos, padres, fazendo com que esta família além de ser uma instituição afetiva e sexual seja atravessada por estes saberes e poderes (BRANCO, 2015, p. 84).

Butler vai destacar a importância da manutenção dessas relações de parentesco como meio de garantir a reprodução de determinada cultura com vários requisitos estabelecidos em literatura antropológica de parentesco colocando a reprodução sexual dentro dos limites de um sistema de casamento de base heterossexual que vai querer a produção de seres humanos de certo modo generificados que garantam a reprodução deste sistema de parentesco (BUTLER, 2018, p. 8–9). A expressão sexual vai ser domesticada em um modelo de casamento, como o modelo do Companionate Marriage⁸, que buscava retratar o casamento como verdadeiramente simétrico, deixando assim poucas razões para as mulheres o evitarem, evitando assim a objeção feita pelas feministas de que o casamento era um sistema de dominação masculina (COTT, 1991, p. 101). Foucault vai dizer que

[...] A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro da casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõem-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos

⁸Companionate Marriage (1929) é o título do livro de conselhos matrimoniais escrito pelo Juiz Ben Lindsay.

pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este *status* e deverá pagar as sanções (2017 p.7-8).

Na sociedade do século XVIII não houve uma recusa em reconhecer o sexo, já que a sexualidade repousou dentro da vida privada. Mas isto só foi possível porque foi instaurado todo um aparelho médico de produção de discursos verdadeiros sobre o sexo. Passou-se a falar muito sobre ele, forçando também as pessoas a falarem, seja pela confissão ao padre ou pela consulta médica, assim construindo através destes mecanismos uma verdade regulada. Este processo vai criar no Ocidente o que ele chama de *Scientia sexualis*, um movimento de produção de uma ciência sexual (FOUCAULT, 2017, p. 78-79). Ao fim do século XVIII e início do século XIX a tecnologia do sexo, vai se ordenar em torno da instituição médica, através de uma exigência de normalidade.

2.2.1 Os discursos médicos: medicina, psicanálise e sexologia

Um fator importante na passagem do século XVIII para o século XIX foi a urgência em “separar a medicina do sexo da medicina geral do corpo: isolou um instinto” sexual, suscetível, mesmo sem alteração orgânica, de apresentar anomalias constitutivas, desvios adquiridos, enfermidades ou processos patológicos” (FOUCAULT, 2017, p. 128). Com a medicalização crescente da sociedade, a medicalização da sexualidade vai ser multiforme. Ela vai se colocar em um campo de especialistas diversos e acompanhará uma grande quantidade de exames e tratamentos. Culminando em políticas de saúde pública (SOHN, 1993, p. 126). Em boa parte do século XIX, a medicina da sexualidade e reprodução vai centrar seu foco sobre as mulheres, expressa na criação de uma especialidade puramente destinada à saúde do corpo feminino: a Ginecologia (RODEN, 2002, p. 511). Sohn vai complementar que através dos ginecologistas ocorre uma rede de prescrições médicas sobre o corpo feminino controlando-o. Com uma grande atenção à maternidade, este corpo grávido a fim de levá-lo em segurança até o momento do parto. Além do cuidado com as grávidas nascem os primeiros tratamentos contra a

infertilidade, sempre com foco nas mulheres já que para eles a sexualidade feminina estaria ligada à função reprodutiva (SOHN, 1993, p.126-127). Para Laqueur,

[...] O desejo tinha uma história e o corpo feminino era distinguido do masculino, à medida que as grandes transformações da sociedade europeia entre os séculos XVII e XIX faziam uma pressão insuportável contra as antigas visões do corpo de seus prazeres (LAQUER, 2001, p. 254).

Os órgãos reprodutores femininos considerados comuns aos dois sexos ganham novos nomes e funções de acordo com seus órgãos reprodutivos através dos novos tratados de anatomia. O avanço nos estudos médicos sobre menstruação, coito, cio, serviram para enquadrar ainda mais as mulheres em normas e disciplinas reprodutivas (LAQUEUR, 2001, p. 189-220). Inicia-se uma discussão sobre o prazer feminino através do orgasmo e se o mesmo era relevante para a fecundação, este discurso só será possível com o advento do século XX e a difusão das obras de Freud. Anthony Gioddens vai referir a importância das obras de Freud

[...] não ao fato de ele ter proporcionado à preocupação moderna com o sexo e sua formação mais convincente. Mais que isso, Freud revelou as conexões entre a sexualidade e a auto-identidade, quando elas eram ainda inteiramente obscuras, e ao mesmo tempo mostrou que essas conexões são problemáticas. A psicanálise tem suas origens no tratamento de patologias de comportamento, e foi encarada por Freud como um método de combate à neurose (1993 p. 41-42).

A psicanálise vem apresentar-se como uma nova ciência, a do inconsciente, baseada em fatos inexplorados, e onde a matriz de sua teoria irá basear-se no Complexo de Édipo, teoria criada para descrever os estágios psicosssexuais do desenvolvimento da personalidade.

Freud vai definir o conceito de libido como análogo “à fome, libido deve nomear a força com a qual a pulsão se manifesta — nesse caso, a punção sexual, da mesma forma que, no caso da fome, a pulsão de nutrição [Ernährungstrieb]” (FREUD, 2018, p.199). A partir do conceito de libido, Freud vai trazer as primeiras noções de sexualidade, estas surgidas inicialmente no lactente, que irá apoiá-la em outras funções importantes para a vida. Seu interesse será voltado à ingestão de alimentos, logo o seio da mãe, será o primeiro objeto da pulsão sexual. Nascida na satisfação de grandes necessidades orgânicas como se alimentar e defecar, como sensações de prazer. A partir do terceiro ano de vida vai iniciar a investigação sexual infantil, neste período não há diferença entre os sexos já que as crianças atribuem a

ambos os sexos o mesmo genital masculino. Ocorrerá a diferenciação quando a menina percebe a inexistência do pênis e sua zona de satisfação auto-erótica passado do clitóris para o orifício vaginal (FREUD, 2018, p. 199–205). Freud traz a sexualidade infantil para mostrar a sua congruência com a do adulto, e assim determinar quando esta sexualidade se torna o que ele chama de “sexualidade perversa”, quando um indivíduo humano possui uma vida sexual que se desvia do quadro habitual da média (FREUD, 2018, p. 188).

Esta seria a raiz da matriz edipiana da psicanálise. Introduzindo a mãe como o primeiro objeto amoroso e como importante para esclarecer dentro do pensamento psicanalítico as neuroses. No caso do menino, é perceptível a necessidade de ter a mãe só para si, gerando uma percepção incômoda da presença do pai. Na menina, ela vai se configurar de maneira parecida, mas com modificações necessárias, tais como a ocorrência de uma necessidade da mãe como supérflua e assumir seu lugar, já elaborado com os meios de posterior feminilidade (FREUD, 2018, p. 227). Freud vai colocar que

[...] o fato clínico que se nos apresenta por detrás da forma do complexo de Édipo estabelecida pela análise é da mais alta importância prática. Constatamos que na época da puberdade, quando a pulsão sexual faz, pela primeira vez, suas exigências com toda a sua força, são retomados os antigos objetos familiares e incestuosos e eles são novamente investidos libidinalmente. A escolha infantil de objeto foi apenas um débil prelúdio orientador da escolha de objeto da puberdade.[...] A partir dessa época, o indivíduo humano tem de se dedicar à grande tarefa de descolamento dos pais, e somente a partir desse descolamento ele pode deixar de ser criança, para se tornar um membro da comunidade social (FREUD, 2018, p. 231).

Com relação à sexualidade feminina esta se torna mais complexa pela existência de duas zonas genitais, o clitóris inicialmente e por uma nova, a vagina. Fator habitualmente ligado a bissexualidade na constituição humana e mais nitidamente na mulher. A vida sexual da mulher irá se dividir em duas fases, a primeira com um caráter masculino, com zona genital o clitóris e a segunda especificamente feminina, agora na zona genital da vagina (FREUD, 2018, p. 289).

A transferência de objeto da fase pré-edipiana para a fase fálica traz o afastamento em relação à mãe, passo importante para o desenvolvimento feminino, pois, há a mudança do objeto sexual da mãe para o pai. Com a visão do outro genital, a menina passa a um complexo de castração, pois, ela percebe diretamente a diferença e também a sua importância. Este momento é conhecido pela inveja do

pênis, aumentando um desejo de também chegar a ter algo como o pênis e ter o que o mesmo representa na sociedade (FREUD, 2018, p. 289-303). Esta inveja do pênis vai participar diretamente na escolha de objeto, na maneira que quer ser amada assim como o aumento da vaidade física visando valorizar seus encantos compensação pela inferioridade sexual originária. Freud atribui então feminilidade a um grau alto de narcisismo para suprir esta inferioridade (FREUD, 2018, p. 338).

A maturidade feminina só aconteceria quando ela abandonasse o fracassado pênis, e abraçasse a condição de ser mulher: uma mulher vaginal, cujo desejo principal, por excelência seria o da maternidade. Esse desejo de ter um pênis seria concretizado na figura do filho, ainda mais se o mesmo fosse um menino. As mulheres que fugiam a este padrão foram diversas vezes consideradas como histéricas (MOLINA, 2016, p. 61-62).

Freud e os estudos de psicanálise vão ser importantes no início do século XX, principalmente na nova concepção das histéricas. Os estudos de caso realizados por Freud e Breuer buscavam respostas para o sofrimento físico sem causa orgânica sofrida por diversas mulheres ditas como histéricas. O estudo dos casos de Lucy, Elizabeth von R., Dora abriram caminho para a descoberta de que suas doenças seriam então fruto de uma alteração nervosa, independente da demanda sexual e do aparelho reprodutivo. Esse deslocamento produziu uma progressiva dessexualização da histeria, cujo grande ponto é não ser mais uma particularidade das mulheres, mas que poderia existir também entre os homens (BIRMAN, 2016, p. 89).

O advento da psicanálise, aumento da medicalização e os estudos antropológicos sobre o corpo vão ser fundamentais para dissociar a sexualidade da reprodução. A explosão demográfica ocorrida no século XX vai tornar necessário o desejo de limitar a descendência. A sexualidade vai sair do confinamento do casamento para ganhar os consultórios e políticas públicas (SOHN, 2009, p. 135). Nesse momento, ocorre a diminuição do tamanho das famílias, possível com uma dominação maior da fecundidade, desde a invenção da pílula, até mesmo outros métodos para interrupção voluntária da gravidez. Os discursos e escritos oficiais, começam a transgredir a moral religiosa e médica. O código penal de alguns países passa a restabelecer igualdade civil entre os sexos, na questão do adultério. A

sexualidade e o casamento vão divergir lentamente ao longo do século XX (SOHN, 2009, p. 136-144).

Não se sabe exatamente em que ponto da década de 1930 ocorreu a mudança nas relações familiares e do casamento. As revistas femininas vão divulgar as palavras dos médicos e dos psicólogos, legitimando os sentimentos e vulgarizando os principais conceitos freudianos. O amor agora vai ocupar o lugar central no casamento e esta nova norma vai legitimar a sexualidade pela sinceridade dos sentimentos por ela expressos: ela se torna a própria linguagem do amor. Sexualidade e casamento continuam vinculados agora sob a norma da satisfação amorosa (PROST, 1992, p. 91-92).

Este novo conceito de casamento e sexualidade abriram espaços para uma liberação sexual e dos corpos, mesmo que timidamente ainda sob o rigor social, mas que, ao longo do século XX, vão ampliando-se com os estudos da sexologia e tornando-se menos rígidos. Como veremos a seguir com o desvelar do corpo, a pornografia e os sexólogos. Do século XIX, até meados dos anos de 1930, há uma inacessibilidade do corpo feminino, este protegido por múltiplos envoltórios, explicando uma inibição perante o parceiro (CORBIN, 2009, p. 222). Anne Marie Sohn relata que até 1930 ainda se fazia amor de camisola e a meia luz, o desvelar do corpo feminino pós 1930 vai afetar diretamente a vida privada (SOHN, 2009, p. 110-111). O desnude do corpo permite que a sexualidade agora não seja apenas sugerida, mas apresentada em cena, tanto em filmes como em cartazes, são apresentadas mulheres sedutoras, beijos apaixonados, ambos como prova do desejo e do prazer (SOHN, 2009, p. 113).

Dominique Maingueneau aborda que a obscenidade é uma maneira universal de dizer a sexualidade. Ele coloca que “a pornografia” vai acabar tornando-se uma categoria de classificação de produções semióticas (livros, filmes, imagens...) e um julgamento de valor por grupos mais ou menos organizados. O erotismo passa a ser aceito, pois, vem a ser um modo de representação da sexualidade compatível, dentro dos limites, com os valores reivindicados pela sociedade, enquanto a pornografia é considerada transgressiva, porque mostra tendências sexuais agressivas. Ela mostra o que não pode ser feito em público, o que geralmente não se faz, como as orgias e ainda o que a maioria das pessoas nunca faz, como o estupro. Isso não significa que a pornografia seja intolerada como representação.

Com os novos pensamentos sobre sexualidade, ela passa a ser tolerada, dando origem nos anos de 1960–1970 à produção de um cinema pornográfico de massas (MAINGUENEU, 2010).

De qualquer maneira, o cinema da década de 1920 foi importante por projetar uma realidade social, através de um aparelho cultural, na revelação de uma expressão sexual, como fonte de vitalidade e de personalidade, e onde o desejo sexual feminino existia para ser explorado e satisfeito (COTT, 1991, p. 100). A publicidade, nesse momento, pressionava as mulheres a comprarem sua passagem para o lazer e para o prazer, as revistas direcionadas a elas dirigiam-se às leitoras como pessoas individuais e solicitavam sua participação (HIGONETE, 1991, p. 407-417). A saúde passou a ser a verdade e também a utopia do corpo: ter um corpo perfeito era sinônimo de saúde (MOULIN, 2009, p. 19-20).

A nova mulher americana sofreu com a exigência de uma aparência física impecável, particularmente bem cuidada, segundo uma redefinição do ideal de feminilidade sobre a qual a indústria cosmética teve grande influência (PASSERINE, 1991, p. 385). O século XX vai ser marcado pela proliferação dos discursos sobre o sexo e a sexualidade, assim como a intervenção médica maior sobre o corpo sexuado. A “vontade de saber” da burguesia do século XIX e de controle do corpo permitiu que a sexualidade fosse objeto de estudos.

O estudo da sexualidade como principal objeto deu início a uma nova área de estudos a sexologia, que se torna forte a partir do século XIX chegando ao século XX com os estudos de Kinsey, Master e Johnson. Antes do século XIX, vemos a proliferação de discursos sobre o corpo, sua anatomia, fisiologia, usados para reafirmar posições sociais e discursos. Contudo, foi somente com o século XIX, com o nascimento de uma protossexologia, estudo de tudo aquilo que poderia ameaçar a sexualidade ordinária, que os estudos de sexualidade ganharam novos rumos. A protossexologia buscava diminuir e orientar sobre doenças venéreas, “aberrações sexuais”, qualquer forma de sexualidade dita como anormal, a ponto de conservar o corpo, por conta de uma economia de mercado e a Revolução Sexual (CORBIN, 2009, p. 182). Pelo final do século XIX, nasce na Alemanha e na Inglaterra a primeira “ciência sexual”, com a publicação da *Psychopathia sexualis* (1886) de Richard von Kraft-Ebing, e *Psychology of Sex* (1933) de Havelock Ellis, que inicia seus estudos em 1886. Estudos fundamentais no desenvolvimento de uma tipologia

“científica” dos comportamentos e perversões, fora da base do pecado, mas nos critérios de normalidade e anormalidade. Estes textos atribuem um papel exato de expressões autorizadas da sexualidade (SOHN, 2009, p. 119).

Como já discutido, será com a publicação de *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905) que Freud vai romper de vez a ideia de uma sexualidade reprodutiva partindo para uma sexualidade hedonista. O motor que impulsionaria a sexualidade hedonista seria a busca do prazer, saindo da busca reprodutiva. Já desde 1914, feministas e socialistas, como Stella Browne e Georges Ives, fundam a British Society for Study of Sex Psychology, que apoia Maria Stopes na publicação do *Married Love* (1918), livro ao qual ela defende o direito ao prazer sexual da mulher casada e acaba tornando-se conselheira conjugal de mulheres e homens da época. A sexologia moderna vai desenvolver-se no período do entre guerras (1914-1939) e seguir a problemática do “modelo de dois gêneros”. Há um debate no seio da comunidade freudiana em 1930, com relação à ideia da libido ser masculina, levando a Escola Inglesa com Melnie Klein, Ernest Jones e Karen Horney a relativizar o prazer vaginal e a inveja do pênis, propondo a ideia de uma libido feminina. Estes estudos abriram espaço para a sexologia científica, desenvolvida na segunda metade do século XX e que tem como fundador Alfred Kinsey (SOHN, 2009, p. 121).

É no Institute for Sex Research, da Universidade de Indiana, que Alfred Kinsey, zoólogo de formação, monta uma equipe com o intuito de traçar um quadro das práticas sexuais contemporâneas. Sem qualquer preocupação conjugal ou reprodutiva, ele utiliza uma sondagem de opiniões e uma amostragem de 10,000 pessoas, para determinar como as mesmas se interessavam pelo prazer, a produção de orgasmos e os meios de alcançá-los. Utilizando-se do rigor científico de seus resultados, utilizando o nome do seu Instituto e da Universidade de Indiana, consegue transparecer uma liberdade sexual ainda que em contradição com o arsenal repressivo presente nos Estados Unidos na época. Focado inicialmente na masturbação, ele publica que é o meio mais utilizado pelos meninos e que a mesma não era prejudicial à saúde. Ainda coloca que as relações pré-conjugais são corriqueiras em ambos os sexos, assim como uma incidência maior em homens de relações extraconjugais (SOHN, 2009, p. 122).

Kinsey arruína as normas da moral da castidade, mas principalmente o discurso que dá base à heterossexualidade conjugal quando determina que a maioria das pessoas navegue entre a heterossexualidade e a homossexualidade, não as avaliando como patologia ou desvio. Desta forma, quebra a concepção freudiana da sexualidade feminina, negando a hierarquia dos órgãos femininos, reabilitando o prazer clitoriano e dizendo que a sexualidade feminina seria bem semelhante à sexualidade masculina: o *Relatório Kinsey da Sexualidade Masculina* foi publicado em 1948 e o *Relatório Kinsey da Sexualidade Feminina* em 1953 (SOHN, 2009, p. 122).

A sexologia vai apresentar-se como terapêutica a partir de 1960. Tendo William Masters, médico obstetra e Virginia Johnson, psicóloga como principais representantes, irão propor um projeto terapêutico, fundamentado na observação laboratorial das reações sexuais. Determinando as fases normais do desenvolvimento da relação sexual, ambos poderiam, então, tratar pacientes nos quais estas funções não estivessem “normais”. Masters e Johnson separam a sexualidade da reprodução, e focam no bom sucesso conjugal, restaurando a função erótica⁹ que, segundo eles, seria a base de toda união bem sucedida. Suscitam assim a criação de um novo corpo de especialistas: os sexólogos (SOHN, 2009, p.124).

Masters e Johnson, com seus estudos, irão iniciar o campo dos sexólogos, especialistas em sexologia. Esta mudança poderá ser vista na fundação da Sociedade Francesa de Sexologia Clínica em 1974, a organização do Primeiro Congresso Mundial de Sexologia em 1975, culminando com a criação da World Association of Sexology. Os sexólogos, que não tratam anomalias, e sim disfunções, sugerem terapias diversificadas. E a psicoterapia de casal será a primeira instância, assim como terapias comportamentais e sexoterapias, na linha de Masters e Johnson (SOHN, 2009, p. 124-125).

Com os sexólogos há a abertura de temas antes restritos a ordem privada e familiar. A sexualidade passa a fazer parte do cotidiano, sendo vendidos nas revistas femininas, programas de rádio e até mesmo na televisão. Programas de conselhos e

⁹Birman afirma que no “momento em que a mulher torna-se mãe ela é destituída do seu erotismo, já que uma das possibilidades rivaliza agnosticamente com a outra e cada uma delas poderia conduzir a mulher a um destino subjetivo e social oposto, o mesmo não se daria, contudo, com o erotismo masculino” (BIRMAN, 2016, p. 71).

soluções, nos quais o público pergunta a um especialista e recebe uma resposta do mesmo. Passa-se a falar de gravidez indesejada, frigidez, adultério. Falar de sexualidade torna-se lícito e propõe a todos um novo objetivo: o orgasmo como condição de boa saúde e equilíbrio mental (SOHN, 2009, p. 125-126).

Entramos aqui mais uma vez em uma situação histórica agindo sobre um corpo, este sofrendo uma nova construção cultural, não somente por convenções que sancionam ou prescrevem como alguém deve atuar seu próprio corpo, mas também pelas convenções tácitas que estruturam o modo como o corpo é culturalmente percebido. Corpo agora percebido como um corpo erótico e com necessidade de prazer (BUTLER, 2018, p. 8).

2.2.2 Entre orgasmos e desejos: a sexologia em Masters e Johnson

Para compreender o que motivou Masters e Johnson a desenvolverem sua pesquisa em sexualidade humana, devemos conhecer a trajetória que ambos realizaram, assim tentando compreender exatamente esta sexologia. William Masters conhece professor George Corner enquanto cursava a disciplina de anatomia na Universidade de Rochester. Impressionado com as aulas do professor, Masters troca as disciplinas da graduação em inglês para as de medicina. Juntos, trabalham no laboratório em que se realizam testes de reprodução em macacos e coelhos. Em 1942, o Corner deixa a Universidade Rochester e integra o departamento de embriologia do Instituto Carnegie de Washington (Baltimore), ponto importante na carreira de Masters (MAIER, 2014, p. 59).

No mesmo ano, após reconhecer a grande vontade de aprendizado que Masters possui, o professor o convida para o Encontro anual de biólogos americanos. Durante o encontro, Masters tem a oportunidade de acompanhar uma discussão entre Corner e Carl Hartman sobre as dificuldades que tinham na cópula entre macacos quando as fêmeas estavam no cio. O tema é o gatilho para que Masters questione se nas fêmeas humanas haveria um padrão cíclico de cio que ainda não havia sido identificado. Aproveitando o jantar realizado naquela noite, Masters lança aos cientistas ali presentes o que seria necessário para realizar um estudo da sexualidade de fêmeas humanas (MAIER, 2014, p. 61).

Sua dúvida é um fator importante a ser debatido pelo fato de que, em 1941, os estudos de Alfred Kinsey passem por Corner e pelo Comitê de Pesquisas sobre problemas sexuais, o que rendeu alguns anos reunindo informes sobre as instituições que patrocinam os trabalhos de Kinsey. Os planos, o programa e o método de Kinsey são investigados a fundo de modo a buscar bases para um julgamento justo e certificar que o trabalho realmente tenha cunho científico para divulgação futura (KINSEY, 1953, s/p).

Naquele momento, são levantados quatro critérios que seriam de suma importância: o pesquisador deveria ser homem, ser casado, ter por volta de quarenta anos e possuir uma grande experiência como pesquisador e cientista, sendo este último critério apoiado por uma grande universidade. Tais parâmetros que dariam confiança e veracidade em uma pesquisa sobre o tema (MAIER, 2014).

Masters, então, inicia seu caminho focado em conquistar todos os requisitos citados pelos colegas. Em 1950, segundo os colegas de especialidade, ele já havia alcançado o necessário para iniciar sua pesquisa. É conhecido por atender as cirurgias obstétricas chamadas de “causas perdidas” e por sair-se muito bem em contorná-las. Em 1953, por seu destaque nas pesquisas relacionadas à fertilidade, introduz no Hospital Maternidade de St. Louis o primeiro Programa de Pesquisa da Infertilidade, montando o primeiro banco de esperma do país (MAIER, 2014, p.74). Mesmo grande admirador do trabalho de Alfred Kinsey, ele acredita que somente estudando homens e mulheres na carne é que seria possível obter uma compreensão mais definitiva da sexualidade humana. Quando falamos de “na carne” queremos dizer um estudo fisiológico e anatômico do ato, não somente através de diálogos. Masters defende que um estudo da sexualidade feminina, dentro desta compreensão anato/fisiológica, poderia servir de suporte da sua especialidade — a ginecologia e obstetrícia — visto as realidades com as quais os médicos dessa área acabam lidando, mas que se recusam a investigar mais a fundo (MAIER, 2014, p. 90).

Pensando em iniciar sua pesquisa com um levantamento bibliográfico do que já havia sido escrito sobre sexualidade feminina e sua anatomia, Masters acaba decepcionando-se com a grande aversão ao sexo por parte dos ginecologistas e obstetras, deixando claro que, para estes especialistas, importa apenas o sexo concentrado na concepção e nada mais. Ele descobre que na biblioteca há somente

um livro sobre função sexual, um manual escrito por um ex-chefe de departamento de ginecologia e obstetrícia da Universidade de Illinois, que havia esperado a aposentadoria para então publicá-lo. Porém, por conta do livro trazer esboços lineares da genitália feminina e masculina, os responsáveis pela biblioteca catalogam-no como pornografia. Dessa forma, somente professores titulares, chefes de departamento e bibliotecários têm acesso a ele, ou seja, Masters, por ser professor adjunto, não o podia (MAIER, 2014, p. 92–93).

Com apoio inicial do chanceler Shepley da Universidade de Washington, Masters ausenta-se das aulas e sai de St. Louis para começar sua pesquisa. Shepley, então, pergunta a Masters qual era o seu conhecimento sobre o assunto sexo: agora, Masters explica-lhe que nada sabia, mas que, por isso, iria se esmerar para aprender o máximo. Para tal, o pesquisador procura aquelas que, para ele, seriam as melhores especialistas: as prostitutas. Por sugestão do chanceler Shepley, Masters monta um comitê para a sua pesquisa buscando maior aceitação da comunidade acadêmica. Ele, então, convida o delegado de polícia H. Sam Priest¹⁰, o editor do *St. Louis Globe-Democrat* Richard Amberg¹¹, o Arcebispo Joseph E. Ritter¹² e o próprio chanceler da universidade de Washington, Ethan Shepley¹³. Com esse conselho, ele asseguraria a integridade da pesquisa, pois, há

¹⁰Pouco se encontra sobre a figura do delegado de polícia H. Sam Priest. Sabe-se que ele se aproximou de Masters por conta da gravidez de alto risco da esposa, tornando-se amigos de longa data. Quando pesquisado sobre ele no site da delegacia de St. Louis, não há menções de delegados anteriores, reservando-se apenas aos atuais. Algumas informações sobre Priest podem ser encontradas em: <http://library.webster.edu/archives/buildings/priesthouse.html> Acessado em 15/03/2018. Há menção ao cargo ocupado por Priest em 1957 (<https://www.newspapers.com/newspage/139897357/> Acessado em 15/03/2018) e em 1959 (<https://www.newspapers.com/newspage/139123670/> Acessado em 15/03/2018).

¹¹ Richard Amberg, além de editor do jornal *St. Louis Globe-Democrat*, ficou conhecido como pilar da comunidade fazendo parte do quadro de fundadores do Hospital Infantil, da Sociedade das crianças deficientes, da Ópera Municipal de St. Louis e do instituto de pesquisas governamentais. Sua influência na sociedade foi importante para aproximar a pesquisa de Masters e Johnson da população não acadêmica. (Disponível em <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP88-01314R000300020003-8.pdf> Acessado em 01/03/2018)

¹² O Arcebispo católico John Joseph Carberry ficou conhecido por seus programas de expansão do ensino médio e de paróquias, a fim de restaurar o centro da cidade. Além disso, em 1938, ordenou a não-segregação racial em suas escolas. (CORNWELL, 2014. Disponível em <http://www.archindy.org/criterion/local/2014/03-28/ritter.html> Acessado em 01/03/2018)

¹³ Ethan A.H. Shepley era chanceler da Universidade de Washington no período que Masters desenvolveu seus estudos na Universidade. O advogado ficou muito conhecido entre 1921 e 1954 por seu envolvimento nos assuntos cívicos e culturais da cidade. Ativo na política, foi delegado na convenção constitucional 1943-44 assumindo papel de liderança na redação da atual constituição do Missouri. Por sua defesa da liberdade acadêmica no meio da era McCarthy, ele recebeu o prestígio

membros importantes: um arcebispo e bispo influentes na comunidade de St. Louis, o chanceler demonstrando o apoio da comunidade acadêmica e o chefe de polícia renomado.

Assim, Masters iniciou seu experimento com a ajuda de H. Sam Priest firmando um pacto com prostitutas da cidade: aquelas mulheres que ajudassem o médico na pesquisa receberiam passe livre e não seriam incomodadas pela polícia. Agora, vemos a ciência tapear uma lei com o intuito de progresso e desenvolvimento de conhecimento científico (MAIER, 2014, p. 100). Através desse ato, segundo Tito Sena, há um cruzamento das esferas discursivas e extras — discursivas, entre o científico e o jurídico, estes discursos promovem uma transformação extradiscursiva e vice-versa, mesmo em domínios aparentemente resistentes e herméticos, nos limites do legal e ilegal e entre o normal e o anormal (SENA, 2007, p. 119).

O auxílio do delegado H. Sam Priest é fator importante para o desenvolvimento inicial dos estudos de Masters, visto que na cidade de St. Louis a prostituição¹⁴ fora banida desde 1879. As prostitutas permitem que o médico observe o ato escondido atrás de vidros falsos e armários. Em troca, ele faz exames periódicos nas mulheres. Durante meses de pesquisa, o que mais o deixa, perplexo é o fato das mulheres fingirem orgasmo com os clientes. Elas explicam que sentiam orgasmos, mas geralmente isso não ocorria na penetração nem com qualquer cliente. Ao longo do ano, Masters consegue o apoio da Universidade para desenvolver sua pesquisa dentro do Hospital Maternidade, mas a pesquisa segue sendo realizada em segredo. Seus colegas da Universidade não fazem ideia do que Masters desenvolvia: o sigilo é importante, pois, Masters não queria entregar uma

Prêmio Alexander Meiklejohn de Liberdade Acadêmica da Associação Americana de Professores Universitários em 1959 (GOSDEN, 2013, p. 1-10).

¹⁴ Um aspecto interessante sobre ela é que, em 1870, após várias tentativas de suprimir o aumento da prostituição nas ruas da cidade, o conselho municipal legaliza-a e St. Louis fica conhecida, durante nove anos, como a primeira cidade americana a fazê-lo. Através da lei de junho de 1870, a legalização não é declarada explicitamente, mas há a regulamentação dos bordéis e das prostitutas que, ao pagarem uma taxa municipal, são licenciadas a venderem o corpo desde que não o façam nas ruas da cidade. Ao contrário do que os políticos locais pensam o fator de não poder prendê-las pelo delito gera uma explosão de outros delitos como vagabundagem, roubos e embriaguez pública, culminando no banimento novamente da prostituição no ano de 1879 (BARNES, 2009). Atualmente, assim como em 1955, a lei antiprostituição segue em vigor desde 1879 e a prostituição é descrita como um delito de classe B, isto é, com sentença de até seis meses de prisão e multa de quinhentos dólares a réis primárias e crime de classe C para reincidentes, acarretando-lhes em quatro anos de prisão e multa de cinco mil dólares, sentenças que podem aumentar de acordo com as reincidências das meliantes.

pesquisa ainda em andamento sob o risco de sofrer represálias, visto que seus colegas poderiam vê-la como indecente. Com o apoio do Reitor, ele percebe que, para a pesquisa ganhar ainda mais qualidade, as “cobaias” deveriam ter um corpo mais saudável, já que as prostitutas, em sua maioria, eram acometidas de doenças relacionadas ao sexo e estas, poderiam afetar os resultados fisiológicos da pesquisa. Entra, então, a necessidade de um auxiliar para a pesquisa e um método de recrutamento (MAIER, 2014).

Virgínia ingressa na pesquisa após meses trabalhando como secretária do consultório de Masters. Maier diz que

Idealmente, Masters teria preferido uma médica como parceira, mas uma candidata assim – bem mais qualificada do que Virgínia – era muito difícil de encontrar. Presume-se que Masters sabia que uma médica iria exigir mais equanimidade como parceira maior controle sobre as linhas gerais da pesquisa e talvez tivesse uma atitude mais cautelosa, e não o entusiasmo enérgico, mas não instruído que Virgínia exibia todo dia (MAIER, 2014, p. 116).

Masters se dispõe a treinar Johnson ensinando-lhe todas as complexidades da anatomia, biologia e fisiologia, fazendo com que ela se familiarize com a área a pesquisa. A pesquisa, em sua totalidade, é desenvolvida com voluntários que, além de realizarem o ato sexual de maneira solo, também o realizam com outros voluntários, sempre anônimo entre eles e com uso de máscaras de seda. Masters acredita que, para a pesquisa não sofrer nenhuma interferência de cunho emocional, os voluntários não deveriam se conhecer. Após anos analisando dados fisiológicos: orgasmos vaginais, clitoriano, o coito, entre outros, a dupla Masters e Johnson estão prontos para apresentar sua pesquisa aos membros da Sociedade Americana de Ginecologia.

O estudo sobre sexo realizado por Masters e Johnson não é aceito por seus pares, o que faz com que Masters então perca o apoio da Universidade, que se recusa a ser vinculada com uma pesquisa sobre sexo. Apoiado por Johnson e alguns colegas, William decide fundar por conta própria a Reproductive Biology Research Foundation (“Fundação de Pesquisa da Biologia Reprodutiva”). Utilizando-se do dinheiro de seus trabalhos com fertilidade, os cientistas dão continuidade à sua pesquisa (MAIER, 2014).

O sexo ainda é considerado do domínio do privado, da cama conjugal, por isso, sofre grande retaliação religiosa e política. Para os que fogem a esta ordem, é preciso estar predisposto a sofrer com as consequências. Segundo Laqueur,

A biologia, em outras palavras, é tão contida pelas normas culturais quanto à cultura se baseia na biologia [...] A anatomia sexual distinta era citada para apoiar ou negar todas as formas de reivindicação em uma variedade de contextos sociais, econômicos, políticos, culturais ou eróticos (LAQUEUR, 2001, p. 177-192).

Em 1966, Masters e Johnson lançam *A Conduta Sexual Humana*, problematizando, em sua introdução, o estado deplorável do conhecimento no que se refere à sexualidade. No prefácio da obra, iniciam o texto com as seguintes palavras:

À vista das imperativas solicitações gonádicas dos seres humanos, não deixa de ser curioso que a ciência só se desenvolva timidamente, no tocante à **fisiologia sexual**. Esta é a sua **única timidez**. Talvez esse evitar... não do bizarro e do extremo, do anormal e do doentio, porém dos usos normais e dos padrões médios da humanidade...**talvez essa reserva seja resultado da certeza de que o estudo de tal tema estará sempre sujeito às contingências da experiência pessoal, da tendência ao preconceito individual, e, acima de tudo, das implicações da lascívia**. Certo grau de opróbrio não seria talvez o preço demasiado a pagar, a fim de que nos livrássemos de muitas falácias fálicas (MASTERS; JOHNSON, 1966, s/p, grifo nosso).

A citação deixa claro o ponto de vista dos autores, mas principalmente demonstra como dentro da própria medicina não havia uma quantidade relevante de pesquisas dentro deste campo. Os outros campos da medicina como cardiologia, gastroenterologia e muitos outros, não sofriam com os estigmas ligados as questões de cunho sexual por isso havia um grande número de pesquisas e inovações. Enquanto nesta área sexual tanto a própria ginecologia buscava inovação nos tratamentos de infertilidade, mas estudos mais profundos da própria anatomia fisiologia do aparelho reprodutor feminino eram poucos, conseqüentemente estudos de fisiologia do sexo eram quase que inexistentes. Isto é reflexo de anos de discursos moralizantes no tocante sexual. Este foi um dos fatores que influenciaram Masters e Johnson a realizar seu estudo, acabar com um discurso médico feito sobre hipóteses e resultados superficiais que perpetuavam ainda mais ideias errôneas sobre o sexo.

Estudos como os de Kinsey, Masters e Johnson levam à criação de um novo grupo de especialistas: os sexólogos.

Os sexólogos, que não tratam anomalias, e sim disfunções do orgasmo, sugerem terapias muito diversificadas, que têm por base o descondicionamento e o recondicionamento dos pacientes: psicoterapias em primeira instância, abordagens psicossomáticas, em particular o relaxamento e a sofrologia, terapias comportamentais e sexo terapias na linha de Masters e Johnson. Seu notável sucesso se explica pela rapidez da cura prometida e levou a uma relativa desvalorização do tratamento psicanalítico, cuja longa duração- de cinco a sete anos- e a ausência de resultados palpáveis desanimaram muitos clientes (SOHN, 2009, p. 125).

É firmado, então, segundo Sohn (2009), o direito à sexualidade a partir dos anos de 1960. Os novos arranjos familiares do século XX, segundo Foucault, colocam “a família como o principal permutador da sexualidade com a aliança: transporta ali e a dimensão do jurídico, para o dispositivo da sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança” (FOUCAULT, 2017, p. 118). Théboud explica que, com a revalorização da sexualidade e a aceitação do desejo feminino, há uma pressão normativa maior, em prol da conjugalidade, e até de modelos de aparência aceitáveis para as mulheres (THÉBOUD, 1991, p. 11). Betty Friedan exemplifica bem como se tornou a vida da dona de casa americana de classe média branca

A dona de casa dos subúrbios tornou-se a concretização do sonho da americana e a inveja, dizia-se, de suas congêneres do mundo inteiro. A dona de casa americana, libertada pela ciência dos perigos do parto, das doenças de suas avós e das tarefas domésticas, era sadia, bonita, educada e dedicava-se exclusivamente ao marido, aos filhos e ao lar, encontrando assim sua verdadeira realização feminina. Dona de casa e mãe era respeitada como companheira no mesmo plano que o marido. Tinha liberdade de escolher automóveis, roupas, utensílios, supermercados e possuía tudo o que a mulher jamais sonhou (FRIEDAN, 1971, p.19).

Independente do avanço da sexologia, da aceitação do conhecimento de seu corpo e sua sexualidade, as mulheres passam a sentir um vazio que não seria suprido por belas casas nem belos móveis. O período de consumo e desejo, passa agora por uma turbulência desencadeada por suas principais consumidoras. Betty Friedan sugere, até mesmo, uma crise desencadeada, principalmente, por uma falta de identidade dessas esposas/mães (FRIEDAN, 1963, p. 68–69).

Em outubro de 1966, Friedan reuniu cerca de 300 mulheres e homens na primeira conferência do NOW (National Organization for Women). Friedan foi eleita a primeira presidente da organização, que visava lutar pela igualdade de direitos e assegurar o direito ao aborto. Apesar de grandes discussões levantadas pelo grupo,

foi somente após o ingresso de Shere Hite, que se criou uma linha para discutir sexualidade dentro do NOW.

2.2.3 O Relatório Shere Hite

Shere Hite nasceu no ano de 1942, filha do divórcio, foi criada pelos avós maternos no Missouri. Cresceu em uma fazenda e possuía dons musicais, sendo conhecida na cidade como a “criança musical”. Conviveu em um lar no qual a nudez era vista como normal, mas no qual não se falava de sexualidade. Não conhecia seu corpo, mas acreditava que seu primeiro orgasmo foi aos seis anos, sentia o êxtase, mas não sabia o que era aquela sensação, pensava que estava quebrada. Somente com o primeiro namorado, que era dois anos mais velho que ela voltou a sentir excitação, sua primeira reação foi contar aos avós, o que os levou a enviá-la para casa de uma tia na Flórida. Esta tia, bem mais nova que os avós, poderiam tirar todas as dúvidas que a garota possuía sobre sexualidade, foi na casa dela que sua primeira menstruação ocorreu. Ela não tinha ideia do que estava acontecendo, sua avó nunca havia falado sobre isso (HITE, 2013, p. 16).

Hite ao forma-se na escola, se muda para Nova York e ingressa na Universidade de Columbia, onde estuda arqueologia e história. Para se manter na universidade, ingressa na carreira de modelo. Durante anos faz modelagem, gostava de conversar com as outras modelos sobre o corpo e a profissão. Ficava indignada com a alienação que aquelas mulheres sofriam, visto o momento político que viviam; luta por direitos civis, Malcom X, Luther King. Após conhecer a atriz Jane Fonda e ter uma árdua conversa sobre o que as mulheres necessitavam, o quanto o mundo estava mudando, isto fez com que Hite percebesse o universo ao qual fazia parte, onde 90% das modelos eram mulheres e 90% dos fotógrafos e clientes eram homens: onde estava a representação feminina neste ramo? (HITE, 2013)

O último trabalho que fez para a agência Wilhelmina foi o estopim para que Hite entrasse no NOW e se perceber como feminista. O trabalho era uma propaganda para a marca Olivete, uma propaganda de máquina de escrever. Neste, o diretor a instruía a flertar com a câmera e cruzar as pernas de maneira provocativa. Ela se questionou o porquê disso? O diretor dizia para Hite que aquela máquina de escrever era tão inteligente que ela (a modelo) não precisa ser, ela

podia ser uma loira burra. Na mesma semana que a propaganda foi ao ar, o NOW fez um piquete em frente aos escritórios da Olivete, e protestava como a mídia estava representando as mulheres. Após esse piquete, Hite ingressou no comitê “mulheres, imagem na mídia” do NOW, buscando mudanças naquele cenário, o qual conhecia bastante e fazia parte (HITE, 2013, p.26–27).

Dentro do movimento das mulheres, ela amava o debate intelectual intenso que ocorria nas reuniões. Porém, sentia que a presidente Betty Friedan esnobava as lésbicas que faziam parte do movimento, seu foco era mulheres héteros, de classe média. Este fato a levou a se atrair pela Organização de Liberação de Mulheres Mais Velhas, o OWL. Sentia-se mais confortável nos workshops e debates, e gostava do grupo não ter tanta rivalidade quanto havia no NOW. Dentro do movimento de mulheres, percebeu a falta de debate sobre sexualidade. O segundo livro de Master e Johnson estava nas livrarias, as revistas falavam sobre o orgasmo feminino, porém, os grupos só se interessavam por discutir a “igualdade salarial e problemas de saúde relacionados ao controle de natalidade”(HITE,2013,p.27), mas a sexualidade delas era conhecida? O que desejavam; elas tinham orgasmo?

Quando Hite levou essa discussão para debate, as mulheres presentes sentiram-se envergonhadas com o assunto. Quando questionadas sobre o fato de ter ou não orgasmos, elas ficaram mudas, acabaram dizendo que não queriam discutir sobre o assunto. Era claro que, apesar de discutir sobre controle de natalidade, as mulheres não conheciam seu corpo e não discutiam sobre sexualidade. A ideia inicial do *Relatório Hite da Sexualidade Feminina* (1976) partiu dessa necessidade das mulheres conversarem sobre sua sexualidade, conhecerem, e a ideia de responder um questionário era mais aceitável do que esperar que estas mulheres conversassem deliberadamente em um debate.

Ela começou, então, a pesquisar dentro do grupo que perguntas poderiam ser incluídas no questionário, e o mesmo começou a ser distribuído nas conferências de mulheres, e por toda Nova York. Logo em seguida, outros grupos de mulheres de outros estados começaram a pedir o questionário, e o mesmo passou a ser distribuído por todos os Estados Unidos (HITE, 2013, p. 29–30).

Os questionários foram distribuídos de 1972–76, durante esse período cresceu o número de grupos de discussões sobre sexualidade, nasceram os workshops sobre masturbação. Foi nesse período que duas editoras entraram em

contato com Hite, buscando levar os questionários ao maior número possível de mulheres, após compilar as respostas em um livro. Durante os cinco anos de trabalho com os questionários, ela recebeu auxílio do editor para se manter, já que passou a se dedicar 100% ao trabalho. Todo o trabalho de impressão e envio dos questionários foi realizado por ela, usando todas suas economias para a realização. Em 1976, a compilação recebeu o nome de *The Hite Report*, houve pouca publicidade o que gerou um desconforto à autora. Ela escreveu resenhas, orelhas de livros, foi a televisão e a entrevistas com autor, tudo para divulgar o livro.

Seu livro foi adotado e editorado por Regina Ryan, a primeira mulher editora-chefe de uma grande casa publicitária. Ganhou um relise, um manifesto, no qual outras quatro mulheres do campo da sexualidade falavam sobre o tema. Um dia depois da publicação do relise, mais de mil pessoas apareceram para a conferência na qual seria debatida a sexualidade, dentre os presentes uma boa parte era de jornais e revistas (HITE, 2013, p.31-33).

Após a consagração do relatório, iniciou-se uma fase de desqualificação da autora por outros pesquisadores. Mesmo a autora sendo formada em História, seus estudos não eram considerados científicos. Hite argumentava que seu trabalho era a voz de diversas pessoas, diferente de vários estudos psicológicos que utilizavam a maior parte cliente e graduandos. Hite foi, durante muito tempo, excluída de artigos acadêmicos, mesmo seus estudos tendo grande variedade de participantes, e tendo ideias relevantes, ela não era considerada uma pesquisadora, sendo sempre vista como a ex-modelo, que já havia posado para a Playboy. Da mesma forma que Hite era refutada, Margaret Mead, outrora, também havia sido.

Os relatórios foram importantes, pois, além de dar voz a diversas mulheres, foi um exercício de autoconhecimento. Para responder os questionários, era necessário mergulhar no seu eu, reconhecer o que gostava e o que não gostava, quando o assunto era a sexualidade. Essa possibilidade de autoconhecimento e reconhecimento como sujeito sexual foi um dos motivos para que diversos países banissem a publicação do livro, dizendo que essa liberdade feminina poderia trazer instabilidade. No Brasil, o livro chegou a alcançar o 1.º lugar na lista de best-sellers, porém, o livro foi banido ao ponto da polícia ser acionada para recolher as cópias que ainda estavam nas livrarias. Dizia-se que o livro ia contra “os bons e velhos

costumes”¹⁵ (HITE, 2013, p.36). Mesmo assim, a Sociedade Psicológica do Brasil convidou Hite para um grande debate. Ela veio ao Brasil¹⁶ no ano de 1977, mesmo durante a Ditadura Civil Militar Brasileira, chegando ao centro de conferência, seus anseios devido à situação foi dissipados, o lugar estava cheio de mulheres e o debate foi um sucesso (HITE, 2013, p.34-36).

¹⁵Na obra de Hite (2013) a citação aparece como “ This book is against our old and good customs”.

¹⁶ Reportagem sobre a segunda e primeira visita de Shere Hite ao Brasil. (MENEZES, 2001. Disponível <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1905200123.htm> Acessado em 01/04/2019).

3 Entre orgasmos ou a falta deles: construções de sexualidade em Master & Johnson e Hite

Após entendermos como os conceitos de gênero, corpo e sexualidade foram construídos e desconstruídos, estamos prontos para entrar a fundo nas obras selecionadas de Masters & Johnson e Hite. Abrindo espaço para que, através de suas análises, sejam demonstradas e compreendidas quais representações de sexualidade feminina estão sendo representadas nas páginas dos livros.

3.1 Master of Sex

O livro *A Conduta Sexual Humana* lançado no ano de 1966, foi o resultado de onze anos de pesquisas da anatomia e fisiologia do comportamento sexual, realizada na Fundação para Pesquisa da Biologia da Reprodução de St. Louis, Missouri, USA. Desenvolvido por William H. Masters, Diretor da Pesquisa, e Virginia E. Johnson Pesquisadora Associada.

O prefácio da obra inicia com as palavras de Masters sobre desenvolver uma pesquisa envolvendo sexualidade e a análise do ato sexual em si, ele relata que a pesquisa buscava um fim para muitas falácias fálicas que a ciência ainda carregava em seu cerne. E entra na questão de muitos especialistas considerarem a pesquisa como uma pseudociência pornográfica, ele abre dizendo

[...] Os nossos protestos vigorosos contra os detalhes sensuais da pseudociência pornográfica perdem significação, **a menos que apresentemos estatísticas sucintas e resumos fisiológicos daquilo que consideramos a média e acreditamos ser normal**, e a menos que ofereçamos, em lugar da massa prolixa de certa literatura sexual, as poucas páginas necessárias à médica de instrução capaz de servir à **educação sexual**. Considerando o incorrigível hábito do casamento, não é desarrazoado pedir à **medicina preventiva** um lugar para uma pequena seção de higiene conjugal destinada a investir, com dignidade, contra certos processos de amor e geração (MASTERS; JOHNSON, 1966, S/p, grifo nosso)".

Masters e Johnson acreditavam que o conhecimento científico era importante para dar base especializada a diversas pesquisas realizadas, tanto na área da psicologia, como da sociologia. Uma forma de colocar que o conhecimento biológico e médico seria a única maneira de legitimar as demais teorias que não fazem parte destes conhecimentos. Este é um bom exemplo da teoria de Foucault do biopoder,

um poder aqui sendo articulado através de um saber, como se apenas um grupo fosse detentor deste, e somente estes poderiam determinar o que é conhecimento verdadeiro e o que não é (FOUCAULT, 2017, p. 26-27).

Masters segue trazendo ainda a evidência de solicitações de ajuda, por parte de indivíduos e comunidades sendo dirigidas a várias fontes de consulta, de que a instabilidade sexual, culturalmente induzida, está muito além das possibilidades limitadas das diferentes profissões capazes de intervir nestas dúvidas. Ainda cita as palavras de Nizer ao dizer que a causa única e exclusiva da destruição da unidade — família e do divórcio nos Estados Unidos provém da inadequação sexual, fundamental dentro da unidade do matrimônio (MASTERS; JOHNSON, 1966, s/p).

Para listar as inadequações sexuais os autores precisariam compreender o funcionamento dos órgãos sexuais, sua anatomia, fisiologia, determinar o que seria um funcionamento adequado para então adentrar em funções anato fisiológicas inadequadas. Iniciaram com a definição de técnicas e descrições das principais modificações físicas, desenvolvidas durante os ciclos de resposta sexual humana, masculina e feminina, sendo realizadas observação direta e medição física.

É construído um quadro sucinto, apresentando quatro fases de reação fisiológica aos estímulos sexuais. Seriam elas:

- 1) Fase de excitação: desenvolve-se a partir de qualquer fonte de estímulo, somático ou psíquico. A fase de excitação é encurtada ou acelerada de acordo com o estímulo, esta fase a final consome a maior parte do tempo gasto no ciclo completo da resposta sexual humana, ocorre tanto no homem como na mulher;
- 2) Fase plateau¹⁷: nesta fase as tensões são intensificadas e subsequente atingem o nível extremo no qual o indivíduo pode atingir o orgasmo;
- 3) Fase de orgasmo: é limitada há poucos segundos em que a vasoconstrição (estreitamento dos vasos sanguíneos) e a miotonia (tensão muscular aumentada) desenvolvidas pelos estímulos sexuais são libertados. Segundo o autor a sabedoria (sensual) do orgasmo é pélvica *in focus, mas especificamente concentrada no clitóris, na*

¹⁷A palavra Plateau aqui utilizada pelos autores possui o significado de planalto, como a subida de uma colina. PLATEAU. In: Dicionário Larousse francês / português, português/francês: mini/[coordenação editorial José A. Gálvez]. -2ª ed.- São Paulo: Larousse do Brasil, 2008, p.259.

vagina e no útero da mulher, e no pênis, próstata e na vesícula seminal no homem.

- 4) Fase final ou de resolução: é um período involuntário onde a tensão desenvolve-se como uma reação contrária, retomando o ponto inicial chegando a um estado não estimulado. Esta fase nas mulheres é diferenciada, pois, as mesmas possuem o potencial de resposta capaz de retomar a uma nova experiência orgásmica, a partir de qualquer ponto da fase de resolução, se submetidas à reaplicação de estímulos efetivos. Este fator está ligado à facilidade da mulher aos orgasmos múltiplos. No homem esta fase inclui a imposição de um período refratário, incluindo um baixo nível de resposta entrando novamente em um período de não estimulação.

O autor apresenta no diagrama apenas um padrão de resposta sexual masculina (Fig.1), comparando então com três padrões diferentes de resposta sexual como no diagrama representado na Fig.2.

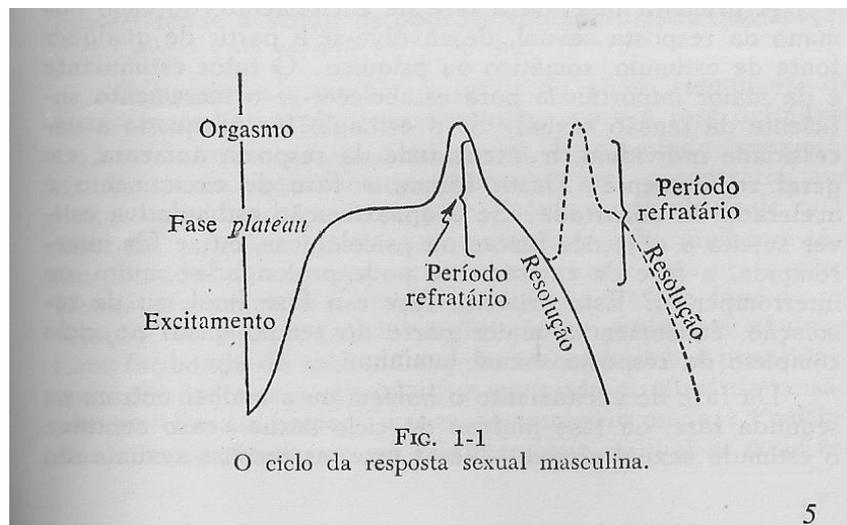


Figura 1: Ciclo de Resposta Sexual Masculina

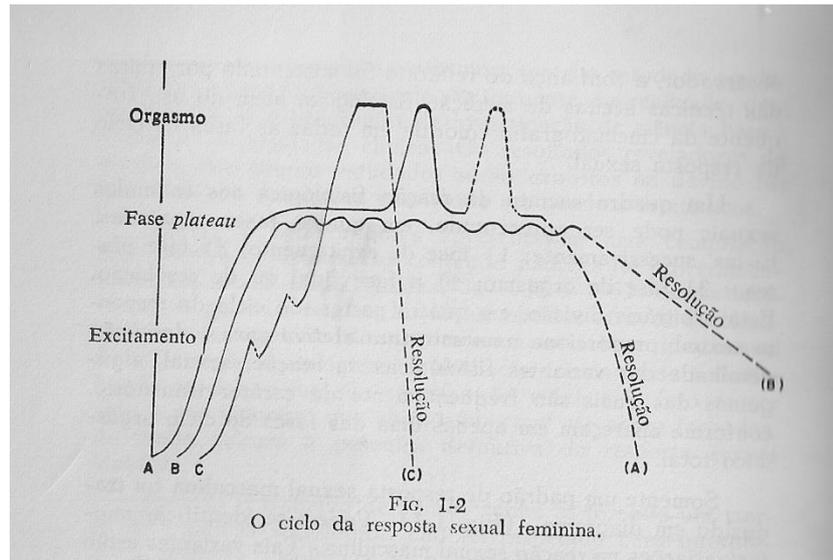


Figura 2: Ciclo de Resposta Sexual Feminina

Masters relembra que estes padrões de resposta sexual feminina são apenas simplificações das inúmeras respostas obtidas. Fatores como intensidade e duração das respostas, são fatores importantes para a avaliação da reação feminina.

Estes padrões de resposta foram possíveis pela utilização de um grupo de pesquisa selecionado e analisado dentro do laboratório em condições controladas. Conscientes que atividades culturais e tabus sexuais residuais sempre prejudicavam os dados estatísticos de uma população, os autores deixam claro que esta pesquisa não é uma exceção (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.12). Por isso, foram enumerados vários exemplos de situações socioculturais que poderiam influenciar nos padrões da resposta sexual humana. A escolha do grupo de pesquisa deu-se através de entrevistas, adequadas a diversas idades, tanto para o estudo em laboratório quanto para as populações da pesquisa em clínica. Sempre buscando aumentar a validade sociológica, psicológica e fisiológica dos dados registrados. Inicialmente, a população escolhida para a pesquisa foram os prostitutas, porém, pela tendência migratória e o histórico de vários graus de patologia dos órgãos de reprodução, fizeram com que os dados desta população fossem descartados (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.13).

Houve, então, uma busca por voluntários de diferentes origens sociais, intelectuais e econômicas. Porém, a população pesquisada, segundo os autores, acabaram por ser escolhida de um segmento da comunidade metropolitana;

inicialmente, utilizando a comunidade acadêmica, que estava associada ao complexo “universidade-hospital”. Os autores possuem ciência de que o número de participantes de camadas socioeconômicas e intelectuais superiores não foram compensados por um número estatístico significativo de unidades familiares de classe mais baixa (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.14). Este resultado é um possível reflexo da descontinuidade da pesquisa, que migrou dos corredores da clínica da universidade, por acharem o estudo uma ciência pseudopornográfica, e a saída de Masters da mesma para clínicas populares, onde a necessidade da presença de um médico renomado sobrepunha o tipo de pesquisa realizada pelo mesmo.

De qualquer forma, para o estudo de observação foram escolhidos candidatos nos mais altos níveis de inteligência e considerando as diferentes origens socioeconômicas. Assim, com o perfeito estado físico, Masters defende que, do ponto de vista educacional, a população pesquisada sempre foi avaliada em padrão mais alto de instrução formal (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.15). Na figura 3, temos em dados numéricos de participantes, sua idade, n.º de candidatos selecionados, n.º de candidatos entrevistados e os totais. É possível comparar os dados entre mulheres e homens.

QUADRO 2-1
*Distribuição, por idade, de 382 indivíduos femininos do grupo pesquisado**

IDADE	NÚMERO SELECIONADO	N.º ENTREVISTADO
18 – 20	2	2
21 – 30	182)	460
31 – 40	137) – 346	
41 – 50	27)	
51 – 60	23)	157
61 – 70	8) – 34	
71 – 80	3)	
TOTAIS	382	619

* Não foram incluídos os dados colhidos entre prostitutas.

QUADRO 2-2
*Distribuição, por idade, de 312 indivíduos masculinos do grupo pesquisado**

IDADE	NÚMERO SELECIONADO	N.º ENTREVISTADO
21 – 30	120)	409
31 – 40	111) – 273	
41 – 50	42)	
51 – 60	19)	245
61 – 70	14) – 39	
71 – 80	4)	
81 – 90	2)	
TOTAIS	312	654

* Não figuram dados referentes a prostituídos.

Figura 3 Distribuição, por idade, de indivíduos femininos e masculinos

É perceptível a discrepância na seleção dos indivíduos, já que da faixa de 18–20 foram selecionadas apenas mulheres, enquanto a seleção de indivíduos masculinos partiu das idades de 21–30 anos. Da idade dos participantes, o autor passa ao grau de instrução e é demonstrado que antes mesmo das entrevistas, um determinado resultado já era esperado. O grau de instrução era sistematicamente mais alto nos homens do que nas mulheres, e este dado era mais evidente na faixa etária dos 41–61 anos, entre os homens. Masters acreditava que este resultado era um reflexo direto da origem dos participantes, que provinham da área metropolitana e do complexo hospital-universidade, áreas dominantes na porcentagem de população pesquisada (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.17). Quanto a etnia dos grupos estudados o autor relata a existência de

[...] 11 unidades-família negras, das quais 3 de origens privilegiadas e 8 de origens pobres, incluídas na população pesquisada. Além disso, foram estudadas duas mulheres negras, sem maridos. Uma era castrada cirurgicamente, e a outra tinha vagina artificial. À vista do pequeno número de famílias negras existentes na população experimental, o grupo foi sempre, predominantemente, da raça caucasiana, e não da raça negra. (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.17)

Podemos perceber que o grupo de controle que viria ser o modelo normativo de uma conduta sexual normal e sadia, era excludente. Já que no momento da seleção de participantes houve um número maior de determinado grupo e um mínimo de outro, o que para uma pesquisa científica nos moldes de veracidade esperados por Masters, tornavam a mesma duvidosa. No referente às mulheres negras, ambas foram selecionadas dentro da clínica por suas especificidades: a castração cirúrgica e a vagina artificial. A clínica, a que o autor se refere. são centros públicos de tratamento médico.

Com o grupo selecionado começa as pesquisas, para as análises de comportamento anatomofisiológico do aparelho reprodutor feminino: foram desenvolvidas reuniões de explicação sobre o uso do equipamento, um dildo feito em plástico transparente que continha em seu interior uma iluminação fina e uma câmera gravando todo o processo, assim como foram ensinadas técnicas de estimulação sexual. O autor não define estas técnicas no livro assim como não exemplifica a análise em voluntários masculinos (MASTERS; JOHNSON, 1966, p. 25). Uma vez selecionados, os voluntários de ambos os sexos, estes foram submetidos a um programa de orientação controlada antes de assumirem sua participação no estudo.

O conhecimento da forma de seleção dos voluntários assim como os dados dos próprios é importante para as futuras análises, pois, demonstram o tipo de ação e de discurso bem como o pensamento dos autores que de forma direta e indireta refletem nos resultados, mesmo com um discurso de inovação nos estudos médicos.

Os autores perpetuavam a manutenção da atual estrutura social depois de conhecermos o estudo e o grupo selecionado podemos entrar diretamente na questão da resposta sexual humana feminina.

O capítulo dedicado a ela está dividido em subcapítulos como: resposta Extragenital Feminina; Genitália Externa Feminina; O Clitóris; A Vagina; A Vagina Artificial; O Útero; O Orgasmo Feminino, Gravidez e Resposta Sexual. Cada um dos

subcapítulos traz de maneira explicada todas as modificações anatômicas fisiológicas dos determinados órgãos, entendendo que a resposta sexual humana não depende apenas dos órgãos reprodutores.

A partir das quatro fases de resposta sexual, os autores fazem a análise anatomofisiológica de cada órgão. Para fruto de conhecimento são determinados órgãos extragenitais femininos os seios, bexiga, uretra, reto, assim como as reações de fluxo sexual, miotonia, hiperventilação, taquicardia e reação respiratória. O próximo passo dos autores foi determinar as modificações dos órgãos genitais externos: na figura 4 temos detalhado a posição de cada componente do mesmo.

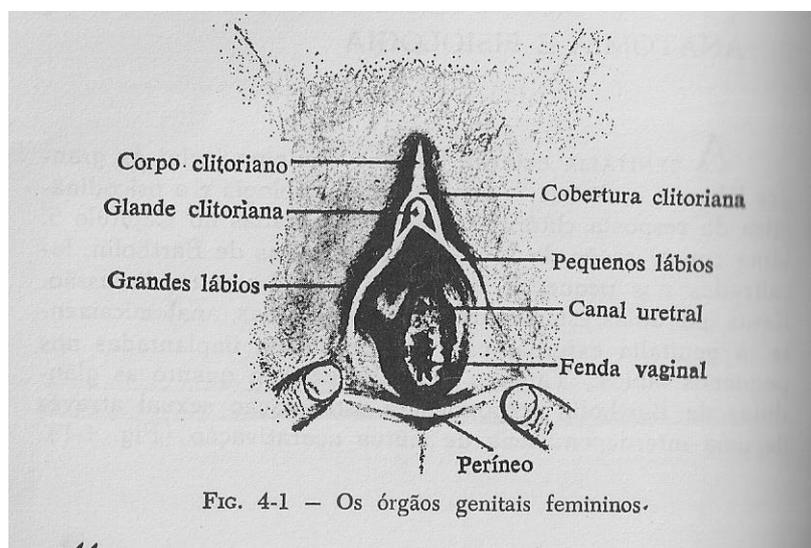


Figura 4 Os órgãos genitais femininos

Vamos nos aprofundar nos estudos sobre o clitóris, a vagina e orgasmos. O clitóris é o único órgão com finalidade expressa de servir como receptor e transformador dos estímulos sensuais. A mulher é a única que possui esse sistema, cuja finalidade é iniciar e elevar os níveis de tensão sexual, não há órgão semelhante na estrutura anatômica do homem (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.53). Os autores concordam que

A conceituação do papel do clitóris na resposta sexual feminina criou uma literatura que é um **conjunto de conceitos de atitudes não sustentados por fatos biológicos**. Décadas de “falácias” contribuíam mais para desviar do que para estimular o interesse pelas pesquisas sobre a resposta clitoriana à estimulação sexual. Infelizmente, os papéis específicos que anteriormente eram atribuídos à função clitoriana na resposta sexual feminina foram formulados sob critérios masculinos, sem a influência e até sem a responsabilidade da expressão subjetiva feminina (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.53-54, grifo nosso).

Os autores trazem em suas considerações os erros clínicos que dominaram os estudos de sexualidade, já que no passado houve tentativas de entender até que ponto variantes na anatomia e fisiologia influenciava na totalidade da resposta sexual feminina. Onze anos de pesquisa não conseguiram sustentar essas suposições criadas. Masters e Johnson concluem que “[...] Historicamente, o conceito anatomicamente orientado de que o tamanho do clitóris tem relação direta com a eficácia da realização sexual feminina individual foi fortalecido pela literatura de “falácia fálica” e não possui, de fato, nenhum fundamento (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.66). O estudo clínico demonstrou que o corpo clitoriano funciona como órgão receptor no significado subjetivo de foco sensual e de ponto final subjetivo (transformador) dos estímulos neurogênicos, quer dizer que o clitóris recebe o estímulo nervoso e transforma em tensão sexual (MASTERS; JOHNSON, 1966, p. 72). Ainda dentro das falácias divulgadas ao longo dos tempos, os autores relatam sobre os manuais de casamento que traziam que a estimulação do clitóris era importante na preparação adequada do coito, porém, não davam importância nas perguntas sobre como fazer a manipulação e a quantidade de estimulação necessária

Do clitóris passamos à vagina, o canal vaginal realiza duplo papel, fornecendo o principal meio físico de expressão heterossexual para a mulher e, ao mesmo tempo sendo parte do mecanismo concepcional. Para os autores é possível a eficácia desta função função da vagina como uma medida fisiológica eficácia psicossomática (quando efeitos sociais e psicológicos atuam sobre o corpo) da mesma na expressão sexual feminina (MASTERS; JOHNSON, 1966, p. 79). Para os autores a ser feita no clitóris.

Avaliar a anatomia e a fisiologia vaginal é compreender os fundamentos do principal meio de expressão sexual da mulher. Em essência, o canal vaginal responde à estimulação sexual efetiva pela preparação involuntária da penetração do pênis. **Assim como a ereção do pênis é uma expressão fisiológica direta do desejo psicológico de realizar o ato da posse, assim a expansão e a lubrificação do canal vaginal dão a indicação fisiológica direta de um convite psicológico e evidente à posse** (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.80).

Determinar um órgão como principal foco da sexualidade, já demonstra que além do fator do conhecimento anatômico e fisiológico do mesmo, ainda é sobreposto um pensamento de cunho social, mantendo debates que os próprios autores chamam de falácias fálicas. Para eles, pensarem a vagina com papel

primário dessa expressão advém da rapidez e da intensidade dos mecanismos de resposta na produção da lubrificação, no alongamento e na expansão do canal, no efeito constritor transcervical e no desenvolvimento vaso congestivo da plataforma orgásmica. A vagina fornece, então, um reflexo direto das tensões psicosssexuais feminina, assim, involuntariamente, prepara e acomoda o ato da cópula, trazendo novamente o papel reprodutivo da mulher, agora transfigurado de conhecimento médico determinado como papel de seu órgão sexual (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.91). Durante o capítulo é visível a preocupação com o papel reprodutor da vagina, que recebe um subcapítulo sobre seu papel na reprodução.

Passando detalhadamente por cada órgão e suas especificidades, os autores dedicam um capítulo inteiro a questão do orgasmo feminino argumentando o quanto o orgasmo é uma experiência psicofisiológica, que ocorre sob um contexto de influência psicossocial. Fisicamente, é apenas o episódio de uma descarga física vaso congestiva e miotônica, desenvolvido em resposta aos estímulos sexuais, enquanto psicologicamente é a percepção subjetiva de uma reação física máxima a estes estímulos sexuais (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.145).

A experiência orgásmica feminina, segundo o estudo, demonstrou a facilidade de observação. As feições do rosto se tornam contorcidas e ocorre um aumento da tensão por todo o corpo. Há uma distinção, no que se refere a diferença fisiológica, entre a expressão orgásmica feminina e masculina além da ejaculação. Primeiro, apenas a mulher consegue voltar rapidamente ao orgasmo, em seguida de uma experiência orgásmica, se reestimulada antes dos níveis de tensão, retorna a fase de plateau. Segundo os autores, elas são capazes de manter a experiência orgásmica por um período mais longo que dos homens (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.150–151).

Ocorre ainda um debate que coloca em voga a situação do orgasmo feminino, quando comparado à ejaculação masculina. Já que a mesma recebe mais atenção e é vista como expressão de masculinidade, dona do papel reprodutor. Os autores acreditam que

Com a fisiologia orgásmica estabelecida, a mulher tem agora uma oportunidade inegável para desenvolver realisticamente os seus próprios níveis de resposta sexual. A disseminação deste fato capacita o homem para contribuir com a sua parte no desenvolvimento dessa idéia como suporte de uma de uma relação sexual efetiva, no seio da unidade conjugal [...] uma mulher sexualmente responsiva pode estimular efetivamente as

necessidades psicossociais, do homem e a mulher, para a facilidade da obtenção orgásmica. Impressões formadas por onze anos de observação controlada sugerem que os padrões, psicossocialmente orientados, de expressão sexual, evoluem especificamente em resposta ao desenvolvimento social e às solicitações do ciclo da vida (MASTERS; JOHNSON, 1966, p.157).

Este é o caminho percorrido pelos autores e aqui focaremos na resposta sexual feminina vai servir de base para as análises que virão a seguir, já que foi a partir desta obra que se criou oportunidades de dialogar sobre sexualidade, principalmente a feminina. O conhecimento sobre o corpo e a conduta sexual estava agora acessível a qualquer pessoa, não mais restrito a um pequeno grupo.

3.2 Do Vínculo ao Relatório: o que nós mulheres achamos, gostamos e queremos

No prefácio de o *Vínculo do Prazer*, o organizador da obra, Robert Levin, apresenta um pensamento em comum com os autores dizendo que

Quando a informação acerca do sexo torna-se acessível ao público, a sua veracidade é na maioria das vezes bastante duvidosa. O que é apresentado como fato objeto é em geral tendencioso e ocasionalmente deturpado pela subjetividade de quem está informando. No passado, **esta subjetividade era caracteristicamente virtuosa e moralizadora**, principalmente segundo o público. **Hoje, a subjetividade tem sido a do rebelde anticultural**, a do supercaixeiro viajante do sexo. O que se faz necessário é a compreensão do comportamento sexual baseada num conhecimento de fatos *verificáveis*, onde tais fatos existam; na familiaridade com as idéias sobre sexo e a natureza humana que, conquanto não provadas cientificamente, tenham o apoio de especialistas com experiência clínica e de pesquisas nesse campo; e na aceitação sexual de si próprio e auto-responsabilidade como considerações finais (LEVIN, 1975, p.09-10).

Levi continua dizendo que a busca do conhecimento sexual está baseada em três elementos que contribuem para uma realização sexual plena: conhecimento, satisfação e escolha. Para ele “Saber é uma coisa, ficar satisfeito com o aquilo que se sabe é outra; escolher o que convém a cada um é o outro dado da questão” (LEVIN, 1975, p.10). Dessa forma, O Vínculo do Prazer (1975) foi idealizado para medicina preventiva, oferecendo ao público informações exatas, fornecendo-lhes uma lista do que não fazer para cometer erros que levam a uma relação sexual não saudável e não natural. Ele é um compilado de onze simpósios, realizados no período de maio de 1971 e junho de 1972; são cinco reuniões que estão incluídas neste volume, os casais foram convidados para se encontrar com Masters e

Johnson para levantarem questões acerca de assunto sexo. Não havia uma agenda pré-estabelecida para as reuniões e as discussões foram gravadas em fita, transcritas e depois foram impressas. Segundo os autores todas as conversas são reproduzidas fielmente as notas originais (MASTERS; JOHNSON, 1975, p.11).

Cada simpósio contava com um número definido de participantes que discutiam um tema central sugerido pelos autores. O primeiro capítulo possui o título de “Casamento entre Jovens”; nesse estão incluídos os simpósios que identificarei aqui por número de 1 e 2. O 1ª Simpósio: “A busca do prazer sexual”, contava com cinco casais casados a menos de dois anos como demonstra a tabela n.º1, foi realizado em Nova York em maio de 1970. O 2ª Simpósio realizado em junho de 1970 em St. Louis intitulado: “Como o padrão duplo influência o prazer sexual?”, contava agora com quatro casais, todos com mais de vinte anos e casados a mais de dois anos como demonstra a tabela n.º 2. Colocamos na mesma tabela o nome do marido e a profissão, pois, será importante para a discussão que virá a seguir.

Tabela 1: Grupo de Mulheres do Simpósio nº 1

Nome	Idade	Profissão	Anos de casada	Outros
Muriel Gordon	24 anos	Copista	1 ano	---
Nanci York	25 anos	Professora Substituta	2 anos	Tem uma filha de 10 meses
Jean Gallagher	25 anos	Secretária	18 meses	Trabalha em uma agência de publicidade
Sheila Stillman	24 anos	-----	2 anos	Estudante de artes e ofício
June Snyder	25 anos	Vendedora	+ 1 ano	Vendedora em uma livraria

Tabela 2: Grupo de Mulheres e seus Maridos do Simpósio nº2

Esposa	Marido	Profissão Dela	Profissão Dele
Diane Dollinger	Jerry Dollinger	Professora de Inglês	Arquiteto
Betsy Laird	Steve Laird	Trabalha em um banco	Musico
Julie Saxon	Philip Saxon	Jornalista publicada/Reporter de jornal	Jornalista não publicado
Marjorie Hughes	Doug Hughes	Secretária	Sócio em uma empresa de engenharia elétrica

O segundo capítulo foi chamado de “Variações do Casamento” e o simpósio analisado foi o 3.º com título “Sexo Extraconjugal: Quem se arrisca e por quê?”, realizado em abril de 1975 contou desta vez com cinco mulheres e três homens que não se conheciam e tiveram seus nomes preservados, mas que podem ser vistos na tabela n.º 3 com nomes fictícios.

Tabela 3: Grupo de Mulheres do Simpósio nº3

Nome Fictício	Idade	Casadas?	Outros
Leah	+/- entre os 30	Sim	Mãe de dois filhos. O marido sabe de suas ações
Célia	25 anos	Pediu o divórcio após o simpósio	Mãe de uma menina
Jessica	-----	Casada a mais de 23 anos	Instrutora de golfe em meio período
Dagne	+/- 40 anos	Casada	Autora publicada
Naomi	- de 40 anos	Casada	Sem filhos Fotógrafa que viaja muito a trabalho

Ao analisar às três tabelas referentes aos simpósios realizados, podem trazer algumas questões. No primeiro simpósio que fora realizado com casais que estavam a menos de dois anos casados, percebemos que das cinco mulheres participantes, quatro delas possuíam emprego. Temos uma copista de empresa de publicidade, uma professora substituta, uma secretária e uma vendedora de livros. Demonstrando que estas mulheres, mesmo com maridos empregados, mantinham seus empregos. Uma delas conciliando uma filha de dez meses com o emprego de professora. Mesmo aquela que não possui emprego, está estudando litografia na universidade. Percebemos, também, que os casais escolhidos possuíam um determinado grau de instrução, eram brancos de classe média: um grupo que não abrangia um grau de diversidade.

Já no simpósio 2 também realizado nos anos de 1970 os dados que os autores apresentaram na obra constavam apenas os nomes dos casais, e suas devidas profissões. Quanto ao tempo de casado, foi dito que todos os casais

participantes do mesmo estavam casados a mais de dois anos. Na leitura da tabela exposta, alguns dados são colocados em destaque como “jornalista publicada”, para uma das participantes e “jornalista não publicado” para seu marido, colocando-a em posição de destaque em relação ao marido, assim como no caso da bancária casada com o músico. Novamente o autor traz um grupo jovem, de classe média, todos trabalhando e alguns com posições de destaque.

Ao comparar o simpósio 1 e 2, tivemos casais jovens, com poucos filhos ou mesmo nenhum. Casados a menos de dez anos com profissões bem vistas e demonstrando certo grau de instrução que as possibilitava o ingresso nas mesmas.

Por fim o simpósio 3, realizado no ano de 1973, trouxe três homens e cinco mulheres, todos tiveram seus nomes alterados, para discutir suas relações extraconjugais. Atendo-nos apenas nas mulheres percebemos uma diferença entre as mulheres de trinta anos para menos em comparação com as mulheres maiores de quarenta anos. As dentro da faixa dos 25–30 anos possuíam filhos e não estavam mais trabalhando. Enquanto às da faixa de 35–45 anos eram casadas a pelo menos 20 anos, não possuíam filhos e possuíam destaque em suas profissões. Uma era fotografa de uma revista conhecida e viajava pelo mundo enquanto a outra era autora publica. Apenas uma das mulheres não deu sua idade, disse que era casada a vinte e três anos e fora instrutora de golfe meio período, uma profissão vista como masculina.

Comparando, então, as jovens dos dois primeiros simpósios com as participantes do terceiro, vemos que entre as mais novas, conforme aumentam os anos de casamento e a chegada dos filhos, muitas vezes elas acabam abandonando as profissões, comparadas às mulheres que não tiveram filhos. Também percebemos que o tempo de casamento, filhos no casamento, realização profissional não parecem ligadas pelo menos pelos dados a estas mulheres terem relações extraconjugais.

Do *Vínculo do Prazer* (1975) passamos ao *Relatório Hite da Sexualidade Feminina* (1980). Shere Hite no prefácio da obra realiza uma provocação ao leitor dizendo “nunca se perguntou às mulheres como elas se sentem em relação ao sexo”(HITE, 1980, p.xi), e critica os pesquisadores que ao buscar normas”estatísticas acabam fazendo os questionamentos errados e induzindo as mulheres a acreditar no que eles determinam como elas devem se sentir ao invés de

perguntar a elas (HITE, 1980, p. xi). Para ela a sexualidade feminina tem sido vista essencialmente como uma resposta à sexualidade masculina. Raramente essa sexualidade é reconhecida com uma natureza própria e complexa, que não está limitada do que é julgado como sexualidade masculina (HITE, 1980, p.xi). Mas o que os questionários de Hite pretendem fazer? Segundo a autora, o que eles tentam fazer é

[...] perguntar às próprias mulheres como elas se sentem, o que mais gostam, e o que pensam sobre sexo. **Isto não quer dizer que a única coisa que se coloca entre a mulher e o sexo “satisfatório” é a realização das suas necessidades físicas.** O “sexo” segundo a nossa definição faz parte de um quadro cultural global; a relação de uma mulher com o sexo reflete a sua relação com o resto da sociedade. O livro apresenta aquilo que as mulheres responderam – nas suas palavras e à sua maneira. [...] Este livro também se propõe **estimular uma discussão pública e uma reavaliação da sexualidade** (HITE, 1980, xi, grifo nosso).

Tanto *O Vínculo do Prazer*, quanto o *Relatório Hite*, surgem em um período pós revolução sexual e em pleno movimento feminista de segunda onda. Um período onde as pessoas buscavam conhecerem a si mesmo e seus corpos. Satisfazendo-se sexualmente de maneira individual e entre casal. O fato de trazer diálogos e respostas a perguntas consideradas extremamente pessoais sugere que, em determinados espaços, a discussão desses temas era permitido. Aqui revemos que a discussão é aceitável, inicialmente, por ser em um seminário onde médicos tiravam dúvidas e pelo divulgação dos questionários Hite em revistas, grupos de estudo, universidades, igrejas, locais de diferentes conhecimentos.

A apresentação das mulheres que responderam ao questionário está representada nas tabelas divididas em Estado Civil (Tabela 4), idade (Tabela 5), religião (6), educação (Tabela 7) e Ocupação (Tabela 8). Eram quatro versões do questionário identificado como QI (Anexo 1), QII (Anexo 2), QIII (Anexo 3) e QIV (Anexo 4), sendo os quesitos, idade, religião, educação e ocupação respondida apenas nos QII e QIII.

Tabela 4: Estado Civil

Estado Civil	Q.I	Q.II	Q.III
Casadas (sem especificar número de anos)	182	250	46
Casadas 1- 5 anos	19	28	4

6-10 anos	6	15	5
11-15 anos	4	12	4
16-20 anos	5	3	4
21-25 anos	3	12	5
Mais de 25 anos	2	8	3
Divorciadas, vivendo solteiras	52	74	30
Viúvas, vivendo solteiras	12	15	3
Solteiras	186	246	55
Com namorado	70	81	19
Vivendo com amantes (inclui ligações lésbicas)	75	104	43
Celibatárias	3	7	1
Totais	619	855	222
Não responderam	71	64	13

Tabela 5: Idade

Idade	Q.II	Q.III
14-20 anos	109	24
21-25 anos	228	34
26-30 anos	193	45
31-35 anos	104	36
36-40 anos	80	26
41-45 anos	59	15
46-50 anos	31	12
51-55 anos	30	10
56-60 anos	12	7
61-65 anos	3	2
66-70 anos	2	1
71-78 anos	3	3
Totais	853	213
Idades Desconhecidas	66	22

Tabela 6: Religiões

Religião	Q.II	Q.III
Católico	252	41
Judeu	198	40
Protestante	309	73

Não responderam	160	81
Total	919	235

Tabela 7: Educação

Educação	Q.II	Q.II
Abaixo do secundário	12	4
Secundário	145	24
Alguma Educação Universitária	264	60
Na Universidade	139	31
Escola normal	12	1
Bacharelado(B.A./B.S.)	179	35
Pós-Graduação/ escola de direito	39	8
Mestrado (M.A./M.S.W/M.B.A)	82	33
Doutorado (Ph.D.)	23	12
Viagens	11	-----
“Educação Boa”	14	3
Total	741	211
Não responderam	178	24

Tabela 8: Ocupação de acordo com o que as leitoras escreveram

Ocupação	
Contadora: 5	Atriz: 6
Assistente Administração: 15	Publicitária executiva: 2
Força Aérea: 2	Artesã: 1
Artista: 27	Auditora :2
Moça de bar: 1	Guarda-Livros: 2
Corretora: 1	Motorista de táxi: 1
“Call Girl” :2	Caixeira: 4
Farmacêutica: 1	Babá: 1
Funcionária de escritório: 13	Administradora de faculdade: 1
Programadora de computador: 2	Serviço de computador: 1
Serviço de conservação: 1	Figurista: 1
Consultora: 1	Orientadora: Aborto: 2 Incapacitação: 1 Drogas: 1

	Orientação em geral: 3 Problemas de gravidez: 1 Terapia sexual e aconselhamento=3 Vocacional: 8
Criptoanalista: 1	Dançarina: 3
Creche: 1	Higiene dental: 3
Gerente de departamento: 5	Ourives (diamantes):1
Amestradora de cães: 1	Traficante de Drogas: 1
Editora: 7	Trabalho em fábrica: 1
Nutricionista: 1	Jardineira: 1
Funcionária do governo: 1	Almoxarife de loja de comida macrobiótica: 1
Funcionária de hospital: 14	"Dona de casa" :296
Seguros: 1	Decoradora: 1
Operadora telefônica: 1	Bibliotecária: 7
Massagista: 1	Campo Médico: 11
Técnica Médica: 4	Microbióloga: 1
Ministra: 1	Modelo: 2
Empreendimento musical: 1	Freira (ex):3
Autônoma: 7	Empresária: 1
Dona de um serviço de secretariado: 1	Gerente de pessoal:1
Físico-terapeuta: 2	Física: 1
Funcionária encarregada da vigilância de réus e "sursis":3	Mulher profissional: 20
Diretora de programação: 3	Revisora: 4
Psiquiatra: 1	Psicóloga: 5
Psicômetra: 2	Relações Públicas: 1
Ativista Política: 1	Enfermeira registrada: 21
Repórter: 5	Pesquisa: 9
Vendedor: 2	Representante de vendas: 1
Cientista: 1	Secretária: 113
Assistente Social: 15	Socióloga: 2
Letrista de música: 1	Terapeuta de palavra: 1
Escrava: 3	Aeromoça: 11
"Rato de rua":1	Estudantes: 170
Telefonista: 9	Professora Universitária: 10 Secundária: 86
Sistemas eletrônicos: 1	Desempregados: 28
Garçonete: 5	Trabalha para Senador: 1

Escritora: 37	Técnica de raios X: 2
	TOTAL: 1074

As participantes do questionário Hite ampliaram o campo de respostas, antes reduzido nos seminários Masters e Johnson. No que representa anos de casamentos, temos voluntárias que estão no primeiro ano, até mesmo que estão a mais de vinte e cinco anos casados, unindo com aquelas que não responderam o tempo, soma-se seiscentas e vinte mulheres. Divorciadas e viúvas em torno de cento e oitenta e seis mulheres, solteiras, quatrocentos e oitenta e sete mulheres. Estes números são expressivos, quando colocados lado a lado com os dados dos seminários, pela tamanha diversidade de estágios dentro do casamento.

Outro ponto importante está na idade das participantes que iniciam dos catorze anos até chegar a setenta e oito anos. Temos, então, meninas na puberdade até senhoras idosas: diversos estágios fisiológicos do sexo. Um terceiro ponto é a divisão dessas mulheres por suas religiões, que também tiveram números expressivos, temos duzentas e noventa e três mulheres que se declararam católicas, duzentos e trinta e oito autodeclaradas judias, trezentas e oitenta e duas mulheres protestantes e ainda duzentos e quarenta e uma mulheres que não responderam a pergunta.

Quarto apontamento dos questionários é com relação à educação das participantes. Aqui temos grau de instrução das mesmas bastante altas, do nível universitário que incluiria: alguma educação universitária, na Universidade, Bacharelado, pós-graduação, mestrado, doutorado temos uma quantia de novecentas mulheres. Aqui podemos pressupor que o alto grau de instrução se deve ao fato dos principais locais onde ele mais foi disseminado foram universidade e grupos feministas, onde a participação de jovens e universitários era grande. Chamou a atenção as declarações de “educação boa” e viagens, que não são especificadas pelas participantes nem pela autora da obra, ficando abertas a diferentes interpretações.

Por último temos a tabela de ocupação, que também ficou aberta à declaração das participantes. Temos mil e setenta e quatro profissões relatadas, um grande número de profissões ligadas a área administrativa, da saúde, artística, contábil, da computação, autônomas, garçonetes entre outras. Nos chamou a atenção, profissionais do governo que incluíram uma ministra e uma assessora de

senador. Assim, moças de bar, call girls, uma traficante e vinte “mulheres profissionais”. O número de professoras do secundário chegou a oitenta e seis em comparação com o de professoras universitárias que foram apenas dez. Ainda tivemos duzentas e noventa e seis donas de casa e três mulheres que se descreveram como escravas. Novamente sem determinar que tipo de escravidão fossem essas, talvez escravas sexuais, mão de obra escrava ficou com a significação em aberto.

Estes eram apenas os dados que autora possuía de suas voluntárias, ficando em anônimo seus nomes e locais de origem focando apenas nas respostas dadas às perguntas. Uma das formas que a autora se utilizou para determinar a importância da obra foi às perguntas: “Por que você respondeu a este questionário (obrigada!), onde você o obteve, o que achou dele?” “Presente no QIV; “O que você achou do questionário?” no QI e QII e “Por que respondeu ao questionário (obrigada), e o que achou?” “no QIII”. Podemos refletir a partir da resposta de uma das voluntárias

Acho que simplesmente **precisava** dizer a alguém como eu realmente me sinto, e dizê-lo **abertamente**. Meu parceiro conhece **quase** todos meus sentimentos, mas não todos. Gostaria de saber mais sobre sexo, mas a maioria dos livros que já li não são muito esclarecedores. Eles não respondem as perguntas importantes. Eu realmente espero que quando da publicação deste livro, ele responda à todas as perguntas. Ainda não achei esse tipo de livro ou informação. As minhas amigas também não sabem as respostas. Na nossa idade (tenho dezoito anos- quase dezenove) estamos realmente no escuro quanto ao sexo. (ANÔNIMA apud HITE,1980,p.xxxi, grifo nosso)

O destaque nas palavras **precisava**, **abertamente** e **quase**, aqui vem explicitar a necessidade de um diálogo aberto sobre o tema, sexualidade, principalmente o orgasmo, já que o mesmo ainda não era discutido de forma aberta em nossa sociedade ao ponto de que até mesmo dentro das relações mais íntimas a discussão de desejos e anseios na relação sexual ficam defasadas muitas vezes pela falta de conhecimento do assunto por ambas as partes e pela perpetuação de tabus existentes.

Retomando a obra *A Conduta Sexual Humana* (1966), fisiologicamente o orgasmo ocorre na terceira fase de resposta sexual feminina, a fase orgásmica e traz consigo contração de músculos pélvicos, mudanças de coloração de partes do aparelho reprodutor. Ele é individual, cada indivíduo, apesar de seguir um padrão

orgásmico, o sente de maneira diferente. Masters e Johnson enfatizam em sua obra que a resposta ao orgasmo vai além de uma interpretação fisiológica, ele depende de uma interpretação psicológica e sociológica, já que para ser atingido há a necessidade da união de corpo e mente. Podemos visualizar melhor a partir de respostas do *Relatório Hite da sexualidade feminina* (1980)

É **fantástico** ter um orgasmo! É uma mistura de sensações intensas de prazer com um frenesi, um **êxtase de amor**, energia, emoção, tudo isso junto (ANÔNIMA apud HITE, nº322, 1980, p.61, grifo nosso).

O orgasmo é uma **renovação** dos sentidos, um **despertar de vida**, uma centelha reconfortante, excitante, um alívio completo do tédio (ANÔNIMA apud HITE, nº323, 1980, p.61, grifo nosso).

O orgasmo é o **prazer último** – ao quais as mulheres frequentemente **se furtam**, mas os homens, nunca (ANÔNIMA apud HITE, nº326, 1981, p.61, grifo nosso).

“Fantástico”, “êxtase de amor”, “renovação”, “despertar de vida”, “prazer último”: todas as palavras destacadas exemplificam um pouco da importância do orgasmo para estas mulheres. Analisando-as, a maioria remete a algo positivo, necessário à vida (despertar de vida, renovação). Podemos supor que elas se sentem vivas como indivíduo, mas que, por tabus sociais, elas acabam se privando de tê-lo por diferentes razões mesmo sabendo que os homens nunca se privam de sentir este prazer, independente de tabus. Fora percebido ao longo deste trabalho que grande parte das mulheres que responderam aos questionários compreendia a importância de ter um orgasmo, mesmo àquelas que não atingiam o clímax gostariam de tê-lo, porém, há disseminado entre as mulheres um duplo padrão: o orgasmo é importante, porém, não é necessário atingi-lo numa relação com o parceiro. Desta forma, temos respostas como:

Para mim o orgasmo **não tem nada haver [sic] com o sexo normal** entre homem e mulher. O orgasmo não é necessário porque eu mesma posso ter vários na masturbação (ANÔNIMA apud HITE, nº397, 1980,p.67, grifo nosso).

Eu acho que o orgasmo está **superestimado**. Eu me masturbo para ter um orgasmo, mas com meu amante eu **não me importo em gozar ou não**. Eu só quero me sentir próxima e aconchegada (ANÔNIMA apud HITE, nº401, 1980, p.68, grifo nosso).

Reiterando que todas as respostas analisadas neste capítulo são exemplos de algumas situações, não determinantes de um pensamento de todas as mulheres.

Visto a quantidade de respostas escolhi alguns exemplos para explorar algumas ideias e hipóteses que surgiram com a análise.

Há a interpretação de que o sexo com o parceiro é o dito sexo normal, enquanto outras formas de atingir o orgasmo, como a masturbação, não são consideradas como sexo. Nas respostas há sempre a necessidade das voluntárias em deixar claro que elas chegam sim ao orgasmo, exemplificando que o chegam geralmente pela masturbação. Quase como uma justificativa ao leitor, talvez para não serem alocadas em um grupo que para Masters e Johnson poderia ser de “anormalidades tratáveis”, mas aparentemente para se sentir parte deste grupo de mulheres que responderiam ao questionário.

Ficou perceptível que a pressão social que se criou na urgência de atingir o orgasmo, fator desencadeado pelos estudos Masters e Johnson e suas aparições na mídia, trouxeram mais malefícios que benéficos. Pois, introduziu mais uma angústia a diversas mulheres a obrigação de ter orgasmos e até quase um deslocamento social entre determinado grupo.

Dentro das respostas analisadas, muitas mulheres responderam que colocam seu prazer de lado algumas vezes para satisfazer o companheiro. Aqui é perceptível o quanto os discursos do início do século XX, aquele modelo vitoriano de relacionamento, ainda está presente.

Eu **posso** ter prazer no sexo sem orgasmo, mas psicologicamente eu me sinto um **fracasso**, como uma mulher que **não funciona totalmente bem**” (ANÔNIMA apud HITE, nº 245, 1980, p.63, grifo nosso).

Fala-se muito sobre orgasmo. Se eu não tenho um orgasmo, eu me sinto **desadaptada, inadequada** (ANÔNIMA apud HITE, nº 246, 1980, p.63 grifo nosso).

É importante ter orgasmos, mas eu **posso** ter prazer no sexo sem gozar. Pior do que não ter um orgasmo é a sensação de que eu **fracassei**, ou de que sou **frígida e pouco sexy**. Eu sinto muita pressão, tanto dos homens quanto do movimento de liberação da mulher, para ter orgasmo ou insistir até ter um orgasmo. **Eu não trepo para ter um orgasmo – mas** algo em mim sempre pergunta será ‘dessa vez’. Eu trepo porque sinto uma ternura fodida por uma pessoa. Ou porque parece uma idéia no momento. Ou porque eu quero possuir aquela pessoa por um tempo (ANÔNIMA apud HITE, nº347, 1980, p.62, grifo nosso).

Sinto que **não sou** sexualmente **normal** porque nunca tive um orgasmo durante o coito, e vivi anos com o cara. Sei que foi por causa de **meus sentimentos de culpa** em relação ao sexo, já que **ele é um bom amante**. São as minhas inibições (ANÔNIMA apud HITE, nº961, 1980, p.62, grifo nosso).

Posso fazer sexo e ter prazer, mesmo sem ter orgasmo, mas, ao mesmo tempo me sinto um fracasso: esse paradoxo entre satisfação e insatisfação que leva a frustração é um discurso recorrente entre as entrevistadas. Discurso que vem sempre acompanhado com um **pode, mas**. O terceiro trecho aqui disposto exemplifica o quanto estas mulheres ainda não acostumaram a tomar poder sobre seu corpo e seus sentimentos e acabam por passar uma mensagem de incoerência. No exemplo ela acha importante ter orgasmo, **mas pode ter prazer no sexo sem orgasmo**. No momento em que ela utiliza a conjunção adversativa, **mas** ela faz com que frase ganhe o sentido de adversidade, de ideia contrária. Em seguida dele ela fala “**eu posso** ter prazer no sexo sem gozar”, o uso do verbo poder denota a disposição de força para realizar determinada coisa. Unindo isto tudo em uma frase ela acha importante, mas contrariamente ela tem força e pode ter prazer sem gozar. Demonstrando que não está tão tranquila com essa possibilidade. Ela completa que pior do que não ter um orgasmo é a sensação de fracassou. No momento em que ela determina que pode ter esse prazer no sexo sem gozar ela não deveria ter esse sentimento de fracasso. Se se pressupõem que o ato do sexo sem orgasmo é da mesma importância para ela do que se o tivesse. Ela então fala sobre a pressão feita pelos homens e pelo movimento de mulheres na insistência do orgasmo. Ela termina explicando que não faz sexo para ter orgasmo, mas sempre o espera.

Foi colocado a sociedade a necessidade e importância do orgasmo, como um ato de auto realização sexual tanto pessoal, como para o casal. Mas antes não fora permitido a essas mulheres conhecerem seus corpos, seus desejos, ter poder sobre si. Muitas delas, o caso de nossa anônima, ainda precisam se perceber como um indivíduo com desejos e vontades para então tomar consciência do seu poder com relação ao seu prazer. Ela sabe que o orgasmo é importante, ela busca-o da mesma maneira que gosta da relação sexual mesmo sem atingi-lo, mas, ao mesmo tempo ela é bombardeada por pensamentos negativos, frigida, fracassada. Ela tenta romper com um padrão estabelecido na sociedade de que mulheres não podiam sentir prazer, e, ao mesmo tempo se aprisiona em um novo padrão aquele de que ela só é uma mulher completa se tiver orgasmos. Ela quebra com um paradigma e acaba enredada por uma nova percepção normatizadora.

Eu **'desempenho' bem** as **minhas funções** e inflo o **ego dele** e aumento a confiança e o amor dele por mim com um orgasmo. Eu não gosto de me ver como alguém que desempenha bem um papel, mas eu **me sinto julgada e me julgo** quando não tenho um orgasmo (ANÔNIMA apud HITE,nº 334, p.62,1980 grifo nosso).

Às vezes **eu sinto** que o meu orgasmo foi mais para satisfazer o meu parceiro do que para satisfazer as minhas próprias necessidades (ANÔNIMA apud HITE,nº339, p.63,1980 grifo nosso).

Inflar o ego dele, aumentar sua confiança e amor, eis a retomada do ciclo de importância da satisfação do parceiro acompanhado da sensação de julgamento. De quem? Social, de outras mulheres? Do companheiro? Podemos pressupor que a presença ou falta de satisfação sexual perante os outros aqui corrobora uma fuga de uma noção de conformidade. No momento em que ela se sente julgada, e se julga por essa falta, ela reafirma e edifica padrões estipulados socialmente, obedecendo segundo Butler (2018), uma possibilidade historicamente delimitada, aqui de que as mulheres devem ter orgasmos com o parceiro. No momento em que estas mulheres permitirem-se fugir deste padrão, poderemos alterar antigas convenções sociais e quebrar o estigma, permitindo uma liberdade de sentir. Um exemplo da necessidade dessa ruptura é expresso em duas respostas.

Às vezes **gostaria** de fazer sexo sem orgasmo, se as pessoas não fossem tão **exigentes** talvez o sexo fosse melhor se a gente não tivesse nunca falado do orgasmo" (ANÔNIMA apud HITE,nº342,1980,p.63, grifo nosso).

Eu **queria** que não existisse orgasmo. Talvez assim o sexo fosse bom (ANÔNIMA apud HITE,nº343, 1980,p.63, grifo nosso).

A partir destas frases, podemos supor como a pressão social, gerada pelos novos discursos médicos, estava atuando sobre algumas mulheres, ao ponto de desejarem nunca terem ouvido falar sobre orgasmos, esse chegando a ser um terceiro indivíduo dentro das quatro paredes. Ter ou não orgasmos passou a ser uma preocupação constante durante a relação sexual de várias mulheres, a falta de livros nos quais mulheres realmente diziam o que era, como atingi-lo, a preocupação de chegar, diversos fatores. Todavia, principalmente o fato do desconhecimento do próprio corpo, de reconhecer o que lhes dava prazer e de tomar a iniciativa dentro da relação para atingir seu objetivo.

Quando algumas amigas e eu começávamos a discutir há poucos anos a nossa sexualidade em sessões de **'conscientização'**, **descobrimos** que poucas de nós gozávamos no coito, embora quase automaticamente

esperássemos e **esperassem** isso de nós. Ao admitirmos para nós mesmas que antes não encarávamos nossos sentimentos em relação a nós com abertura e descontração, descobrimos que não éramos anormais, estranhas ou 'diferentes' e **pela primeira vez** nos sentimos bem em relação à nossa sexualidade (ANÔNIMA apud HITE, nº933, 1980, p.148 grifo nosso).

Realmente não sei se já tive um orgasmo com um homem, a menos que não tenha consciência do que é, porque **supõe-se** que seja a mesma coisa do que quando me masturbo, nesse caso **acho que não gostaria de saber** se isso me transforma em anormal (ANÔNIMA apud HITE, nº 930, 1980, p.145 grifo nosso).

Conscientização, conversa, troca de experiências, são tópicos importantes, segundo algumas mulheres, para entender sua sexualidade. E, assim, vivenciar uma vida sexual saudável e prazerosa. Muito desta falta de conhecimento é reflexo da educação advinda dos pais e amigos. Durante o 2º Simpósio, realizado por Masters e Johnson, as participantes responderam a um questionamento que procurava entender se elas acreditavam que existiam coisas permitidas ao homem que não seriam para as mulheres. E as respostas foram diversas como veremos a seguir com Betsy Laird:

Lembro-me de que meus pais me diziam que as **boas meninas** não faziam estas coisas. Eles me lebravam este fato sempre que eu marcava um encontro com um rapaz mais de uma vez. Assim, eu despi-me e acariciava-o e a minha consciência dizia que era completamente **tolô** ir até certo ponto e então parar novamente porque mamãe e papai diziam que não era bom. Mas eu continuava (LAIRD apud MASTERS; JOHNSON, 1975, p.68, grifo nosso).

Era comum este pensamento de que meninas boas não se masturbavam e que só teriam relações sexuais com o casamento. Aquelas que transgredissem estas normas seriam, então, enquadradas como meninas más, não virtuosas, logo aquelas com as quais os homens não pretendem casar-se.

Não posso dizer que e pai ou minha mãe tenham sempre dito: " Mau, sujo, porco! Você ficará com verrugas nas mãos!" , ou coisa parecida. (Pausa, enquanto os outros riem, então continua.) A minha mãe era uma **mulher razoável**. Nunca quis instilar-me qualquer espécie de medo. E eu **não ia à igreja**, assim, penso que não veio daí. Deve ter vindo não posso garanti-lo, da **atitude muito puritana dos meus amigos** na escola preparatória e no liceu, quando o sexo realmente começou a ter importância [...] Isso era a espécie de coisa que ninguém tinha que lhe ensinar. Aprendia-se por osmose. Se você fosse uma moça, **crescia pensando que o sexo era sujo** e terrível (SAXON apud MASTERS; JOHNSON, 1975, p.68, grifo nosso).

Julie Saxon isenta da sua educação familiar o estigma ruim relacionado ao sexo. Atribui o mesmo à turma da escola e à competição entre as ditas meninas

boas e meninas más. Após a fala de Julie, Diane Dollinger também relata a relação de sua mãe com sexo:

Imagino que eu era feliz. A certa altura, minha mãe deve ter tido **qualquer coisa sobre sexo**, mas não me lembro exatamente o quê. Recordo apenas que ela me fez sentir que era uma coisa maravilhosa ser moça e mostrava-se sempre muito receptiva e gentil com os rapazes que iam me ver. Uma vez ela antipatizou com um certo rapaz e disse-me que queria que ue chegasse cedo em casa porque não confiava nele. **Ela tinha razão**, mas **nunca mostrou más atitudes** em relação ao sexo (DOLLINGER apud MASTERS;JOHNSON, 1975,p.68-69,grifo nosso).

Apesar de Dollinger acreditar que a mãe tinha uma postura positiva com relação ao sexo, o discurso demonstra, nas entrelinhas, que a relação da mãe com a vida sexual da filha não era positiva. O fato de ela exaltar a vida de moça, antipatizar com o rapaz que provavelmente devia ser mais “vistoso” e poderia levar a filha a uma relação sexual, demonstra a perpetuação de um discurso negativo com relação ao sexo, pelo menos para relações fora do casamento. Julie Saxon retoma sua fala com relação aos pais

Os meus pais me davam uma porção de livros para ler e conversavam comigo. Mas **não mencionavam** o próprio ato da relação. Falavam sobre o que significa estar menstruada, como uma criança se desenvolve no ventre, assim, podia-se conhecer todos os diagramas, mas não se sabia o que acontecia e **como tudo se relacionava**(Um coro geral de acordo.) (SAXON apud MASTERS;JOHNSON,1975,p.69, grifo nosso)

Julie levanta uma questão importante em sua fala, ela teve acesso a livros e a alguns conhecimentos específicos. Mesmo com acesso a esses recursos, a falta de conversa com os pais para relacionar os assuntos e tirar as dúvidas fizeram com que Julie mantivesse conceitos errados ou vagos sobre a questão. E retomando as voluntárias dos questionários Hite, o reflexo da falta desse conhecimento é visto na dificuldade que elas possuem de chegar ao orgasmo, o desconhecimento de seu próprio corpo e prazer, a submissão ao prazer apenas do companheiro. Também tivemos acesso a respostas que, compiladas em livro, ajudariam muitas mulheres, pois são repostas diretas em como atingir o orgasmo, seja ele durante o coito, ou pela masturbação, sozinha ou com parceiro. Como um roteiro para experimentações, assim como mostrar que não chegar ao orgasmo em nenhuma destas formas, não as tornam inadequadas, estragadas, frígidas.

Gosto que meu clitóris fique contra a base do seu pênis, toque. Quero que meu parceiro se mexa comigo, **suave, levemente**, mas no mesmo ritmo.

Quando o parceiro sai do meu ritmo, interrompe o meu processo para o orgasmo. A única exceção é quando faz muito tempo que não estamos juntos. A primeira relação depois de uma longa separação é uma alegre e explosiva experiência espontânea (ANÔNIMA apud HITE,nº 1019,1980, p.196, grifo nosso)

Eu **não estava nunca tendo** orgasmos ao longo de quatro anos de Universidade e estava mortificada, pensando haver algo de terrivelmente errado comigo. Facilmente podia gozar com a masturbação, **mas não sentia absolutamente nada** durante a relação. Bem, eu estava com meu namorado firme um dia, fazendo amor, e fiquei realmente furiosa por não ter orgasmos, daí, com ele em mim e me mexendo, me inclinei, esfreguei em torno do clitóris e resolvi que, meu deus, iria gozar, o que realmente fiz um ou dois minutos depois tive um orgasmo fantástico, e desde então todas as vezes tive sucesso com esse método (ANÔNIMA apud HITE,nº 1052, 1980,p.201, grifo nosso).

Ambas as respostas nos demonstram certo grau de intimidade entre parceiros. Discursivamente não demonstram inquietações com a busca do orgasmo como exposto anteriormente, realizam inclusive a busca durante a relação sexual com o parceiro. Assim como estas voluntárias que atingiram o orgasmo pelo coito, podemos supor pelas demais respostas analisadas que as mulheres que buscam pela masturbação a satisfação, como demonstrado pela voluntária acima, atingem o clímax durante a penetração com a manipulação do clitóris.

Esfrego meu dedo médio no clitóris muito **rápido** até gozar uma vez, outra. As fantasias **são raras**, quero mesmo é a sensação (ANÔNIMA apud HITE,nº 125, 1980,p.115 grifo nosso).

Gosto que o meu clitóris seja manipulado diretamente com os dedos ou a língua, em movimentos circulares, primeiro sem constância, mas em **diferentes velocidades e tempos**, e depois finalmente o tempo todo **bem depressa** (ANÔNIMA apud HITE,nº1408, 1980,p.250 grifo nosso).

Deito de lado, de frente para minha amante, com a coxa dela entre as minhas, e **esfrego** meu clitóris na sua coxa (ANÔNIMA apud HITE,nº1486, 1980,p.257, grifo nosso).

Rápido, lento, com constância, sem constância, percebemos diversos tipos de maneiras e velocidades. Mesmo com tamanha diversidade, há voluntárias que não atingiram o orgasmo, que não sabem reconhecer se tiveram e ainda aquelas que afirmam que não tiveram e não vão ter.

Doug Hughes: Bem, estava pensando em ua coisa. Quando estamos crescendo, o **mais pecaminoso** não são as relações. **Pelo menos para um rapaz**. O que realmente se julga reprovável são as masturbações. Agora temos outra visão, e se você nos perguntar se pensarmos mal da masturbação, todos nós, provavelmente, diremos que não. Mas sentir-nos-emos à vontade em admitir que nos masturbamos às vezes.

Bill Masters: **Muitos homens** casados masturbam-se às vezes. Não o fazem com a mesma freqüência com que o fazem aos dez anos ou durante os anos que precederam o estabelecimento de relações mais ou menos regulares, quer casando-se ou não. Mas há ocasiões em que o homem tem uma **tendência acentuada** para voltar à masturbação, mesmo que tenha uma parceira teoricamente à sua disposição [...]

Virginia Johnson: Há ainda outra consideração em que estou pensando e que diz respeito à estabilização e à conservação do companheirismo válido. É forma de satisfação de uma **necessidade sexual estranha**, sem fazer demasiado apelo às relações sexuais. Permite à mulher acalmar as suas tensões em ocasiões em que, devido a razões especiais, pensa não dever procurar o marido ou opta por não fazê-lo. Desde que **ela tire a conclusão** de que isso não afeta o seu **casamento**, pode até fazer com que as relações se mantenham equilibradas. Para algumas mulheres não é um ato pouco freqüente.

Bill Masters: Aí está um ponto interessante. Fundamentalmente este gênero de situações existe quando a unidade conjugal não está sexualmente afetada, mas o par tem **níveis diferentes de tensão sexual**. Esta diferença de níveis encontra-se num incrível número de casos. É muitas vezes **compensada pela masturbação**, que permite àquele que tem mais alto nível de tensão aliviar uma tensão e afrouxá-la um pouco. Pode ser o marido que precisa aliviar-se, ou a esposa.

Julie Saxon (duvidando): Pensa que tal solução é **saudável**? (MASTERS; JOHNSON, 1975, p. 71-72).

Desde os onze anos eu comecei a **me sentir culpada** por me masturbar. Eu sempre tinha **medo de ser surpreendida** por alguém. Aos dezenove anos, depois de me masturbar, uma vez eu pensei: isso não pode ser pecado. Eu sempre me sinto melhor depois, e eu não estou prejudicando nem a mim nem a outra pessoa. Deus não pode achar isso errado. Eu fui então me confessar com um padre velho e muito rígido e, para minha surpresa e alívio, ele me respondeu **que não era pecado**. Que toda mulher e todo homem faziam. Que novas pesquisas na psicologia humana haviam descoberto que a masturbação **preenchia uma necessidade física e psicológica**, sendo assim **normal e natural**. Isso foi dito por um padre que não era liberal nem da igreja nova. Ele era tão piedoso. Depois disso não me incomodei mais (ANÔNIMA apud HITE, n.º 21, p. 10, 1980, grifo nosso).

Pecaminoso, necessidade sexual estranha, sentimento de culpa, medo, todas estas palavras são vestígios dos discursos em torno do sexo e de suas práticas percorriam todas as classes sociais. O discurso sobre o sexo passou a ser essencial para os mecanismos de poder. Segundo Foucault, há a necessidade pelo Estado de saber o que se passa com o sexo dos cidadãos e a maneira com a qual eles o usam. Nasce entre Estado e indivíduo uma disputa na qual o objeto da mesma passa a ser o sexo. Um conjunto de discursos, de saberes, de análises o investem. E estes discursos vão ser fortemente investidos no sexo das crianças, através de vários mecanismos disciplinares que envolvem os colégios do século XVIII (FOUCAULT, 2017, p. 30-31).

Logo o investimento feito em cima dos discursos sobre o sexo rendeu a manutenção de pensamentos e práticas que passaram de geração em geração,

perpetuando medos, sentimentos e comportamentos estipulados pela sociedade. Mesmo com o advento dos novos estudos de sexualidade e conhecimentos sobre o sexo, aqueles ainda se mantêm como verdades, sendo percebidos em discursos pós 1950. No momento em que uma pessoa, em 1975, pergunta se o ato da masturbação é saudável e que uma pessoa por parte do clérigo afirma que é uma necessidade natural do ser humano, é perceptível o quanto esses discursos nascidos lá com a revolução francesa ainda estão presentes e o quanto são difíceis de serem desconstruídos.

Em primeiro lugar não sei se nós duas estamos usando a mesma definição. Para mim, masturbação é **sexo consigo mesma**, estando só e não com outra. Fisicamente gosto da masturbação, mas psicologicamente, tenho sentimentos **de culpa e de “sujeira”**, **embora** racionalmente eu tenha plena consciência de que não deveria me sentir assim. Acho que é tão válido como outra forma de sexo; não seria bom ficar alienada do seu próprio corpo. Procuro sempre um orgasmo quando me masturbo, provavelmente porque é uma experiência ativa para mim; é **difícil ficar passiva** quando se está sozinha (ANÔNIMA apud HITE, nº12, 1980, p.8, grifo nosso).

“Tenho sentimentos de culpa e de sujeira, embora racionalmente eu tenha plena consciência”, nesta frase a autora tem ciência que a culpa e a sensação de sujeira são sentimentos irracionais, que ela não tem controle mesmo assim ao usar o “embora” ela demonstre uma ideia de concessão. Poder pressupor que, ela admite que tem consciência de que o ato não é ruim ou sujo, mas mesmo assim ela possui esses sentimentos. Podemos supor que como ela, tantas outras compartilham de tais sentimentos e também temos outras que os ultrapassaram ganhando mais confiança sobre seus corpos e desejos.

A masturbação me **ensinou** muito, especialmente como **ter um orgasmo**. Até janeiro de 1973 eu pensava que era uma coisa suja. Agora sei que essa ideia é completamente errada. Desde então **tenho aprendido a ter prazer sexual de muitas formas** e acho que a masturbação me ajudou bastante (ANÔNIMA apud HITE, nº 72, 1980, p.16, grifo nosso).

Entramos aqui na questão da importância da masturbação para as mulheres.

A masturbação **desenvolve a sexualidade**, porque **ensina você a se tocar, e conseqüentemente a tocar outras pessoas**. Talvez o perigo seja que na masturbação pode ficar bom demais; porque você pode se masturbar do jeito que você gosta, enquanto que dois amantes nem sempre se dão tão bem (ANÔNIMA apud HITE, nº80, 1980, p.16, grifo nosso).

Eu levei muito tempo para entender que a **minha sexualidade é minha**. E me dá prazer, e que não é alguma coisa que eu devo ao meu marido ou

qualquer outra pessoa. É ótimo ter **prazer consigo mesma** (ANÔNIMA apud HITE,nº117, 1980, p.20,grifo nosso).

Explorar a própria sexualidade, controle sobre o próprio corpo, aprender a se tocar e a outras pessoas, ter prazer consigo mesmo. No momento em que esta mulher busca conhecimento e poder sobre seu corpo, ela torna-se mais consciente do seu corpo e passa a controlar seu próprio prazer, deixando para trás o sistema pré-estabelecido no qual o normal é o casamento e o sexo reprodutivo dentro do mesmo. A segurança e a tomada de decisão sobre seu corpo e prazer acarretam, muitas vezes, problemas entre essas mulheres e seus companheiros:

Quando peço para um homem me manipular, ele **fica ofendido** e insinua que eu tive experiências homossexuais” (ANÔNIMA apud HITE,nº 1324, p.239, 1980, grifo nosso).

Ele **ficou furioso** a última vez que pedi para ele me manipular (porque fez ficar **brocha**). Ele é muito **tímido e desajeitado e inseguro** demais para arriscar estragar mais uma noite com instruções. **Por isso** o aceito assim mesmo (ele é muito legal) (ANÔNIMA apud HITE,nº 1336, 1980,p.241, grifo nosso).

No íntimo **não confio** em meu marido. **De qualquer modo** ele provavelmente consideraria como **realização dele** o fato de eu ter orgasmos (ANÔNIMA apud HITE,nº 958, p.167,1980, grifo nosso).

Todos os trechos acima destacados exemplificam como um grupo de homens, conhecidos pelas entrevistadas, reage ao pedido de prazer de suas companheiras. Recebem com raiva, desconfiança ou enaltecem o fato de atingir o orgasmo como realização dele. O sentimento que estas anônimas acabam por explicitar aqui é reflexo de uma cultura patriarcal ainda muito forte em nossa sociedade. Onde o homem detém o poder primário e são vistos como a autoridade moral e política. Refletindo nas relações com a parceira, que a partir dessa visão é subordinada a ele.

Ele é o detentor desse prazer na relação sexual, tanto no momento em que recebe, como no momento em que dá o mesmo a ela, ele controla. Se o mesmo não é atingido há um problema, e este não advém dele, mas sim da companheira de alguma forma. Aqui podemos supor isto nos discursos quando a voluntária diz que o companheiro ficou ofendido, que ele ficou furioso e brochou, o fato da esposa não confiar no marido. Para manter muitas vezes um clima harmonioso na relação muitas mulheres acabam desistindo de si pelo companheiro.

Às vezes eu sinto que o meu orgasmo foi mais **para satisfazer o meu parceiro** do que para satisfazer as minhas próprias necessidades (ANÔNIMA apud HITE,nº389, 1980,p.63, grifo nosso).

É bom só pra ele faz ele sentir mais homem, mais bem sucedido (ANÔNIMA apud HITE,nº333, 1980,p.62, grifo nosso).

E essa insatisfação acaba acarretando frustração, descontentamento com a relação, tristeza. “Se meu marido goza antes de eu ter tipo uma chance, eu **fico abalada, enjoada do estômago, resentida, zangada**” (ANÔNIMA apud HITE,nº505, 1980,p.77, grifo nosso), “Fico **frustrada, desapontada e sentida**, porque o trabalho dele (no dia seguinte) tem precedência sobre o meu prazer” (ANÔNIMA apud HITE,nº510,1980,p.78, grifo nosso). Aqui temos uma nova situação sendo apresentada, a de quem determina na relação quando o sexo acaba na maioria das vezes é o homem, quando o mesmo chega a seu orgasmo. Uma das voluntárias coloca que o trabalho do companheiro tem mais precedência do que o prazer dela, e que seguir em busca do prazer dela poderia acarretar um mau desempenho dele, no serviço no dia seguinte. Essas situações acabam levando a duas consequências percebidas nas respostas das mulheres, em ambas as obras: os orgasmos fingidos e as relações extraconjugais. A eles temos:

Simulo orgasmos para **não afetar o orgulho dele e evitar discussões**(ANÔNIMA apud HITE,nº1002, 1980,p.173, grifo nosso).

Sim, eu antes achava que o **ego do homem era mais importante que eu** (ANÔNIMA apud HITE,nº1018, p.172,1980, grifo nosso)

Simulei orgasmos até que os tive aos trinta. Fingia para **evitar confrontações** com um homem, para não ter de explicar porque eu era assim, não ouvir **acusações de lesbianismo, frigidez**, etc. (ANÔNIMA apud HITE,nº1012, 1980,p.172, grifo nosso).

É possível pressupor que a mulher sentiasse compelida a abdicar de si pelo companheiro para evitar discussões, comparações, acusações. Pelos discursos aqui apresentados é comum a maneira agressiva com a qual o homem lida com a situação, enquanto ela tenta cuidar dos sentimentos dele, não há reciprocidade. Ele agride e acusa, quase sempre subentendendo que há problemas graves com a companheira. Quando as mulheres percebem tais comportamentos vindos dos companheiros, ocorre de se absterem das relações sexuais com ele ou acabam por assumir outros compromissos fora do casamento.

Bill Masters: Quanto tempo depois do segundo casamento começou a reparar em alguém, além dele?

Leah: **Depois de sete anos.** Tive dois casos nos últimos três anos.

Bill Masters: Seu marido sabe?

Leah: Falei-lhe do último caso duas semanas depois do começo. **Mas meu marido ainda me ama** e ainda quer manter o casamento. Tenho a acrescentar que nunca atingi o climáx sexual. Tenho uma conduta sexual que meu marido acha ser baseada, definitivamente, no fato de nunca ter atingido o climáx-o que me acontece. Já andei por psiquiatras, Alcoólicos Anônimos, e por uma porção de coisas. Mas até o ano passado nunca pensei que meu problema fosse sexual. Perdi um bom emprego devido ao meu caso. (MASTERS;JOHNSON,1975,p. 107, grifo nosso)

Virginia Johnson: Jessica?

Jessica: [...] fui para Nova York **aos dezenove anos.** Então encontrei meu marido. Era advogado. **E fizemos amor juntos,** foi uma coisa inacreditável. Eu adorava, realmente, fazê-lo. Mas depois que me casei, não pude imaginar-me casada com um homem e foi então que tudo começou.

Meu marido é maravilhoso, maravilhoso mesmo. Mas eu não o amo. As minhas relações extraconjugais eram muito mais maravilhosas. E fazia amor com uma porção de homens, e ainda hoje faço; cada um é diferente cada um é maravilhoso. [...]

Virginia Johnson: E nunca é capaz de experimentar essa excitação, mesmo com pouca intensidade, no seu casamento?

Jessica: Só um pouquinho, um bacadinho só. **O meu marido não tem ido para a cama comigo há dez ou doze anos.** Não tem qualquer desejo sexual, seja como for. É uma pessoa maravilhosa- um tipo brilhante, grande advogado, você sabe, tudo o resto, mas nada de sexo. Tentei avidamente nas férias todas as coisas. **Apenas ele não consegue... é doente.** Mas realizei a coisa mais maravilhosa de toda a minha vida com novo amante. Ele era quase impotente e eu o ajudei. Ele agora é o maior amante de todo o mundo. (MASTERS;JOHNSON,1975, p.116-117, grifo nosso)

Aqui temos dois casos de relações extraconjugais. Vamos iniciar com o caso da participante de nome Leah. Como já vimos antes, ela tem idade aproximada de trinta anos, é mãe de dois filhos e o marido sabia de suas ações. Leah, em seu depoimento, ela se descreve como uma pessoa muito distraída e que sofreu abuso sexual em sua adolescência. No breve trecho apresentado, ela não determina quanto tempo está casada, mas que só começou a ter relações fora do casamento após os sete anos de casada, seu marido soube de suas ações e mantêm o casamento. Ela compara o desejo por outras relações sexuais com uma doença. Um alcoolismo e até mesmo uma doença psiquiátrica. As relações que teve foram tão intensas que até um emprego bom ela teria perdido por não conseguir controlar. O que fica pressuposto é que a busca incessante por prazer no caso é uma doença, um vício, em que só há satisfação com a realização do ato e sua busca constante por esse prazer que nunca é satisfeito. Fica a dúvida, se o marido de Leah se permite reatar o casamento por entender o vício da esposa como uma doença, ou

como por ela não atingir o clímax com ninguém, não há uma tensão com relação a outros homens, como se estivesse tranquilo com a situação.

Se pensarmos no contexto histórico qualquer relação fora do casamento é vista com maus olhos quando é realizada pela mulher, pois, apesar de não ser adequada, para os homens se criou uma cultura de que às vezes havia essa necessidade, que talvez não estivesse sendo suprida pela esposa. De qualquer maneira, se a situação fosse realizada pelo marido, não haveria comparação da necessidade sexual com uma doença. Já que este comportamento ao homem, já é esperado.

A segunda participante aqui apresentada é Jéssica, sem idade determinada na obra, casada a mais de vinte e cinco anos e que trabalhara como instrutora de golfe meio período. Formada na escola de artes, conheceu o marido aos dezenove anos, em Nova York. Não é determinada a idade do companheiro, somente sua profissão, um advogado. Ela inicia contando que o relacionamento sexual entre eles era bom, que se realizava, mas que seus problemas começaram após o casamento. Ela então enfatiza que o marido é um homem maravilhoso, aqui para demonstrar de certa forma que o problema não era um casamento abusivo, ou um marido autoritário, mas que o problema era ela, que não o amava mais. Então, ela continua a dizer que as relações que teve fora do casamento foram maravilhosas, que teve relação com uma porção de homens. A autora, então, indaga Jéssica se ela ainda sentia um pouco da excitação que era explícita com relação a seus casos, se sentia pelo menos um pouco pelo marido. Ela, então, fala que tem um pouco e que abre o jogo, explicando que não tinha mais relações sexuais com o marido acerca de dez anos. Que até teria tentado durante um período e que desistira, concluindo que o marido era doente, que não conseguia. Novamente, ela derrama elogios para com o marido, como se estivesse afirmando que apesar dele ter problemas sexuais, ele não tinha problemas em outras áreas como, por exemplo, o emprego. E, então, se exime de ter relação com o problema sexual do marido, quando relata que seu último amante tinha disfunção erétil e que ela o havia curado, e agora era uma excelente amante.

Aqui duas histórias diferentes de mulheres que ou vivenciam, ou vivenciaram casos extraconjugais, com diferentes motivos e consequências, mas apenas a certeza de uma vida sexual com o companheiro que deixou a desejar. Podendo ou

não ser por falta de interesse, por relações e vontades muito diferentes, a falta de relações. Porém, há aquelas que contornaram essas situações e modificaram suas relações.

Depois de muitos anos de ensaio e erro, eu e meu namorado finalmente **encontramos um modo (quase) infalível de eu ter orgasmo**. Depois da gente ter tido alguma relação sexual preliminarmente, ele estimula meu clitóris com o pênis. Ele tira o pênis sem ter orgasmo e estimula meu clitóris com ele. Ou ele ou eu orientamos seu pênis com uma das mãos, massageando meu clitóris. Sempre tenho orgasmo, e durante os espasmos ele enfia, a gente fode e então ele goza (ANÔNIMA apud HITE, nº1486, 1980, p.256,grifo nosso).

Meu corpo atinge o melhor orgasmo com um esforço combinado meu e da minha amante. Ela estimula o meu clitóris com a boca e a língua e depois sopra suavemente dentro da minha vagina. Enquanto faz isso, eu me masturbo. Esse esforço conjunto me proporciona um orgasmo mais incrível (ANÔNIMA apud HITE, nº1508,p.284, 1980, grifo nosso).

Seja entre casais ou em busca, solo, o orgasmo pós o surgimento da sexologia moderna, ganhou papel de destaque nas relações sexuais, por vezes até representando um terceiro indivíduo dentro da relação. Sua ausência aqui foi percebida muitas vezes como um fator ruim e determinante de normalidade. Aquelas que o atingem são ditas normais, femininas, mais mulheres, enquanto as que o buscam e não o atingem acabam sendo rotuladas como frígidas, lésbicas ou erradas. De qualquer maneira a discussão acerca do orgasmo foi importante, pois, abriu espaço para debates antes não realizados, uma abertura para o autoconhecimento do corpo, tanto de si como de um companheiro ou companheira.

Ambas as obras nos trazem anseios e realidades que até então ficavam guardados a sete chaves dentro dos quartos e não eram proferidas nem mesmo ao companheiro mais fiel. Uma busca por respostas a situações comuns a diversas mulheres, muitas delas descobrindo que não eram anormais e que suas dúvidas assistiram em outras mulheres. Assim como aos homens, o casal se via em um limbo criado por mecanismos de poder que determinaram a vida sexual. É importante compreender que o trabalho realizado aqui analisou obras de diferentes momentos históricos e que não representam o pensamento de todas as mulheres, apenas de um grupo seletivo representado pelas participantes, e que as respostas dadas aos questionários podem ou não representar uma realidade. De qualquer

maneira, o que foi aqui exposto é pudemos pressupor que aqueles discursos estavam nos dizendo.

Considerações Finais

Para chegar até aqui, a necessidade da construção de conceitos e sua desconstrução foram fatores determinantes para garantir uma visão ampla das transformações sociais e como elas afetaram diretamente a sexualidade humana. Vimos que a sexualidade feminina, geralmente fora colocada sempre em segundo plano, muitas vezes como justificativa para determinar o papel social da mulher.

De um sexo único atrelado ao masculino, a trajetória feminina passa por mudanças significativas, com o advento da Revolução Francesa. Uma nova posição social, o nascimento de um sistema jurídico, uma maneira ávida de determinar lugares sociais. Ao homem era dado o trabalho, a ideia de um corpo forte e o objetivo de prover e desenvolver uma família próspera dentro dos padrões sociais de sua época. A mulher coube a posição de cuidadora dos filhos e do lar, uma posição privada, tão de acordo com seu corpo frágil. A ela cabia trazer ao mundo descendentes fortes.

A sexualidade aqui divide em um binarismo macho/fêmea com posições determinadas. A explosão demográfica ocorrida no século XIX força as estruturas a criarem meios de controlar e disciplinar essas novas populações. A união de um dispositivo de aliança (como já visto anteriormente), com um dispositivo de sexualidade, une agora aqueles que eram tão distantes. Um dispositivo de uma população, em geral com o da família burguesa, ocasionando novas formas de compreender a sexualidade.

Foucault explora esse momento, demonstra os mecanismos utilizados para disciplinar estes corpos a merce destes dispositivos. Temos um judiciário e uma medicina para determinar anomalias e puni-las, assim como escolas para desde cedo inculcar essa disciplina nas crianças.

Entramos no século XX carregados de tabus e pudores trazidos de outros tempos, assim como primeiros passos para mudanças significativas. Freud nos apresentou com novas noções de sexualidade, a ideia da libido, uma sexualidade feminina baseada em duas zonas genitais (o clitóris e a vagina, importantes para os estudos de sexologia modernos) e o rompimento da ideia de uma sexualidade voltada apenas para a reprodução. Ele revoluciona com a ideia de uma sexualidade hedonista, voltada aos prazeres.

Enquanto na Europa, estudos sobre a sexualidade, e conseqüentemente o sexo, eram desenvolvidos, a explosão de duas grandes guerras em seu território abalou os mesmos. Muitos acabaram migrando para o outro lado do Atlântico, aportando em território estadunidense. Minha pesquisa teve como objeto obras escritas por autores/pesquisadores estadunidenses. A primeira barreira que tive que ultrapassar foi a da língua. Pensar uma análise dentro de um contexto cultural bastante diferente do qual estou inserida, mas que me propus a analisar. No início seriam quatro obras e o período de abrangência maior, então reduzi a apenas três décadas, o que mesmo assim me deixou com os períodos mais ricos, político e culturalmente, dos Estados Unidos.

Foi preciso entender como essas ideias, nascidas na Europa, tiveram repercussão no tange as mulheres estadunidenses. Vimos que, antes das guerras, elas viviam como dona dos lares, cuidadoras de grande famílias. Vimos que articuladas com a Europa muitas ideias nascidas lá tomaram grandes proporções ali. Assim como lá as mulheres se uniram em busca do direito de votar, tiveram acesso ao mundo do trabalho durante às duas grandes guerras e sofreram com a pressão do retorno dos soldados. E a necessidade colocada pelo próprio governo de dar espaço aos homens que voltavam da guerra e determinando que os cuidados e o carinho delas eram necessários em casa.

Não vamos generalizar aqui que todas as mulheres passaram por isso. Aquelas cuja as famílias dependiam de seu salário, seguiram nas fábricas, nos sindicatos mesmo quando as políticas públicas tornavam o trabalho feminino difícil. O governo utilizou-se de propagandas para alavancar suas políticas de melhoramento econômico, usando como principal aliado as donas de casa. Alheias ou não a esta manipulação.

De qualquer maneira, fora um período próspero para as pesquisas no campo de sexualidade, em território estadunidense. Iniciando nos anos de 1940, com o zoólogo Alfred Kinsey e sua pesquisa sobre sexualidade masculina. Pesquisa que rendeu dois livros, um sobre sexualidade masculina e outro sobre sexualidade feminina. Ambos abalaram as estruturas morais da sociedade, ele trazia ao público um relatório das preferencias sexuais de homens e mulheres. Foi ele que disse que 50% dos homens americanos já haviam tido algum tipo de relação homossexual.

Isto foi um escândalo, mas possibilitou que outros pesquisadores pudessem trazer luz as questões de sexualidade. Nosso autores analisados surgem neste momento. Masters e Johnson baseados em Kinsey puderam desenvolver sua pesquisa em laboratório e colocar em xeque dados médicos errôneos que traziam diversos malefícios a saúde sexual das pessoas.

O objetivo principal deste trabalho era traçar que representações do feminino estavam estampadas nas páginas das três narrativas. E, conseqüentemente, que sujeito mulher das décadas de 50-70 estava refletido ali e como afetava o casamento.

Inicialmente, em *A conduta Sexual Humana* (1966) desenha a questão fisiológica feminina, possibilitando reconhecer o próprio corpo. Representando uma mulher com capacidade para sentir desejo e prazer. A obra permitiu que conceitos culturais enraizados por outros trabalhos médicos fossem contestados. Servindo de apoio para os movimentos de revolução sexual se apoiarem em dados concretos, para contestarem. Apresentando uma mulher sexual mas com finalidade do uso desta potência para uma melhor relação nas relações sexuais como casal.

O *Vínculo do Prazer* (1975) e o *Relatório Hite da Sexualidade Feminina* (1980), como vimos, foram obras pós revolução sexual, dentro do movimento feminista e de contracultura. Podemos dizer que a sexualidade representada é frágil, carregada de tabus e conceitos ruins sobre o sexo. Elas cresceram ouvindo que a masturbação era um ato pecaminoso e sujo, que o sexo se não fosse dentro do casamento era desaprovado. Se fazia sexo, as vezes se conhecia como os bebês eram criados e como funcionava a menstruação, mas não se discutia os temores e os tabus. Elas aprendiam ou desaprendiam sobre sua sexualidade muitas vezes diretamente no casamento. Com o sem o apoio do amante/companheiro que estava tão introduzido dentro dessa perspectiva social que acabava mais fazendo mal do que o bem. É representado um feminino em transição, isto é, que esta lutando por seus direitos quer ser reconhecida com um ser sexual mas que ao mesmo tempo contra carrega uma bagagem cultural que lhe diz o contrário. É uma luta individual contra um modelo no qual elas cresceram, tiveram sua vida adulta e até mesmo que chegaram a terceira idade inseridas. Elas são representadas como um sujeito em transição, se permitindo a individualização através de um processo de ruptura com as estruturas existentes. É possível ver que o casamento ainda é uma estrutura

almejada, porém que está aberta a novas relações sociais e culturais. Não mais fixa no termo religioso, mas ganhando novos arranjos.

Havia uma hipótese quando o trabalho fora iniciado que as mulheres haviam três representações distintas de mulheres para três fases: durante a segunda guerra, pós 1945 e pós revolução sexual. O que pudemos pressupor dessa hipótese é que sim haviam estas três representações, que não podiam ser enquadradas dentro de décadas específicas. São diferentes mulheres, diferentes tempos, vivendo suas transformações juntas em uma cultura em transformação. Da mesma maneira que há essas representações distintas de 1945–1976, podemos dizer o mesmo das mulheres na atualidade. Somos plurais e nosso processo de identidade está sujeito a posições diferentes a qual precisam se enquadrar ou transgredir.

A segunda hipótese que levantamos era de que, mesmo com a segunda onda feminista, os discursos médicos e políticos foram os que tiveram mais força na manutenção do lugar da mulher na sociedade estadunidense. Aqui pudemos compreender que várias forças estavam envolvidas na tentativa de enquadrar a mulher em uma determinada posição, e que mesmo estas possuíam forças antagônicas. Em determinado período, como o do pós guerra até a segunda metade da década de 1960 percebemos que foram criados mecanismos para manter a mulher em uma posição de dona de casa, de suporte do marido, de mãe de família. Foram políticas, discursos psicanalíticos, culturais, midiáticos entre muitos outros, porém, estes ganharam uma força de oposição com os movimentos anti guerra, de libertação feminina, revolução sexual. Foi permitido questionar, se posicionar em diferentes assuntos e situações. E quando há essa permissão ocorre um rompimento com estruturas rígidas, ou que não fazem mais sentido. Há uma renovação e uma mudança cultural refletida em todas as camadas da sociedade.

O que notamos com as análises foi que grande parte das entrevistadas não sabiam como atingir o orgasmo, que sentiam vergonha ou que nunca haviam se tocado para atingi-lo foi surpreendente. Não eram apenas mulheres mais velhas, mas jovens que ingressavam na vida adulta conhecimento do próprio corpo. Que carregam estigmas passados por pais, amigos e pela própria escola. Ideias como meninas boas não se tocam eram bem difundidas em todas as camadas. Assim como a necessidade constante de satisfazer o companheiro, seja fisicamente como psicologicamente colocando suas vontades de lado para isso.

O sofrimento psicológico que isto trazia foi percebido, quando muitas respondiam que preferiam que o orgasmo nunca existisse, porque, assim, elas poderiam ser felizes. Mesmo com os avanços científicos, os programas na televisão, os livros, percebi que elas só compreendiam que elas eram donas do próprio prazer, quando conversavam com outras mulheres e viam que não estavam sozinhas. As dúvidas e anseios eram compartilhadas. Sentir prazer era natural e permitido, não era sujo nem pecaminoso como cresceram aprendendo. Era um momento bom, de controle de suas vontades. Esse autoconhecimento fora benéfico para aquelas que o descobriram e para seus parceiros. Pois, puderam compartilhar uma relação mais completa de entrega.

Quando a questão era casamento, foi analisada uma sexualidade feminina passiva. Geralmente, quem iniciava a abordagem era o homem, o clímax era determinado por ele, assim como o término da relação. As esposas se colocavam como as responsáveis pelo prazer do companheiro, e colocavam de lado seus desejos e seu orgasmo. Muitas por medo da reação, de estragar o momento dele, ou diminuir sua figura masculina. Gerando mulheres frustradas, tristes e levando muitas vezes a uma fuga do sexo ou a busca do mesmo em relações extraconjugais. Temos, então, no período de 1950 a 1976, muitas mulheres que ainda não se descobriram como seres sexuais, assim como mulheres que já tomaram as rédeas de seu corpo, e ainda que geração de mulheres que frutos dos outros dois tipos estão rompendo com os tabus e assumindo sua posição de mulher plena com suas vontades e desejos.

Livros como estes foram e são importantes ainda hoje. Muitas mudanças ocorreram, novas liberdades e o fim de alguns tabus, mas ainda hoje relendo as obras são perceptíveis o quando as dúvidas lá apresentadas por mulheres que poderiam ser nossas avós e mães são atuais. O que nos deixa com a sensação de até onde existe uma liberdade sexual e se ela existe como romper com sua negação.

Referências Bibliográficas

BAILEY, Beth. Sexual Revolution. In: FARBER, David. **The Sixties: From memory to history**. University of North Carolina Press, 1994, p.179-199.

BARBOSA, Lívia. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.7-13.

BARNES, Harper. The Madame Year. In: **St. Louis Magazine**. 23 de junho de 2009, Disponível em <https://www.stlmag.com/The-Madame-Years/>, Acessado em 01/03/2018)

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2016.

_____. BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2016.

BIRMAN, Joel. **Gramática do Erotismo**. A feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BRANCO, Guilherme Castelo. **Michel Foucault: filosofia e biopolítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p.69-110.

_____. **Os Atos performativos e a construção do gênero: um ensaio sobre fenologia e teoria feminista**. Tradução de Jamila Pinheiro Dias. Caderno de Leituras n. 78, 2018. Disponível em <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/> Acessado em 21.09.2018.

_____. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Org. Irene Meijer e Baukje Prins. **Revista Estudos Feministas**, vol.10, n.1, 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009 Acessado em 24.12.2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato de Aguiar. 11ª Ed.-Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COLLIN, Françoise. Diferença e diferendo. A questão das mulheres na filosofia In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Coimbra: Afrontamento, 1991, v.5. p. 315-349.

COLLINS, Robert. Growth liberalism in the Sixties. In: FARBER, David. **The Sixties: From memory to history**. University of North Carolina Press, 1994, p.9-34.

CORBIN, Alain. O encontro do Corpos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História do Corpo2: Da Revolução à Grande Guerra**. Tradução: João batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008. p.181-266.

CORNWELL, Patricia. Cardinal Joseph E. Ritter: 'A mano f humility, a mano f courage, visiting prelate says at lecture. **The Criterion Online Edition**, 28 de maio

de 2014, Disponível em <http://www.archindy.org/criterion/local/2014/03-28/ritter.html> ,
Acessado em 01/03/2018

COTT, Nancy F. A Mulher Moderna: O estilo americano dos anos vinte.. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Coimbra: Afrontamento, 1991, v.5. p. 95-113.

ECHOES, Alice. Nothing Distant about it. In: FARBER, David. **The Sixties: From memory to history**. University of North Carolina Press, 1994, p.113-132.

ELLIS, H. The sexual impulse in women. In H. Ellis (Ed.), *Studies in the psychology of sex*, Vol. 3. Philadelphia: F. A. Davis, 1903.

EHRENREICH, Barbara. **The Hearts of Men**: American Dreams and the Flight from Commitment (New York: Anchor Press, 1983, p.45.

ERGAS Yasmine. O Sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Coimbra: Afrontamento, 1991, v.5.p.589-611.

FARBER, David. **The Sixties: From memory to history**. University of North Carolina Press, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **História da Sexualidade**. A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, 1v.

FREUD, Sigmund. **Amor, Sexualidade, Feminilidade**; Tradução de Maria Rita Salzano Morais. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1971.

GÊNERO – DICIONÁRIO AURÉLIO DE PORTUGUÊS ONLINE , 19 abr.2018 , Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/genero>. Acesso em 10 jul de 2018.

GIDDEN, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da universidade Estadual Paulista,1993.

GLITIN,Todd. *The Sixties: years of hope, days of rage*.Bantam Books, 1987.

GINZBURG, Ralph. **The Playboy Interview**: Sexperts & Sexpots. Playboy Enterprises, 2013.

GOSDEN, Roger G. George Washington Corner. In: **Biology of Reproduction**, Volume 88, Issue 5, 1 May 2013, 136, p. 1-11.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991.Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e diferença** : A perspectiva dos Estudos Culturais .Traduções: Tomaz tadeu da Silva 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

_____: **Cultura e Representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HIGONNET, Anne. Mulheres, Imagens e representações. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Coimbra: Afrontamento, 1991, v.5. p. 403-427.

HITE, Shere.**The Hite Report on Shere Hite**: Voices of a daughter in exit. London: Arcadia Books, 2013.

_____. **O Relatório Hite**: Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina. 4ª ed. Tradução de Ana Cristina Cesar. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **The Hite Report**. A Nationwide study off emale sexuality. New York: Dell Publishing CO , 1976.

KARNAL, Leandro. *Et al.***História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 3. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

KELNNER, Douglas. **A Cultura da Mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KINSEY, Alfred C. **Conduta sexual da mulher**. Tradução de Antonio Vespasiano Ramos. Rio de Janeiro: Atheneu, 1954.

KROEBER, A.L., KLUCKHOHNI, C., 1952. **Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions**. Harvard University Peabody Museum of American Archeology and Ethnology, Cambridge, MA.

LARKIN, R.W., 2015. Counterculture: 1960s and Beyond. In: James D. Wright. **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, 2nd edition, Vol 5. Oxford: Elsevier. pp. 73–79

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEVIN, Robert. Prefácio. In. MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **O vínculo do prazer**. Tradução de Dr. Dante Costa. Rio de Janeiro: Record, 1975, p.7-12.

LEFAUCHEUR, Nadine. Maternidade, Família, Estado. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Coimbra: Afrontamento, 1991, v.5.p.479-503.

LEWIS, M.I. .The History of Female Sexuality in the United States. In: Kirkpatrick M. (eds) **Women's Sexual Development. Women in Context (Development and Stresses)**. Springer, Boston, MA, 1980, p.19-38.

MAIER, Thomas. **Masters of Sex**. Tradução de Gill Reyes. Rio de Janeiro: LeYa, 2014.

MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **A conduta sexual humana**. 4ª ed. Tradução de Álvaro Carlos. São Paulo: Civilização Brasileira, 1981.

MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **O vínculo do prazer**. Tradução de Dr. Dante Costa. Rio de Janeiro: Record, 1975.

_____. **The Pleasure Bond**. A new look at sexuality and commitment. Nova York: A Bantam Book , 1975.

MELANDRI, Pierre. **História dos Estados Unidos desde 1865**. Tradução de Pedro Elói Duarte. 2.ed. Lisboa/ Portugal: Editora Edições 70, 2000.

MENEZES, Cynara. Shere Hite discute prazer e poder no trabalho. In. **Folha de São Paulo Ilustrada Online**, 19 de maio de 2001, Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1905200123.htm>. Acessado em 01/04/2019.

MOLINA, José Artur. **O que Freud dizia sobre as mulheres**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

MOULIN, Anne-Marie. O Corpo diante da Medicina. In. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História do Corpo 3**. As Mutações do Olhar. O Século XX. Tradução: Ephraim Ferreira Vigarello. Petrópolis: Vozes, 2008. p.15-84.

MOTTIER, V. (1995). **The politics of sex: truth games and the Hite Reports.** *Economy and Society*, 24(4), 520–539.

NAPALM. In: BUENO, Silveira. **Mini Dicionário de língua portuguesa.** 2. Ed. São Paulo: FDT, 2007, p.532.

Nota de falecimento de Richard Amberg no NY Times. Disponível em <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP88-01314R000300020003-8.pdf>, Acessado em 01/03/2018)

PASSERINE, Luisa. Mulheres, Consumo e Cultura de Massas. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente.** O século XX. Coimbra: Afrontamento, 1991, v.5. p. 981-401.

PEDRO, JOANA; Veiga, Ana. Gênero. In: COLLING, Ana; TEDESCHI, Losandro. **Dicionário Crítico de gênero-** dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p.304-307.

PEOPLE STAFF. Disponível em: <http://people.com/celebrity/i-touch-myself-25-years-later-5-things-you-didnt-know/> Acessado em 01/03/2018)

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História.** Operários, mulheres, Prisioneiros. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine, CHARTIER VINCENT, Gérard (Org.). **História da Vida Privada.** Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. V.5.

Prostituição hoje: (Disponível em <https://www.brinkmanandalter.com/how-prostitution-laws-work-in-st-louis-mo.html>, Acessado em 01/03/2018)

PURDY, Sean. O Século Americano. In: KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos:** das origens ao século XXI. 3ªed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p.173-275.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

ROHDEN, Fabíola. A construção da “natureza feminina” no discurso médico. IN. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.p223.

SCHWEBEL, Dominique. Movimentos Feministas. In: HIRATA, Helena. **Dicionário crítico do feminismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.144-148.

SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite:** As sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2007.

SILVA, A. C. L. F. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. **Cronos**: Revista de História, Pedro Leopoldo, n. 6, p. 194-223, 2002. Disponível em: http://www.academia.edu/14524319/Reflex%C3%B5es_metodol%C3%B3gicas_sobre_a_an%C3%A1lise_do_discurso_em_perspectiva_hist%C3%B3rica_paternidade_maternidade_santidade_e_g%C3%AAnero Acessado em 08.02.2018.

SOHN, Anne-Marie. O Corpo Sexuado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História do Corpo 3**: As Mutações do Olhar. O Século XX. Tradução: Ephraim Ferreira Vigarello. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 109-154.

SOIHET, Rachel; Costa, Suely. Historiografia e Gênero. In: COLLING, Ana; TEDESCHI, Losandro. **Dicionário Crítico de gênero**- dourados, MS: Ed. UFGD, 2015 , p.347-351.

VINCENT, Geràrd. Uma história do segredo?. In: PROST, Antoine, CHARTIER VINCENT, Gérard (Org.). **História da Vida Privada**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. V.5, p.13-153.

THÉBAUD, Françoise. Escrever a história das Mulheres: Introdução. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Coimbra: Afrontamento, 1991, v.5.p.9-23.

THÉBAUD, Françoise. Mulheres, Criação e representação: Introdução. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Coimbra: Afrontamento, 1991, v.5.p.311-313.

TOTA, Antonio Pedro. **Os Americanos**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

YABLONSKY, L., 1968. **The Hippie Trip**. Pegasus, New York.

WOODWARD, Kathryn .Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e diferença : A perspectiva dos Estudos Culturais** .Traduções: Tomaz Tadeu da Silva 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário I

Questionários: Versões I, II e III

O propósito destes questionários é colaborar no sentido de nos entendermos melhor, tanto coletiva como individualmente. Por um lado, responder as perguntas é um bom meio de se enfrontar mais nos sentimentos sexuais de cada um, e por outro é ótimo saber o que outras mulheres estão pensando e sentindo sobre as mesmas coisas – especialmente porque nunca falamos sobre isso. Os resultados serão publicados como discussão geral do que foi dito, com poucas estatísticas e muitas citações, uma espécie de gigantesca “sessão de crítica” no papel.

O questionário é anônimo, não o assine. Se qualquer pergunta não se aplicar a você, escreva simplesmente “não se aplica”. Por favor use um papel separado e numere corretamente suas respostas. *Não pense que tem que responder a todas as perguntas* (embora adorássemos que fizesse isso). Pode responder apenas as que lhe interessarem – Deixe-nos ouvi-la!!!*

Questionário I

Setembro 1972

National Organization For Women, N.Y.C. Chapter
47 East 19 St., N.Y.C. 10003

1. É importante para você ter orgasmos, ou gostaria de sexo do mesmo jeito se não tivesse orgasmos? Fazer sexo é importante para você? Por quê?
2. Pode descrever como sente o orgasmo?
3. Quando geralmente tem orgasmo? Durante a relação? Na masturbação? No estímulo do clítoris? Outras atividades sexuais? Qual a frequência?
4. Supondo fatores psicológicos favoráveis, quais os estímulos físicos que a levariam ao orgasmo?
5. Em outras palavras, se “um homem goza quando seu pênis é friccionado para frente e para trás, uma mulher tem orgasmo quando . . .” Preencha o espaço em branco.
6. Suas técnicas para atingir o orgasmo são as mesmas (penetração vaginal) tanto na relação como na masturbação?

* Essa introdução, ou semelhante, aparece em todos os questionários.

7. Por favor faça uma descrição gráfica ou um desenho de como seu corpo pode ser melhor estimulado ao orgasmo.
8. Você geralmente tem orgasmo durante a relação? Nunca? Às vezes? Raramente?
9. Quais as melhores posições para chegar ao orgasmo durante a relação? Você gosta de ficar por cima ou por baixo, ou de lado, de costas, etc.?
10. A forma e o tamanho do pênis tem importância para você? Qual a forma e o tamanho que considera mais compatíveis com seu corpo – comprido e grosso, curto e grosso, fino e curto, etc.?
11. Descreva as técnicas de penetração vaginal ou de relação sexual que seriam mais estimulantes para você – mais suave ou mais dura, com pressão na frente, atrás ou nenhuma, penetração total ou parcial, etc.
12. Onde (em que área física) se dá a sensação de orgasmo durante a penetração vaginal?
13. É mais fácil para você ter um orgasmo quando a relação sexual não está se dando? Em outras palavras, você tem com mais frequência orgasmos através de estímulos mais diretos na área clitoral?
14. Esses últimos são diferentes dos orgasmos durante a relação? O que é mais forte? O que é “melhor”? Como?
15. Quais as melhores posições para ter um orgasmo durante o estímulo direto (clitoral)? As pernas precisam estar juntas ou podem estar separadas? Você se mexe muito, etc.?
16. Você prefere que tipo de estímulo na área clitoral? Você gosta de uma massagem suave, média ou forte? Gosta de movimentos rítmicos? Posição variada ou constante?
17. Por favor explique como você e suas companhias praticam o estímulo direto.
18. Você tem orgasmos durante o cunilingus? E durante o contato oral/clitoral ou ambos? Explique como deve ser para satisfazê-la.
19. Usa vibrador para ter orgasmos? Onde o usa (qual região do corpo)? É usado por você ou por seu parceiro? Durante a relação sexual?
20. Para que atinja o orgasmo, quais as preliminares físicas mais importantes?
21. Gosta da relação sexual? Fisicamente? Psicologicamente? Por quê? Já sentiu alguma sensação física desagradável?
22. Você se sente livre para fazer tudo que deseja ou pensa que a(s) outra(s) pessoa(s) pode(m) se chocar?
23. Gosta de masturbação? Fisicamente? Psicologicamente? É mais intensa com ou sem companhia?
24. Como se masturba? Por favor explique com um desenho ou uma descrição detalhada. Por exemplo, o que usa para estimular: dedos, mão, vibrador, etc.? Que espécies de movimento prefere: circular, pancadinhas, para cima e

- para baixo, etc.? Usa as duas mãos? Se não, o que faz com a outra mão? Mantém as pernas juntas ou separadas? Onde é que você se toca? Etc.
25. Quando você se masturba, qual é a seqüência de eventos físicos? Por exemplo, uma pessoa pode manter as pernas juntas, massagear a região clitorial com a mão, enquanto empurra ritmicamente os lábios entre as pernas, com o pélvis também se movendo ligeiramente, etc.
 26. Você gosta de contato anal? De que tipo? Gosta de penetração? Com que freqüência isso lhe foi pedido e com que freqüência você aceitou?
 27. Que outras atividades sexuais lhe levam ao orgasmo?
 28. É importante o período do mês? Você tem relações durante sua menstruação?
 29. Você pensa em que durante o sexo? Tem fantasias? Sobre quê?
 30. As palavras e os sons são importantes para você? Que sons, frases e palavras sobre sexo acha estimulantes? Gosta ou não?
 31. A pornografia a estimula? Que tipo?
 32. O que pensa do sado-masquismo (dominação-submissão)?
 33. O que você nunca fez e gostaria de tentar? O que gostaria de fazer com mais freqüência? O que gostaria de ver incorporado à cena de cama habitual? Gostaria de ver mudanças nessa cena?
 34. Quais foram suas melhores experiências sexuais? Por favor explique.
 35. Qual a importância dos orgasmos para você? Gosta? Já lhe incomodaram alguma vez? O que é melhor, chegar ao ou ter o orgasmo?
 36. Acha que parece feia ou bonita ao ter o orgasmo?
 37. Com que freqüência deseja sexo? Procura-o ativamente?
 38. Um orgasmo é sexualmente satisfatório para você? Se não, quantos?
 39. Fica longos períodos sem sexo? Isso lhe incomoda? Acha que está perdendo algo quando não está dormindo com alguém?
 40. Se você nunca ou quase nunca tem orgasmos, quais os fatores que pensa poderiam contribuir para tê-los?
 41. Prefere sexo com homens, mulheres, os dois, ou sozinha?
 42. Considera os homens desinformados a respeito de seus desejos sexuais e de seu corpo? E as mulheres?
 43. Gosta de objetos na cama com você? Isto é, ao fazer amor gosta de usar objetos?
 44. Já fingiu orgasmos? Com que freqüência? Por quê? Em que condições?

45. Você sente que precisa “desempenhar” um clímax para seu parceiro ou se não você não seria normal, não seria uma “mulher mesmo”? Você acha que precisaria ter um orgasmo porque seria bom para você ou porque seria uma “experiência divertida”?
46. Ter orgasmo é algo que requer um esforço concentrado?
47. Tem vergonha de ter um orgasmo com um parceiro? Por quê? Só com novos companheiros ou com todos?
48. Sente-se embaraçada de pedir manipulação clitoral? Acha que seu parceiro está se sacrificando por você?
49. O que lhe dá mais prazer em sexo?
50. Acha que a maioria dos homens tem mais prazer com a relação sexual do que com uma brincadeira sexual? Sente-se culpada por gastar tempo em jogos sexuais que talvez nem sejam tão estimulantes para seu parceiro?
51. Seu parceiro nota quando você goza? Você tem alguma reação característica? Qual?
52. Descreva como a maioria dos homens faz sexo com você (se há práticas padronizadas, etc.).
53. Por favor descreva como a maioria das mulheres faz sexo com você.
54. Seu(s) parceiro(s) a masturba(m)? Sem você pedir? Por quanto tempo? Fazem cunilingus? Sem você pedir?
55. Há alguma prática sexual que goste e que queira partilhar ou recomendar a outras mulheres?
56. Já achou necessário se masturbar para conseguir o orgasmo depois de “fazer amor”?
57. O que a excita mais, bolinação ou manipulação genital direta? Bolinação psicológica? Descreva como gostaria de ser bolinada.
58. Você associa o sexo com o nascimento de crianças, ir ao banheiro, prazer ou amor? Ou com outras coisas?
59. Suas opiniões sobre tudo isso mudaram num certo período? Acha que as reações de seu corpo e seus interesses mudaram?
60. Acha que fazer sexo é político sob algum aspecto?
61. Já leu os recentes estudos científicos de Masters e Johnson sobre reações sexuais humanas, ou artigos discutindo sua obra? Que pensa disso? De Kinsey? De outros escritores?
62. Quais as coisas que não estão neste questionário e sobre as quais gostaria de falar?
63. O que você achou do questionário?

Anexo 2- Questionário II

Questionário II

Janeiro 1973

National Organization For Women, N.Y.C. Chapter
47 East 19 St., N.Y.C. 10003

1. É importante para você fazer sexo? Que parte isto representa em sua vida?
2. Você tem orgasmos? Normalmente quando? Durante a masturbação? Na relação sexual? No estímulo do clítoris? Outra atividade sexual? Qual a frequência?
3. Ter orgasmos é importante para você? Você gosta? Alguma vez já lhe incomodaram? Sem tê-los você gostaria de sexo do mesmo jeito? Um bom ato sexual tem algo a ver com orgasmos?
4. Se você nunca ou quase nunca tem orgasmos, está interessada em tê-los? Por que ou por que não? Se está interessada, o que acha que contribuiria para tê-los? Já os teve?
5. Pode descrever como é o orgasmo para você? Onde o sente e quais são as sensações de seu corpo durante o orgasmo?
6. Ter orgasmos é algo que requer um esforço concentrado? Acha que a pessoa tem que aprender a ter orgasmos?
7. Um orgasmo lhe satisfaz sexualmente? Se não, quantos? De quantos você é capaz? Quantos normalmente quer durante a masturbação? Ao estimular o clítoris com um parceiro? Durante a relação sexual?
8. Por favor descreva graficamente ou desenhe como seu corpo poderia ser melhor estimulado ao orgasmo.
9. Gosta da excitação? Em si mesma – isto é, como um estado duradouro de alta sensibilidade que não leve necessariamente ao orgasmo? Qual é a sensação que dá?
10. Você gosta de ficar num estado de excitação por períodos de tempo longos ou indefinidos?
11. Você passa longos períodos sem sexo? (Isso inclui a masturbação ou exclui qualquer tipo de sexo?) Você gosta ou isso lhe incomoda?
12. Com que frequência deseja fazer sexo? Procura-o ativamente? A época do mês é importante? Sente aumentar o desejo sexual em alguma época do mês?
13. Gosta de masturbação? Fisicamente? Psicologicamente? Com que frequência? Ela lhe leva ao orgasmo geralmente, às vezes, raramente, ou nunca? A intensidade é maior com alguém ou sozinha? Normalmente você tem quantos orgasmos?
14. Qual é a importância da masturbação? Já viu uma outra pessoa se masturbando? Pode imaginar mulheres que você admira se masturbando?

15. Como você se masturba? Qual é a sequência dos acontecimentos físicos que ocorrem? Por favor descreva com detalhes. Por exemplo, o que usa para estimular – dedos, mão ou vibrador, etc? Faz que tipos de movimento – circular, pancadinhas, para cima e para baixo, etc.? Onde você se acaricia? Tem importância se suas pernas estão juntas ou separadas? Você se mexe muito? Etc.
16. Com outra pessoa, quais as melhores posições e movimentos para lhe estimular clitoralmente? Assim você tem orgasmos geralmente, às vezes, raramente ou nunca? Por favor explique como você e sua(s) companhia(s) estimulam o clítoris.
17. Você gosta de outros jogos sexuais? É importante para atingir o orgasmo? Qual a importância do beijo (estímulo bucal), da carícia nos seios, nos quadris e coxas, no corpo todo, etc.?
18. Gosta de penetração vaginal/relação sexual? Fisicamente? Psicologicamente? Por quê? Isso leva ao orgasmo geralmente, às vezes, raramente, ou nunca? Quanto tempo demora? Já sentiu algum incômodo físico? Geralmente você tem a lubrificação adequada? Já teve algum decréscimo na sensação vaginal-genital com a continuação do ato sexual?
19. Que tipos de movimento acha mais estimulantes durante a penetração – suave, forte, pressão atrás, na frente, ou nenhuma, penetração completa ou parcial, etc.? Quais posições acha mais estimulantes? Faz diferença a forma e o tamanho do pênis ou do “objeto” que penetra?
20. Você pratica o intercuro durante sua menstruação? Sexo oral?
21. Para você é mais fácil chegar ao orgasmo quando não está havendo o ato sexual? Em outras palavras, você goza mais facilmente com o estímulo no clítoris do que com a relação sexual? Os orgasmos são diferentes? Como?
22. Gosta de cunilingus? Tem orgasmos com o cunilingus habitualmente, às vezes, raramente, ou nunca? Goza durante o contato oral/clitoral, oral/vaginal, ou ambos? Em relação a isso, explique do que gosta e do que não gosta.
23. Usa um vibrador para chegar ao orgasmo? Que tipo de vibrador? Em que parte(s) do corpo você o usa? Emprega-o durante a masturbação, o jogo sexual, a relação, ou em outras ocasiões?
24. Gosta de contato anal? De que tipo? Com penetração?
25. Você pensa em que durante o sexo? Faz fantasias? Sobre quê?
26. A pornografia lhe estimula? De que tipos? Que atividades?
27. O que pensa do sado-masquismo? Da dominação-submissão? O que acha que significam?
28. Prefere fazer coisas para os outros, tê-las feitas para você ou nenhuma das duas coisas?
29. O que lhe excita mais: carinho, estímulo genital direto, ou uma “preliminar” psicológica?

30. Quem determina o andamento e o estilo do ato sexual – você ou seu par? Quem decide do fim? O que acontece se seu par geralmente quer ter sexo com mais frequência do que você? O que acontece se é você quem quer sexo mais vezes?
31. Geralmente faz sexo com quem você quer? Quem geralmente inicia o sexo ou a aproximação sexual – você ou a outra pessoa?
32. Descreva como a maioria dos homens e das mulheres fizeram sexo com você (se há etapas, etc.).
33. A maioria de seus pares parecem bem informados a respeito de seus desejos sexuais e de seu corpo? São sensíveis ao estímulo que você deseja? Se não, você pede ou age para conseguir o que quer? É constrangedor?
34. Se sente culpada de gastar tempo em jogos sexuais que podem não ser estimulantes especificamente para a outra pessoa? Que atividades você inclui nessa resposta?
35. Tem vergonha de ter orgasmos com uma pessoa? Somente com novas companhias ou com todas? Por quê?
36. Acha a vagina e a região genital feias ou bonitas? Gosta do cheiro?
37. Acha necessário se masturbar para chegar ao orgasmo depois de “fazer amor”?
38. Geralmente o sexo demora quanto tempo?
39. Você já fingiu orgasmos? Em quais atividades sexuais? Com que frequência? Em que condições?
40. O que você nunca experimentou mas gostaria? O que gostaria de fazer com mais frequência? O que gostaria de mudar na cena “de cama” habitual?
41. Quais suas melhores experiências sexuais?
42. Com que idade teve a primeira experiência sexual? Sozinha? Com outra pessoa? Quem? Qual sua idade quando teve o primeiro orgasmo? Fazendo o quê? Com que idade olhou pela primeira vez com atenção para sua vagina e órgãos genitais?
43. O que lhe dá mais prazer em sexo? E mais desgosto?
44. O que você imagina que gostaria de fazer com o corpo de outra pessoa? Como gostaria de se relacionar fisicamente com outros corpos?
45. Gosta de carinho? A quem acaricia – homens, mulheres, amigos, parentes, crianças, a si mesma, animais, bichinhos de estimação, etc.? Isto tem alguma coisa a ver com sexo?
46. Qual a importância da afeição física e do carinho em si (sem levar ao sexo)? Você os faz tanto quanto gostaria? Já fez alguma vez sexo com alguém principalmente para acariciar e ser acariciada e ter proximidade física? Com que frequência?

47. Já acariciou alguém querendo excitação sensual sem sexo “mesmo”? Por favor explique. (Querendo, refira-se à pergunta n.º 9.)
48. Há diferença entre sexo e carinho? Se sim, qual?
49. Como seria a sexualidade no melhor dos mundos possíveis?
50. No que diz respeito a sua vida sexual, acha que sua idade e educação fazem diferença? Qual é a sua idade e educação: estudos, vida familiar, ocupação, raça, nível econômico, etc.?
51. Você geralmente prefere sexo com homens, mulheres, os dois, sozinha, ou nenhum? O que você já experimentou e quanto?
52. O que acha da “revolução sexual”?
53. Como a anticoncepção afeta ou afetou sua vida sexual? Que métodos usou? Já tomou pílulas anticoncepcionais?
54. Você acha que fazer sexo é sob certos aspectos político?
55. Já leu os recentes estudos científicos de Masters e Johnson sobre a sexualidade? De Kinsey? De outros? Que pensa deles?
56. Por favor inclua o que gostaria de dizer e que não está neste questionário.
57. O que achou do questionário?

Anexo 3 – Questionário III

Questionário III

Junho de 1973

National Organization For Women, N.Y.C. Chapter
47 East 19 St., N.Y.C. 10003

1. É importante para você fazer sexo? Que parte representa em sua vida e o que significa para você?
2. Tem orgasmos? Se não, o que acha que contribuiria para tê-los?
3. Para você é importante ter orgasmos? Gostaria de sexo do mesmo jeito caso não os tivesse? Um bom sexo tem algo a ver com ter orgasmos?
4. Na maioria de seus encontros sexuais, seu(s) orgasmo(s) geralmente se dá durante o cunilingus, o estímulo manual do clitóris, o ato sexual, ou outra atividade? Quais dessas atividades levam geralmente ao orgasmo? Com que frequência?
5. Pode descrever como sente o orgasmo que se prepara? Imediatamente antes do orgasmo? Durante o clímax? Depois?
6. Ter orgasmos é algo que requer um esforço concentrado? Você teve que aprender a ter orgasmos? Com a prática, eles se tornaram melhores ou mais fáceis para você?

7. Um orgasmo lhe satisfaz sexualmente? Se não, quantos? Tem capacidade de quantos orgasmos e quantos geralmente deseja durante a masturbação? A relação? O estímulo clitoral com outra pessoa? O cunilingus?
8. Seus pensamentos e emoções afetam seu desejo por orgasmos? Como?
9. Sente-se frustrada quando está a ponto de ter um orgasmo e não o tem por perda de estímulo ou outra razão parecida? Como se sente? Quando isso acontece geralmente?
10. Com que frequência deseja sexo? Procura-o ativamente?
11. Qual a importância do carinho em si mesmo (sem que leve necessariamente ao orgasmo ou mesmo ao sexo)? Você o tem tanto quanto gostaria?
12. Qual a importância que dá à masturbação? Já viu outra pessoa se masturbando? Como era? Pode imaginar mulheres que admira se masturbando?
13. Gosta de masturbação? Fisicamente? Psicologicamente? Com que frequência? Leva ao orgasmo geralmente, às vezes, raramente, ou nunca? Quanto tempo demora? Prefere a masturbação ou fazer a mesma coisa com outra pessoa?
14. Como você se masturba? Dê por favor uma descrição detalhada. Por exemplo, o que usa para estimular – os dedos, a mão, um vibrador, lençóis, etc.? Faz que tipos de movimentos – circular, para cima e para baixo, etc.? Onde você toca ou esfrega? É importante que suas pernas estejam juntas ou separadas? Você se mexe muito? Etc.
15. Pratica estímulo clitoral com seu(s) par(es)? Como? Isso leva ao orgasmo geralmente, às vezes, raramente, ou nunca?
16. Gosta de cunilingus (sexo oral)? É oral-clitoral, oral-vaginal ou ambos? Assim chega ao orgasmo geralmente, às vezes, raramente, ou nunca? O que lhe agrada ou desagradava no cunilingus?
17. Gosta de penetração vaginal/ato sexual? Fisicamente? Psicologicamente? Assim chega ao orgasmo geralmente, às vezes, raramente, ou nunca? Teve que aprender a ter orgasmos durante o ato sexual, ou sempre os teve?
18. Se você tem orgasmos durante a penetração vaginal/ato sexual, quanto tempo geralmente demoram? Você prefere que o “objeto” penetrante, ou pênis, fique parado ou se mexendo? É necessário algum estímulo adicional para atingir o orgasmo? Qual é e como o consegue?
19. Que tipos de movimentos gosta de fazer durante a penetração para aumentar o estímulo – suave ou forte, pressionar atrás ou na frente, usar penetração total ou parcial, ou alguma outra técnica? Quais posições considera mais estimulantes? A forma ou o tamanho do pênis ou “objeto” de penetração tem alguma importância para você? Você usa os músculos da vagina ou outros para ajudar no orgasmo?
20. Já sentiu algum mal estar físico durante a relação sexual? Geralmente tem a lubrificação adequada? Às vezes se sente menos excitada à medida que o ato sexual se prolonga?

37. Já achou necessário se masturbar para conseguir o orgasmo depois de “fazer amor”?
38. Já teve medo de dizer “não” a alguém por medo de “perdê-lo”? Se sim, como se sentiu durante o sexo? Depois?
39. Já fingiu orgasmos? Em quais atividades sexuais? Com que frequência? Sob quais condições?
40. Acha sua vagina e região genital feias ou bonitas? Que outras partes de seu corpo lhe agradam ou desagradam? Fica à vontade nua com outra pessoa? Se preocupa com a aparência de seu corpo?
41. O que nunca tentou e gostaria de tentar? O que gostaria de fazer com mais frequência?
42. Descreva como fizeram sexo com você a maioria dos homens ou mulheres.
43. Como essas experiências influenciaram seu pensamento sobre o comportamento sexual? Já teve alguma experiência que afetasse drasticamente sua vida sexual?
44. Com que idade teve sua primeira experiência sexual? Qual foi? Sozinha? Com outra pessoa? Com que idade teve o primeiro orgasmo? Fazendo o quê? Com que idade olhou pela primeira vez com atenção para sua vagina e órgãos genitais?
45. Qual sua idade e educação – ocupação, estudos, ambiente familiar, raça? Vive só ou com alguém com quem tem sexo? Onde obteve o questionário?
46. Geralmente prefere sexo com homens, mulheres, qualquer um, sozinha, ou não gosta de sexo? Por quê? O que experimentou, com quem e quanto? Foram em sua maioria relacionamentos curtos ou duradouros?
47. Que acha da “revolução sexual”?
48. Acha o sexo político sob algum aspecto?
49. Pensa que o “sexo”, tal como habitualmente definido, é uma reação condicionada? Isto é, agimos de um modo que, se não nos tivessem ensinado desde a infância, não consideraríamos “natural”?
50. Que mudanças consideraria levando a um aprimoramento da expressão física ou da sexualidade? Em outras palavras, como seria a sexualidade no melhor dos mundos?
51. Leu os estudos recentes de Masters e Johnson sobre a sexualidade? De Kinsey? De outros? Que acha deles?
52. Por favor inclua o que gostaria de dizer e que não está neste questionário.
53. Por que respondeu ao questionário (obrigada), e o que achou?

Anexo 4 – Questionário IV

Questionário IV*

Março 1974

Organização Nacional de Mulheres
(National Organization For Women),**
Seção da Cidade de Nova Iorque (N. Y. C. Chapter)
47 East 19 St., N. Y. C. 10003

I. ORGASMO

1. Você tem orgasmos? Se não, o que você acha que contribuiria para que você os tivesse?
2. Ter orgasmos é importante para você? Você tem tanto prazer no sexo com ou sem orgasmos? Fazer sexo satisfatoriamente tem alguma coisa a ver com o orgasmo?
3. Você tem orgasmos das seguintes formas (por favor indique se sempre, geralmente, algumas vezes, raramente ou nunca):
masturbação: _____
relação sexual (penetração vaginal): _____
manipulação do clítoris por um parceiro: _____
estimulação oral por um parceiro: _____
relação sexual e manipulação do clítoris: _____
nunca tem orgasmos: _____

Indique ainda quantos orgasmos você tem geralmente em cada uma dessas atividades, e quanto tempo você leva para atingi-lo. Espaço para comentários:

4. Por favor descreva como você sente um orgasmo. O que sente o seu corpo?

* Os questionários I, II e III podem ser encontrados nos apêndices.

** Este projeto está ligado à seção novaiorquina da N.O.W. no sentido de que, como membro, eu tive permissão para usar o nome e o endereço da organização para encabeçar as perguntas, dando assim à leitora uma idéia da sua orientação. Não houve nenhum subsídio envolvido, embora parte do lucro deste projeto vá ser doado a esta seção da N.O.W.

5. Há mais de um tipo de orgasmo? Se você tem orgasmo durante a relação/penetração vaginal, o orgasmo é diferente do orgasmo sem penetração? Como?
6. Você se sente mais excitada antes ou depois do orgasmo? Você usaria a palavra “satisfeita” para descrever seu sentimento depois do orgasmo? “Amorosa”? “Extasiada”? Com “um sentimento de bem-estar”? Que palavra você usaria?
7. Um orgasmo a satisfaz fisicamente? Os orgasmos que se seguem são mais ou menos intensos? O lugar a ser estimulado muda ou “se move” ligeiramente, de um orgasmo para outro?
8. Descreva a melhor forma pela qual o seu corpo pode ser estimulado para que você atinja um orgasmo.
9. Se você está a ponto de ter um orgasmo e não consegue, devido à interrupção do estímulo ou por uma razão semelhante, você se sente frustrada? Quando é que isso tende a acontecer?
10. Que “sintomas” físicos você aparenta no momento do orgasmo? Por exemplo, o seu corpo se torna tenso e rígido, ou você se move? Qual a posição das suas pernas? Qual a sua expressão facial?
11. Um orgasmo é alguma coisa que “acontece” no seu corpo, ou que você cria no seu próprio corpo?

II. ATIVIDADES SEXUAIS

12. Qual é para você a importância da masturbação? Você já viu alguma vez uma outra pessoa se masturbando? Como foi? Você pode imaginar mulheres que você admire se masturbando?
13. Você gosta de se masturbar? Fisicamente? Psicologicamente? Com que frequência? _____. A masturbação leva ao orgasmo sempre, geralmente, algumas vezes, raramente ou nunca? _____. Quanto tempo você leva para atingir o orgasmo na masturbação? _____. Quantos orgasmos você tem geralmente? _____.
14. Como você se masturba? Por favor descreva detalhadamente. Por exemplo, o que você usa para estimulação – seus dedos, sua mão, a cama? Onde *exatamente* você se toca? Suas pernas ficam juntas ou separadas? Qual é a seqüência da sua masturbação?

15. O(s) seu(s) parceiro(s) estimula(m) manualmente a sua região clitorial? Como? Para provocar orgasmo ou excitação? Se for para orgasmo, essa prática leva ao orgasmo sempre, geralmente, algumas vezes, raramente ou nunca? Essa forma de sexo é importante para você?
16. O(s) seu(s) parceiro(s) estimula(m) você oralmente (cunnilingus)? Essa estimulação é oral/clitorial, oral/vaginal, ou os dois? Essa prática visa a provocar orgasmo ou excitação? Se visa ao orgasmo, leva ao orgasmo sempre, geralmente, algumas vezes, raramente ou nunca? _____. Você gosta?
17. As carícias nos seios são importantes para você? De que tipo?
18. Você gosta de penetração vaginal? Fisicamente? Psicologicamente? Essa prática leva ao orgasmo sempre, geralmente, algumas vezes, raramente ou nunca?
19. Se você tem orgasmo durante a penetração vaginal, há outros estímulos geralmente presentes? Qual é o seu método para obter estímulo clitorial durante a relação sexual/penetração? *a)* longo tempo de carícias preliminares; *b)* manipulação simultânea do clitóris; *c)* estímulo indireto através de movimentos do pênis durante a penetração; *d)* movimento combinado do pênis de ambos, de modo que durante a penetração a base do pênis estimula o clitóris; *e)* outro método.
20. Se você tem orgasmo durante a relação, que tipos de movimentos você gosta de fazer durante a penetração para aumentar sua excitação — fortes ou delicados, lentos ou rápidos, penetração parcial ou completa, fricção do pênis ao entrar e sair ou penetrar e ficar, etc. Que posições você prefere para ter orgasmo? Suas pernas ficam juntas ou separadas durante o orgasmo? Você usa os músculos vaginais ou outros músculos para melhor atingir o orgasmo?
21. Você já sentiu desconforto físico durante a relação? Você costuma ter uma lubrificação “adequada”? Algumas vezes você se sente menos excitada se a relação continua por mais tempo?
22. A relação emocional ou psicológica é mais importante durante a penetração do que durante outras formas de sexo? Qual é a sua reação emocional à penetração?
23. É mais fácil ter um orgasmo por estimulação clitorial quando a relação sexual não está se processando? Se você tivesse de escolher

entre a relação e a estimulação clitorial pelo parceiro, qual você escolheria? Por quê?

24. Você gosta de penetração pelo ânus? Que tipo?
25. Que formas de sexo não genital são importantes para você (por exemplo, abraçar e beijar, conversar intimamente, olhar um para o outro, cheirar?) Você aprecia essas atividades tanto quanto o sexo genital? O sexo genital é melhor?

III. RELACIONAMENTOS

26. Responda os quesitos que são ou foram relevantes para você: (Responda no espaço ao fim da página.)

Se você é *casada*, há quanto tempo está casada? Você gosta de estar casada? Qual é o efeito de estar casada sobre o sexo? Você já teve experiências “extra-conjugais” (quantas e por quanto tempo)? Se já, qual foi o efeito dessas experiências sobre você e sobre o seu casamento? Essas experiências foram do tipo “casamento aberto” ou foram ocultas do seu parceiro? Qual é a sua opinião a respeito do conceito de “casamento aberto”?

Se você é *solteira*, você gosta de ser “solteira”? Ou é difícil? Você acha que ser solteira é uma forma de vida temporária ou básica? Você tem atividades sexuais com muita frequência? Com que frequência? De que tipo?

Se você tem um *parceiro sexual constante* (não casado), como você compara esse tipo de vida com outros estilos tentados por você? Você preferiria estar casada? Você considera essa situação temporária ou permanente? Você se sente bem?

Se você é uma *lésbica* (tem relações sexuais com mulheres), por favor responda as perguntas anteriores que se aplicam a você, e ainda: Há quantos anos você tem relações sexuais com mulheres? Como você “compara” as relações sexuais com outras mulheres e as relações sexuais com homens (ou então, se você nunca teve relações heterossexuais, você compararia)? Fisicamente? Psicologicamente? Por favor descreva a relação com outras mulheres, uma vez que esta informação não é facilmente encontrável.

Se você ainda está *morando na casa de seus pais* ou da família, como lhe afetam as regras contra a prática do sexo por jovens mulheres? Essas regras a protegem ou a ferem ou o que? Você gostaria que houvesse mais ou menos restrições ao sexo? Os seus pais ou parentes estão dispostos a discutir sexo realisticamente com você? Seus amigos? Professores? Conseguir informação é um problema? E finalmente, se você tem relações sexuais com um parceiro, os seus pais sabem? Como eles reagem?

Se você ainda *não teve relações sexuais*, como você acha que elas devem ser? Que sensações físicas lhe deram mais prazer até agora? Se você é *assexual* ou *celibatária* (isto é, se você não tem relações sexuais, excetuando-se talvez a masturbação), você gosta dessa forma de vida? Você a recomendaria a outras mulheres? Por quanto tempo você tenciona permanecer assexual?

27. Que “tipo de vida” você sente que seria melhor para você? Longos períodos de monogamia? Dois ou três ou quatro amantes constantes? Relações sexuais ocasionais? Períodos relativamente longos sem sexo? Troca constante de parceiro? Ou um outro estilo que ainda não foi inventado?

28. Numere os seguintes itens na ordem da sua importância para o sexo (1, 2, 3, etc.), acrescentando comentários se quiser:

- paixão
- romance
- amizade
- amor não romântico (apeço profundo)
- compromisso a longo prazo, casamento
- estar “apaixonada”
- fatores econômicos
- hostilidade e sentimentos de violência

29. Descreva a primeira vez que você se apaixonou. Como você se sentiu? Como a relação se desenvolveu e cresceu, ou morreu? Se você já se apaixonou mais de uma vez, você acha que há um padrão de desenvolvimento emocional que se repete nas relações sexuais românticas?

30. Como têm sido as suas relações mais profundas, tanto com homens quanto com mulheres? Satisfatórias ou não? Emocionalmente? Fisicamente?
31. Quais são os seus mais profundos desejos quanto a relações com outra(s) pessoa(s)?

IV. ESTÁGIOS DA VIDA

32. Que idade você tinha quando você se masturbou pela primeira vez? _____. E quando você se masturbou com orgasmo? _____. Você descobriu por você mesma ou aprendeu de alguém ou em algum lugar?
33. Que idade você tinha quando teve o seu primeiro orgasmo com outra pessoa? _____. Durante que atividade? _____.
34. Quais eram seus sentimentos em relação à “perda da virgindade”? Houve dor ou sangramento? Que idade você tinha?
35. Você pode se lembrar de sentimentos sexuais na infância? Escola primária? Escola secundária? Como foram?
36. Você acha que a sexualidade da criança ou do adolescente deveria ser reprimida? Por que sim ou por que não? Por que é reprimida atualmente?
37. Você já teve sentimentos sexuais em relação aos membros da sua família? Irmãos ou irmãs? Pais? Os seus filhos (se for o caso) já demonstraram reações sexuais ao seu carinho? Você já teve sentimentos sexuais em relação a eles? Como você reagiu?
38. A gravidez, o nascimento e a amamentação têm para você aspectos sexuais?
39. Você já teve contatos sexuais com pessoas muito mais jovens ou muito mais velhas que você? Foi diferente do sexo que você pratica, seja fisicamente ou psicologicamente?
40. De que maneira a idade afeta o sexo? O desejo por sexo aumenta, diminui ou continua o mesmo com a idade? E o prazer? O prazer tem alguma coisa a ver com a idade dos seus parceiros?

41. A menopausa (“mudança de vida”) afeta a sexualidade, seja fisicamente ou psicologicamente? Como? E afeta as reações do(s) seu(s) parceiro(s) em relação a você?
42. Se você já fez histerectomia, essa operação afetou as suas atividades ou sentimentos sexuais? Fisicamente? Psicologicamente? Como?
43. Qual é a sua idade e situação — profissão, educação, raça, ou qualquer outro aspecto que você considera importante?

V. CONCLUSÃO

44. As suas relações sexuais com homens seguem um padrão específico? Qual ou quais? (Como a maioria dos homens se relaciona sexualmente com você?)
45. Seu(s) parceiro(s) é (são) sensível(veis) ao estímulo que você deseja? Se não, você pede, ou estimula a si própria? Isso é embaraçoso?
46. Você alguma vez acha necessário se masturbar para atingir o orgasmo depois de “fazer amor”?
47. Você sente com frequência que o(s) seu(s) parceiro(s) não está (estão) envolvidos emocionalmente durante o ato sexual? Ou então, que reações emocionais você sente com mais frequência da parte do(s) seu(s) parceiro(s)?
48. Você alguma vez finge estar tendo um orgasmo? Durante que tipo de atividade sexual? Sob que condições? Com que frequência?
49. Você já teve medo de dizer “não” a alguém com medo de “fazer uma cena” ou “desligá-lo”? Se isso já aconteceu, como você se sentiu durante a relação sexual? Você definiria a situação como estupro?
50. Como você se sente em relação à prática de *fellatio* (estimulação oral do pênis)? E se vai até o orgasmo? Como você se sente em relação à prática de *cunnilingus* (sexo oral) em outra mulher?
51. Você acha que a sua vagina e região genital é bonita ou feia? Cheira bem ou mal? Que outras partes do seu corpo você gosta ou não? Você se sente bem nua na presença de outra pessoa?

52. Você fantasia? (Durante a masturbação, ou durante a relação sexual com um parceiro?) A fantasia ajuda a trazer um orgasmo ou apenas dá mais prazer? Você imagina histórias com enredo ou simplesmente visualiza certas imagens? Quais?
53. O que pensa você do sado-masoquismo (dominação-submissão)? Você já o experimentou?
54. Que livros sobre sexo você já leu? Qual a sua opinião sobre eles?
55. O que pensa você da “revolução sexual”?
56. Você acha que o sexo é de alguma forma político?
57. Há alguma coisa da qual você gostaria de falar que não foi abordada neste questionário? Se há, por favor responda aqui.
58. Por que você respondeu a este questionário (*obrigada!*), onde você o obteve, o que você achou dele?

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Carolina Abelaira Silveira, matricula nº17103596 declaro para todos os fins que o texto em forma de (X) Dissertação de mestrado ou () Tese de Doutorado, intitulado **Entre orgasmos ou a falta deles: a construção da sexualidade feminina nas obras de William Master & Virginia Johnson e Shere Hite**, é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal (“Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos”).

Pelotas, 01 de julho de 2019.



ASSINATURA